



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FERNANDA MENDES CALEIRO

**EFEITOS DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO
ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL COM ADOLESCENTES
EM CONFLITO COM A LEI**

Londrina
2014

FERNANDA MENDES CALEIRO

**EFEITOS DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO
ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL COM ADOLESCENTES
EM CONFLITO COM A LEI**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientador: Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C148e Caleiro, Fernanda Mendes.

Efeitos de um programa de intervenção analítico-comportamental com adolescentes em conflito com a lei / Fernanda Mendes Caleiro. – Londrina, 2014. 122 f.

Orientador: Alex Eduardo Gallo.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Comportamento – Análise – Teses. 2. Intervenção (Psicologia) – Teses. 3. Autodomínio – Teses. 4. Adolescentes em conflito com a lei – Teses. I. Gallo, Alex Eduardo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9.019.43

FERNANDA MENDES CALEIRO

**EFEITOS DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAL COM ADOLESCENTES EM CONFLITO COM
A LEI**

Dissertação apresentada para cumprimento dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre em
Análise do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Ricardo da Costa Padovani
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP/
Santos

Prof^a. Dr^a. Silvia Aparecida Fornazari
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 29 de setembro de 2014.

AGRADECIMENTO (S)

Agradeço à minha mãe, por seu exemplo, e ao meu irmão Fabiano por todo o carinho e apoio nos momentos de maior dificuldade.

Ao meu pai e à minha avó, que embora não estejam mais comigo deixaram seus ensinamentos contribuindo para me tornar uma pessoa melhor.

Ao meu esposo Jonas, agradeço todo o companheirismo durante essa caminhada, por todo o amor e o carinho que sempre me dedicou. Amo-te.

Agradeço a toda a minha família que acreditou no meu esforço e na minha superação diante dos inúmeros obstáculos.

Meus agradecimentos a todos os meus professores pelo comprometimento que apresentaram ao longo desses anos de formação possibilitando o meu crescimento acadêmico e profissional.

Aos colegas agradeço pelo companheirismo durante o curso, em especial àqueles que propiciaram o começo de uma nova amizade. Pedro, Júlio, Leandro, Luciano, obrigada.

Ao meu grande amigo Taimon Maio sou grata pela constante troca de conhecimento, pela cumplicidade e pelo carinho que auxiliaram no meu crescimento pessoal. Aos seus pais também sou grata pelo apoio e pela amizade de tantos anos.

À minha incansável amiga, Débora Dias, que contribuiu com a sua amizade sincera e fraterna estando sempre ao meu lado nesses últimos anos.

Ao Eduardo Margonar por ter sido tão atencioso e prestativo logo no começo do projeto.

Ao Diretor do Cense II de Londrina, Márcio Schimidt, que com seu apoio, tornou isso possível.

À Psicóloga do Cense II, Camila Padovezi por toda a dedicação e apoio durante o tempo de pesquisa.

Aos Educadores Sociais envolvidos por serem solícitos e acreditarem neste trabalho.

À Profa. Silvia Fornazari por todas as suas sugestões que contribuíram para a concretização deste trabalho. Igualmente ao Professor Ricardo Padovani pela gentileza e disposição em participar da minha defesa.

Meus especiais agradecimentos ao Professor e orientador Alex Gallo, pelo empenho e dedicação aos seus orientandos, sobretudo, na confiança e dedicação a mim dispensadas. Obrigada!

"Poderíamos solucionar muitos dos problemas de delinquência e criminalidade, se pudéssemos mudar o meio em que foram criados os transgressores."

(Skinner)

CALEIRO, Fernanda. Mendes. **Efeitos de um programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei.** 2014. 122f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

A preocupação com a incidência de atos infracionais envolvendo jovens menores de idade vem aumentando nos últimos anos. Um dos possíveis fatores de risco que contribui para que os jovens continuem com a emissão de comportamentos desviantes após atingirem a maior idade pode estar na dificuldade de generalização de comportamentos considerados socialmente adequados após cumprirem medidas socioeducativas. Com base nessa constatação, entende-se o autocontrole seria de grande relevância num processo de intervenção na medida em que tem, dentre outras, a função de ensinar o indivíduo a descrever seu próprio comportamento e analisá-lo funcionalmente, aumentando as chances de o indivíduo exercer controle sobre seu próprio responder, possibilitando assim, a tomada de decisão. O trabalho visa, portanto, apresentar os resultados de um programa de intervenção analítico-comportamental em respostas de impulsividade aumentando o repertório de autocontrole em adolescentes em conflito com a lei, na tentativa de proporcionar uma tecnologia eficaz na reintegração dessa população. Para tanto, foram realizados três estudos. O primeiro estudo consiste na fundamentação teórica sobre o comportamento de autocontrole e na descrição dos fatores responsáveis pela prática infracional. Os fatores de risco consistem em: evasão escolar e transtornos de aprendizagem precoces, exposição pregressa à violência, ausência ou déficit educacional parental e exclusão social relacionada a atuação das políticas públicas. O segundo estudo apresenta uma nova proposta de treino de autocontrole em adolescentes em conflito com a lei, utilizando-se de um conjunto de técnicas analítico-comportamentais como forma de aprimorar as intervenções nos centros de medidas socioeducativas. Finalmente, o terceiro estudo apresenta os resultados da aplicação do programa de intervenção desenvolvido no estudo 2, aplicado em quatro adolescentes em conflito com a lei em um Centro Socioeducativo. Os resultados apontam para a redução de comportamentos de impulsividade avaliados a partir dos instrumentos aplicados antes e após a intervenção.

Palavras-chave: Adolescentes em conflito com a lei. Autocontrole. Intervenção.

CALEIRO, Fernanda Mendes. **Effects of a behavior analict intervention program on selfcontrol with young offenders.** 2014. 122p. Master's degree thesis - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

The concern about young committing criminal acts are higher on last years. One possible risk factor to adolescent still emitting deviant behaviors after adulthood could be the difficult on generalizing adequate social behaviors after alternative measures. Based on this, self-control could be highly relevant on intervention process during measure that have, among other functions, teach the individual to describe his/her own behavior and functionally analyze it, increasing the chance the individual controls his/her own respond, making possible decision making. This work aimed at presenting results of a behavioral analytic intervention program on impulsivity responses increasing the repertoire of self-control with young offenders, in an attempt to deliver an effective technology for this population reintegration. For so, we performed three studies. The first study is a theoretical analysis of self-control behavior and factors responsible for criminal acts. Those factors are: school dropout and early learning disabilities, early exposure to violence, lack of deficit of parenting education, and social exclusion related to public policies. The second study presented an intervention suggestion to develop self-control among young offenders based on behavior analysis assumptions as a way to improve intervention used on alternative measure facilities. Finally, the third study presented results of the intervention program developed on Study 2 applied with four young offenders in secure custody. Results point out the reduction of impulsive behavior scored by instruments applied before and after intervention.

Keywords: Young offenders. Self-control. Intervention.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Medidas disciplinares aplicadas nos quatro participantes e que ocorreram entre os meses de março e agosto por realizarem os referidos comportamentos. 56
- Figura 2** - Medidas disciplinares aplicadas nos quatro participantes e que ocorreram entre os meses de março e agosto por realizarem os referidos comportamentos. 57
- Figura 3** – Comportamentos emitidos nos últimos meses antes da internação obtidos por meio da entrevista com a família. 58
- Figura 4** – Relato dos educadores sociais de um dos turnos de plantão em relação aos comportamentos dos adolescentes emitidos antes e após programa de intervenção. 59
- Figura 5** – Relato dos educadores sociais de um dos turnos de plantão em relação aos comportamentos dos adolescentes emitidos antes e após o programa de intervenção. 59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese do programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole	28
Tabela 2 – Perfil dos participantes da pesquisa em relação aos dados pessoais, escolaridade, escolaridade dos pais e uso de substância química.....	52
Tabela 3 – Relato verbal dos participantes sobre a relação familiare aspectos da infância	53
Tabela 4 – Relato verbal dos participantes sobre a relação com os amigos.....	54
Tabela 5 – Relato verbal dos participantes sobre o que consideram seus defeitos, qualidades e comportamentos que gostariam de mudar.	55
Tabela 6 – Relato verbal dos participantes sobre o dia que considera mais triste, o dia que considera mais feliz e objetivos para o futuro.....	56
Tabela 7 – Resultado do inventário aplicado nas mães dos adolescentes durante a fase de pré-teste (Gomide, 2006).....	61
Tabela 8 – Análise funcional realizado pelo P1 dos comportamentos emitidos nos últimos meses.....	62
Tabela 9 – Levantamento realizado pelo P1 de comportamentos para substituição dos comportamentos emitidos da Tabela 7.....	62
Tabela 10 – Análise funcional realizado pelo P2 dos comportamentos emitidos nos últimos meses.....	63
Tabela 11 – Levantamento realizado pelo P2 de comportamentos para substituição dos comportamentos da análise funcional da Tabela 9.....	63
Tabela 12 – Análise funcional realizado pelo P3 dos comportamento emitidos nos últimos meses.....	64
Tabela 13 – Levantamento realizado pelo P3 de comportamentos para substituição dos comportamentos da análise funcional da Tabela 11.....	64
Tabela 14 – Análise funcional realizado pelo P4 dos comportamentos. emitidos nos últimos meses.....	65
Tabela 15 – Levantamento realizado pelo P4 de comportamentos para substituição dos comportamentos da análise funcional da Tabela 13.....	66
Tabela 16 – Relato das autorregras emitidas pelo P1 e a possibilidade de substituição por novas autorregeras.....	67
Tabela 17 – Relato das autorregras emitidas pelo P2 e a possibilidade de substituição por novas autorregeras	67

Tabela 18 –	Relato das autorregras emitidas pelo P3 e a possibilidade de substituição por novas autorregeras	67
Tabela 19 –	Relato das autorregras emitidas pelo P4 e a possibilidade de substituição por novas autorregeras.	67
Tabela 20 –	Situação indicada pelo P1 e descrição de três possibilidades de emissão de comportamento, agressivo, passivo e assertivo.....	68
Tabela 21 –	Situação indicada pelo P2 e descrição de três possibilidades de emissão de comportamento, agressivo, passivo e assertivo.....	69
Tabela 22 –	Situação indicada pelo P3 e descrição de três possibilidades de emissão de comportamento, agressivo, passivo e assertivo.....	69
Tabela 23 –	Situação indicada pelo P4 e descrição de três possibilidades de emissão de comportamento, agressivo, passivo e assertivo.....	70
Tabela 24 –	Levantamento realizado pelo P1 sobre os objetivos para o futuro, consequências positivas dos objetivos, desafios encontrados e planejamento das ações.....	71
Tabela 25 –	Levantamento realizado pelo P2 sobre os objetivos para o futuro, consequências positivas dos objetivos, desafios encontrados e planejamento das ações.....	72
Tabela 26 –	Levantamento realizado pelo P3 sobre os objetivos para o futuro, consequências positivas dos objetivos, desafios encontrados e planejamento das ações.....	72
Tabela 27 –	Levantamento realizado pelo P4 sobre os objetivos para o futuro, consequências positivas dos objetivos, desafios encontrados e planejamento das ações.....	74
Tabela 28 –	Análise descritiva de uma situação problema realizada pelo P1.	74
Tabela 29 –	Análise descritiva de uma situação de provocação realizada pelo P1	74
Tabela 30 –	Análise descritiva de uma situação problema realizada pelo P2	74
Tabela 31 –	Análise descritiva de uma situação de provocação realizada pelo P2	74
Tabela 32 –	Análise descritiva de uma situação problema realizada pelo P3	75
Tabela 33 –	Análise descritiva de uma situação de provocação realizada pelo P3	75
Tabela 34 –	Análise descritiva de uma situação de provocação realizada pelo P4.	75
Tabela 35 –	Análise descritiva de uma situação de provocação realizada pelo P4	75
Tabela 36 –	Resultado da satisfação em relação ao programa de intervenção apresentado pelo número de relatos positivos e negativos	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CENSE	Centro de Socioeducação
CEP	Conselho de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CONEP	Conselho Nacional de Ética em Pesquisa
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IEP	Inventário de Estilos Parentais
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
TCLE	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
ARTIGO 1 VARIÁVEIS RESPONSÁVEIS PELO ENVOLVIMENTO DOS ADOLESCENTES EM ATOS INFRACIONAIS: O AUTOCONTROLE COMO POSSIBILIDADE DE REINSERÇÃO DESSES JOVENS NO CONTEXTO SOCIAL	4
1 Introdução	8
2 Relações familiares inefetivas como fatores de risco	8
3 Escolaridade e dificuldades de aprendizagem como fatores de risco	9
4 Contexto de violência como fator de risco.....	10
5 Intervenção com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas	11
6 Análise do comportamento e o autocontrole.....	13
7 Punição como forma controle	15
Considerações finais	16
Referências	17
ARTIGO 2 PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DE AUTOCONTROLE COM ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI	22
1 Introdução	26
2 Método	28
3 Programa de Intervenção.....	30
3.1 Sessão 1 – Estabelecendo metas para a intervenção	30
3.2 Sessão 2 – Como estou me comportando?.....	31
3.3 Sessão 3 – Como devo me comportar?.....	32
3.4 Sessão 4 – Mudando alguns pensamentos	32
3.5 Sessão 5 – Desenvolvendo comportamentos assertivos.....	33
3.6 Sessão 6 – Aprendendo a relaxar	33
3.7 Sessão 7 - Encorajamento sobre o futuro	35

3.8	Sessão 8 – Resolução de problemas	35
3.9	Sessão 9 – Como faço isso?	36
3.10	Sessão 10 – Fechamento	36
	Considerações finais	36
	Referências	37
ARTIGO 3	EFEITOS DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO COMPORTAMENTAL DE AUTOCONTROLE COM ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI	40
1	Introdução	44
2	Método	46
2.1	Ambiente e materiais	46
2.2	Participantes	47
2.3	Instrumentos	47
3	Aspectos Éticos	48
4	Procedimentos	48
4.1	Etapa 1 : Pré-teste.....	48
4.2	Etapa 2 Intervenção	49
4.3	Etapa 3 : Pós-teste	51
5	Resultados	52
6	Discussão.....	77
	Considerações finais	78
	Referências	79
ANEXO 1 -	Resolução de problemas.....	81
ANEXO 2 –	Roteiro de Entrevista para o adolescente	86
ANEXO 3 -	Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos	92
ANEXO 4 -	Termo de Confidencialidade e Sigilo apresentado ao Diretor da Instituição coparticipante	91
APÊNDICE A -	Como estou me comportando?	96
APÊNDICE B -	Como devo me comportar?	98
APÊNDICE C -	Mudando alguns pensamentos	100

APÊNDICE D - Desenvolvendo comportamentos assertivos	102
APÊNDICE E - Encorajamento para o futuro	105
APÊNDICE F - Questionário de satisfação com o programa de intervenção	108
APÊNDICE G - Roteiro de entrevista para a família e Educadores Sociais	113
APÊNDICE H - Protocolo de observação	117
APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado ao familiar ou responsável pelo adolescente e ao adolescente participante	119
APÊNDICE J - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Educador Social)	121

APRESENTAÇÃO

O interesse pelo tema surgiu ainda na época da graduação quando tive os primeiros contatos com a análise do comportamento e também ao acompanhar, mesmo que a distância, a trajetória acadêmica do meu então orientador Professor Alex Gallo. Tão logo ingressei no programa de mestrado e após participar das inúmeras discussões na disciplina de intervenção com pais eu já tive a certeza com qual grupo eu queria atuar.

Aos poucos o projeto foi tomando forma, ideais foram surgindo, sugestões acontecendo, enfim, foi um caminho longo até chegar ao produto final, mas que com muito esforço e dedicação tornou-se possível.

Com tudo isso conclui que trabalhar com pesquisa aplicada e especialmente com adolescentes em conflito com a lei é um grande desafio, no entanto, também descobri que inúmeros são os benefícios que as intervenções, sobretudo, a de abordagem comportamental, podem oferecer aos indivíduos que não se adaptam às normas sociais e que vivem à margem da sociedade.

Deste modo, o trabalho que segue foi desenvolvido em três estudos que situam o leitor sobre a teoria e a prática que envolve o tema. O primeiro artigo apresenta um estudo teórico sobre o comportamento de autocontrole e sobre as variáveis responsáveis pela prática infracional, o segundo propõe um programa de intervenção analítico comportamental para adolescentes que cumprem medidas socioeducativas e por fim, o terceiro estudo apresenta os resultados da intervenção realizada com esses jovens sugerindo novas possibilidades tecnológicas para a área.

ARTIGO 1

VARIÁVEIS RESPONSÁVEIS PELO ENVOLVIMENTO DOS ADOLESCENTES EM
ATOS INFRACIONAIS: O AUTOCONTROLE COM POSSIBILIDADE DE
REINSERÇÃO DESSES JOVENS NO CONTEXTO SOCIAL

VARIABLES RELATED TO ADOLESCENT CRIMINAL ENGAGEMENT: SELF-
CONTROL AS A WAY FOR SOCIAL ADJUSTMENT

ESTUDO TEÓRICO

Fernanda Mendes Caleiro

Universidade Estadual de Londrina

Alex Eduardo Gallo

Universidade Estadual de Londrina

ARTIGO 1

VARIÁVEIS RESPONSÁVEIS PELO ENVOLVIMENTO DOS ADOLESCENTES EM
ATOS INFRACIONAIS: O AUTOCONTROLE COMO POSSIBILIDADE DE
REINSERÇÃO DESSES JOVENS NO CONTEXTO SOCIAL

VARIABLES RELATED TO ADOLESCENT CRIMINAL ENGAGEMENT: SELF-
CONTROL AS A WAY FOR SOCIAL ADJUSTMENT

ESTUDO TEÓRICO

Caleiro, F. M. (2014). *Variáveis responsáveis pelo envolvimento dos adolescentes em atos infracionais: o autocontrole como possibilidade de reinserção desses jovens no contexto social*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil.

RESUMO

O envolvimento de adolescentes com a produção de violência tem desenvolvido uma série de discussões sociais, legislativas e acadêmicas. Frequentemente são divulgados fatos que comprovam o envolvimento de adolescentes com a prática de atos infracionais. É indubitável que essa temática transcorre uma série de questões, desde os fatores de risco implicados nesse comportamento até a responsabilização do Estado. Deste modo, o presente trabalho tem por objetivo descrever os principais fatores responsáveis pela prática infracional de adolescentes em conflito com a lei. Os fatores de risco consistem em: evasão escolar e transtornos de aprendizagem precoces, exposição pregressa à violência, ausência ou déficit educacional parental e exclusão social relacionada a atuação das políticas públicas. O trabalho apresenta também o conhecimento produzido na análise do comportamento sobre o repertório de autocontrole e como este pode contribuir para a reinserção desses jovens no contexto social.

Palavras-chave: adolescentes em conflito com a lei; fatores de risco; autocontrole.

Caleiro, F. M. (2014). *Variables related to adolescent criminal engagement: Self-control as a way for social adjustment*. Master's degree thesis, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brazil.

ABSTRACT

Adolescents enrolment in violence had developed several social, legislative and academic discussions. Facts are frequent reported that support the enrolment of young in criminal acts. There are no questions that this issue produce questions from risk factors for criminal behavior to law enforcement. So, the present work proposed a discussion about variables related to enrolment of adolescents in criminal behavior. Those factors are: school dropout and early learning disabilities, early exposure to violence, lack or deficit of parenting education, and social exclusion due public policies. The work shows, also, the behavior analysis approach of self-control repertoires and the way these can contribute to insert those young into social context.

Keywords: adolescent in conflict with the law; risk factors; self-control.

1 Introdução

O envolvimento de adolescentes com a produção de crimes como assaltos, tráfico e homicídios tem gerado uma série de discussões sociais, legislativas e acadêmicas. Frequentemente são divulgadas notícias que sustentam o fato do envolvimento de adolescentes com a prática de atos infracionais, tornando-se incontroversa a necessidade de pesquisas sobre questões que compreendem desde os motivos que levam os adolescentes ao conflito com a lei até a responsabilização do próprio Estado (Brasil, 2006).

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/90, a adolescência compreende dos doze aos dezoito anos de idade, não podendo nesse período, o adolescente ser visto como adulto. No entanto, nessa fase ele já pode ser responsabilizado judicialmente pela prática de um ato infracional. A responsabilização pela prática infracional encontra-se definida no Estatuto, do artigo 112 ao 121, no qual todas as medidas socioeducativas são aplicadas ao adolescente de acordo com a peculiaridade de cada caso (Brasil, 1990).

No Brasil, geralmente os adolescentes são enviados aos Centros Socioeducativos devido aos conflitos com a lei que se estabelecem de maneira precoce e que estão comumente correlacionados as más condições sociais às quais esses jovens foram expostos. Ademais os adolescentes inseridos em programas de medidas socioeducativas configuram uma ampla problemática social, uma vez que muitos jovens acabam reincidindo após cumprirem as medidas judiciais (Chang, Chen & Brownson, 2003; Maxwell & Maxwell, 2003). Um dos possíveis motivos que contribui para que os adolescentes continuem com a emissão de comportamentos indesejáveis após cumprirem as medidas socioeducativas pode estar na dificuldade de generalização de comportamentos considerados socialmente adequados, já que o retorno ao contexto anterior à internação não oferece condições suficientes para essa generalização (Simonassi, Borges & Loja, 2000).

2 Relações familiares inefetivas como fatores de risco

Comportamentos considerados socialmente adequados e prossociais podem ser desenvolvidos a partir das chamadas práticas educativas positivas. Essas práticas são voltadas, sobretudo, ao estabelecimento adequado de regras e de atenção, distribuição de afeto e supervisão e acompanhamento das atividades dos filhos, desenvolvimento de empatia, senso de justiça e responsabilidade, distinção entre o certo e o errado. Em contrapartida, as práticas educativas negativas podem desenvolver comportamentos considerados antissociais e são

advindas da ausência de afeto e atenção, disciplina por meio de ameaças, descuido das regras estabelecidas, consequências emitidas condicionais ao humor dos pais etc. (Gomide, 2003).

Gallo (2005) também caracteriza as relações familiares inefetivas, ausência de monitoramento das atividades dos filhos, comportamentos incongruentes, vínculo pouco afetivo nas relações interpessoais como fatores responsáveis pela prática infracional. Contudo, Gallo aponta para outros fatores como baixo nível socioeconômico, má influência dos pais e história comportamental de exposição a situações de violência, como constituindo fatores de risco relacionados com a prática infracional. Um ponto a se discutir, portanto, são os fatores de risco que contribuem para a violação das normas sociais.

Webster-Stratton (1998) define os fatores de risco como sendo variáveis biológicas e ambientais associadas à alta probabilidade de ocorrência de resultados indesejáveis, como por exemplo, a prática de atos infracionais. Entende-se, deste modo, que a maioria dos adolescentes em conflito com a lei provém de lares ou contextos de convivência que não subsidiam o seguimento apropriado de normas de conduta moral e legal ou que não fornecem os modelos de comportamento apropriados ao que é frequentemente esperado pela sociedade (Carvalho & Gomide, 2005, Gallo 2008 e Smith & Stern, 1997).

3 Escolaridade e dificuldades de aprendizagem como fatores de risco

Quando esses jovens se encontram em processo de internação, o principal objetivo das medidas socioeducativas é o de inseri-los em programas de Políticas Públicas das quais não participavam anteriormente, tendo como prioridade projetos voltados ao processo de escolarização (Brasil, 2006). Entretanto, em uma parcela significativa dessa população constata-se as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar. A evasão escolar é um fator que chama a atenção nessa população, bem como a incompatibilidade idade/série (Gallo & Williams, 2008, Carvalho & Gomide, 2005, Feijó & Assis, 2004).

Estudos correlacionais apontam que na maioria das vezes, já haviam sinais de alerta para a possibilidade de envolvimento com atos infracionais, como por exemplo, queixas referentes ao rendimento acadêmico, evasão, dificuldades de aprendizagem e emissão de comportamentos indesejáveis na escola (Ang & Huan, 2008; Deater-Deckard, 2001; Foley, 2001; Stouthamer-Loeber, Loeber, Wei, Farrington & Wikström, 2002, Vacca 2008). Esses sinais podem, entre outras coisas, estar relacionados aos transtornos da aprendizagem, como no caso, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). As características nucleares do TDAH na infância são a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade e estas

afetam de forma significativa o desempenho acadêmico, o ajustamento psicossocial e o relacionamento familiar e social (Graeff & Vaz, 2008).

Pesquisas sobre TDAH apontam que crianças que apresentam o transtorno possuem menores chances de concluir o ensino médio e maiores chances de desenvolver transtorno de aprendizagem e delinquência juvenil (Barkley, 2002). Essas crianças apresentam ainda maior comorbidade com transtorno disruptivos do comportamento, os transtornos ansiedade e de humor (Rohde, Constantino, Filho, Benetti, Gallois, & Kieling, 2004).

Outro aspecto relevante é a alta taxa de comorbidade entre TDAH e abuso ou dependência de drogas na adolescência, 9% a 40%. Discute-se, inclusive, se o TDAH por si só não é um fator de risco para o abuso ou dependência de drogas na adolescência ou para o desenvolvimento de comportamentos opostos, mas os estudos, contudo, mostram que é muito frequente a comorbidade de TDAH e transtorno de conduta. Apresentam, igualmente, que o transtorno de conduta associa-se claramente ao abuso e a dependência de drogas (Rohde, Barbosa, Tramontina & Polanczyk, 2000). Dessa forma, é possível que o abuso e a dependência de drogas ocorra com maior frequência num subgrupo de adolescentes com TDAH que apresentam conjuntamente transtorno de conduta, sendo que o fator de risco não seria o TDAH em si, mas sim a comorbidade com transtorno de conduta.

4 Contexto de violência como fator de risco

Outra categoria de fator de risco, que converge fatores fortemente associados ao comportamento infracional é o contexto de violência progressiva. Muitos adolescentes presenciam, precocemente, diversas formas de violência, tais como mortes violentas, assassinato de amigos, violência familiar e violência na comunidade (Meier, Slutske, Arndt, & Cadoret, 2008). Neste ponto, é interessante observar que, embora adolescentes de todas as classes sociais, etnias e crenças cometam infrações, determinados grupos são mais captados por esse sistema. No geral, nos centros socioeducativo encontram-se, em grande número, adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Possuir nível socioeconômico baixo, muitas vezes, implica em viver em regiões de alto risco para a criminalidade, o que por sua vez, expõe o indivíduo à violência e a maior probabilidade de comportamento infracional.

Não há dúvidas, portanto, da necessidade de avanço nesse contexto que envolve os jovens em conflito com a lei, uma vez que vivemos em uma sociedade excludente e a rigidez com que são projetadas as causas da violência para algumas classes e para alguns indivíduos é muito grande. Ademais, viver em áreas de alto risco a viver em áreas de baixo risco, também

pode produzir maiores índices de impulsividade no comportamento infracional (Meier, Slutske, Arndt & Cadoret, 2008).

5 Intervenção com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas

Além da problemática sistêmica relacionada à exclusão e às más condições sociais fornecidas por parte do estado, os programas de intervenção que visam à reabilitação dos adolescentes em conflito com a lei à convivência social apoiando a proteção dos direitos desse grupo. Esses jovens enfrentam também, problemas relativos à construção de métodos de intervenção individualizada em programas de políticas públicas (Davoglio & Gauer, 2011).

As medidas aplicadas atualmente, de modo algum conseguem ao mesmo tempo, prevenir, resgatar e tratar os fatores que visam à reinserção do adolescente com uma qualidade de vida em seu meio. Ao contrário, desenvolvem muitas vezes, repertórios comportamentais ainda mais complexos que outrora desenvolveram antes do cumprimento das medidas socioeducativas. Muitos jovens acabam se envolvendo com drogas, envolvem-se em rivalidade com outros grupos dentro dos centros socioeducativos, desenvolvem comportamentos de hostilidade para com figuras de autoridade, entre outros (Pacheco, 2004).

A ciência do comportamento sugere que o desenvolvimento de comportamentos prossociais ou mesmo a diminuição de práticas infracionais encontra-se na realização de programas educativos com o envolvimento das crianças, adolescentes, pais, professores e até mesmo dos funcionários das instituições (Conte, 1996; Gomide, 1998; Gomide, 2003; Berri, 2004; Gallo, 2006). Com isso, é importante salientar que as contingências que fornecem condições ao comportamento de obedecer às normas sociais e ao comportamento de autocontrole são essenciais no estabelecimento do comportamento moral. (Schlinger, 1995).

Ao revisar-se a literatura, constata que, infelizmente, no Brasil ainda é reduzido o número de pesquisas aplicadas direcionadas a intervenção com adolescentes em conflito com a lei. Todavia, é imprescindível atenção aos estudos que dão origem a novas práticas, uma vez que a intervenção é uma das principais alternativas de trabalho com os jovens que se envolveram com a prática de atos infracionais e talvez a única possibilidade de reinserção dos que cumprem medida no meio social.

Para tanto Gallo (2008) realizou um trabalho comparando o Estatuto da Criança e do Adolescente a leis semelhantes do Canadá, intituladas *Youth Criminal Justice Act*. O pesquisador obteve resultados que apontam para semelhança entre as leis nos dois países, no que se refere à execução das medidas alternativas. Entretanto, os índices de violência no

Canadá são significativamente menores do que no Brasil, o que aponta que não são as medidas judiciais que diminuem a violência, mas uma série de fatores sociopolíticos, educacionais e culturais. Gallo (2008) afirma ainda, que se houver um trabalho conjunto entre o sistema judiciário e as universidades, como observado no Canadá, poderá haver promoção de conhecimento cientificamente fundamentado para aprimoramento das medidas socioeducativas.

Outro pesquisador que dedicou-se a estudar essa população foi Padovani (2003), que realizou uma intervenção com os adolescentes utilizando estratégias de resolução de problemas. Os quatro adolescentes participantes da pesquisa encontravam-se em regime de internação provisória em uma instituição vinculada à Vara da Infância de uma cidade do interior de São Paulo. O programa de intervenção foi realizado em dez sessões individuais, sendo três sessões na fase de pré-teste e sete sessões na fase de intervenção. O principal objetivo do estudo foi desenvolver o repertório de habilidades de resolução de problemas em adolescentes que estavam em cumprimento de medidas. Durante o estudo observou-se a diminuição dos escores de raiva em dois participantes, elevação da autoestima e diminuição no escore de depressão em todos os participantes. O pesquisador sugeriu a partir dos resultados a possibilidade de intervir com essa população e também a possibilidade do desenvolvimento de comportamentos prossociais.

Rocha (2008) igualmente realizou um estudo envolvendo intervenção com adolescentes em conflito com a lei. A pesquisadora trabalhou com onze adolescentes de uma unidade de Socioeducação do estado do Paraná. O objetivo principal do trabalho foi verificar a correlação entre as intervenções analítico-comportamentais e a diminuição de comportamentos de hostilidade, como mentir e culpar o outro e também, com o aumento de comportamentos de auto revelação, como a expressão de sentimentos positivos e expressão de arrependimento. Os resultados apontam para um aumento dos comportamentos desejáveis e a diminuição dos comportamentos indesejáveis em nove, dos onze participantes envolvidos no estudo, reiterando, a partir dos resultados, a possibilidade de desenvolvimento de comportamentos prossociais.

Apesar dos resultados positivos em relação às intervenções realizadas com adolescentes em conflito com a lei, não foi identificada no Brasil uma intervenção focando o desenvolvimento do repertório de autocontrole com essa população. Entende-se que o autocontrole seria de grande relevância num processo de intervenção na medida em que tem, dentre outras, a função de ensinar o indivíduo a descrever seu próprio comportamento e analisá-lo funcionalmente, aumentando as chances de exercer controle sobre seu próprio

responder, possibilitando assim, a tomada de decisão. Refletindo mais sobre esse tema, entende-se que muitas práticas infracionais poderiam ser evitadas se o indivíduo já possuísse em seu repertório o comportamento de autocontrole. Pois, em qualquer contexto, sempre haverá, pelo menos, uma alternativa que apresentará um reforço maior, porém com atraso em detrimento a uma alternativa imediata e com menor reforço ou possibilidade de punição (Hanna & Ribeiro, 2005).

6 Análise do comportamento e o autocontrole

A concepção mentalista tenta explicar o comportamento de autocontrole por meio de um agente interno, o definindo como força de vontade. As atribuições geralmente são de cunho valorativo, como por exemplo: bom caráter, responsável, capacidade de enfrentar situações difíceis, conseguir resistir a tentações, possuir uma personalidade forte, entre outros (Skinner, 1989/1991). Entretanto, Skinner entende que a necessidade de um agente interno para explicar quaisquer comportamentos, incluindo o comportamento de autocontrole, não é útil para uma análise científica do comportamento por desviar a atenção de variáveis ambientais das quais o comportamento é função. De acordo com o pesquisador, o autocontrole se caracteriza pela possibilidade do próprio indivíduo manipular as variáveis das quais o comportamento é função, ou seja, controlar o seu próprio comportamento. Tais contingências modulam os conflitos entre as consequências imediatas e as atrasadas para o indivíduo e entre as consequências para o indivíduo e aquelas para o grupo (Skinner, 1974/2006).

A comunidade verbal fornece desde muito cedo, no processo de socialização da criança, concepções de certo e errado. A possibilidade de descrever contingências e de responder diante dessas descrições permite que o indivíduo influencie o outro a emitir respostas que podem ser reforçadas positiva ou negativamente, antes que as consequências diretas dessas respostas possam ser fortalecidas (Amorim & Andery, 2002). O comportamento verbal torna-se, portanto, um estímulo antecedente com função de estímulo discriminativo promovendo alterações em comportamentos mantidos por reforçamento de menor magnitude e imediato ou de maior magnitude em longo prazo (Skinner, 1953/2000).

Para exemplificar, suponha-se que um indivíduo possua um frágil repertório comportamental de autocontrole. O comportamento deste sujeito está sob controle de estímulos que ocorrem imediatamente após sua emissão. Se vir comida estando em privação ele come ou se estiver próximo a um cigarro em processo de abstinência, ele fuma. Suas

respostas, neste caso, estão sendo controladas pelos estímulos ambientais que se seguem imediatamente. De outro modo, suponha-se um sujeito que possui repertório de autocontrole mais desenvolvido. Além de formular objetivos de médio e longo prazo, através da regulação do comportamento verbal, ele resiste à presença de reforçadores. Esse indivíduo identifica condições que afetam seu comportamento e altera as variáveis ambientais das quais seu comportamento é função, como não comprar doces, evitar locais que possuam pessoas fumando, emitir uma autoinstrução etc. Neste caso, as consequências positivas e negativas geram duas respostas relacionadas uma à outra de modo especial: uma resposta, a controladora, afeta as variáveis de maneira a mudar a probabilidade da outra, a resposta controlada (Skinner, 1953/2000).

O autocontrole foi um termo bastante discutido por Skinner, que dedicou um capítulo de seu livro *Ciência e comportamento humano* ao objetivo de explicar os termos mentalistas como sendo a interação do organismo e o ambiente. O teórico afirma que o indivíduo começa a controlar seu próprio comportamento quando há conflito nas consequências que seguem a resposta – reforçamento positivo e negativo. Deste modo, a resposta controladora (autocontrole) é emitida reduzindo a emissão da resposta controlada (comportamento de impulsividade). Seu controle está na manipulação de variáveis ambientais que podem ser identificadas por meio da análise funcional (Skinner, 1953/2000). Embora Skinner tenha contribuído para a compreensão conceitual do autocontrole, foi Rachlin (1970) quem começou a estudar experimentalmente esse comportamento.

Durante a década de 70, o comportamento de escolha esteve fortemente presente no cenário da pesquisa básica (Baum, 1974, Todorov, 1971, Herrnstein, 1970). Uma possibilidade para tal esforço é de que todo o comportamento envolve escolha. Mesmo em um ambiente experimental, os sujeitos podem optar em realizar uma dentre outras alternativas. As consequências das respostas é que são decisivas para a determinação das preferências em certos contextos (Mazur, 1986).

Em outros estudos experimentais, Rachlin (1970, 1974, 1976, 1989, 1991) contemplou a proposta de autocontrole como processo básico de comportamento de escolha. Em uma das pesquisas (Rachlin & Green, 1972) foram utilizados pombos para a realização da chamada “escolha com compromisso”. No elo inicial do procedimento foram programadas duas alternativas de respostas (chave A e B). Cada resposta conduzia a um elo terminal diferente. Resposta em A produzia condição de estímulo para R1 e R2, enquanto resposta em B produzia apenas condição de estímulo para R1. A emissão em R2 era seguida de uma quantidade pequena de alimento e a emissão em R1 era seguida para a emissão maior de

alimento (resposta de autocontrole). Os pesquisadores mostraram que os sujeitos escolheram mais a alternativa A, alternativa de respostas consideradas de impulsividade, mudando para a escolha da alternativa de compromisso B apenas com a introdução de um período de tempo mais longo entre a resposta em A ou B. Sugeriu-se a partir disso, que experiências com aumento gradual de atraso de reforçamento parecem aumentar a escolha pela alternativa de autocontrole.

No que se refere à área aplicada, os estudos envolvendo autocontrole são realizados, em geral, com sujeitos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista ou com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, por entender que esses sujeitos apresentam comportamentos de agressividade, mantidos por reforçamento imediato (Barkley, 1997, 2000, Neef *et al.* 2005). Um estudo (Dixon & Cummings 2001) realizado com três crianças autistas apontou que a possibilidade de se utilizar esvanecimento com outras técnicas pode tornar a ocorrência de comportamentos de autocontrole mais provável. O esvanecimento do atraso combinado à possibilidade de realizar a tarefa durante a espera aumentou a preferência pela alternativa de maior magnitude (autocontrole) diminuindo a ocorrência de comportamentos considerados de impulsividade. Os resultados da pesquisa apontam que a inclusão de uma alternativa de resposta com reforçamento adicional aumenta a probabilidade de escolha pelo comportamento de autocontrole.

Análogo a esses resultados pode-se observar situações de escolhas nos programas de reabilitação de detentos em presídios. Os presidiários em condição de internamento geralmente estão em contextos que requerem a escolha entre três alternativas: (1) aguardar a pena passar, (2) engajar-se em comportamentos que permitam uma possível fuga e, conseqüentemente, envolver-se em novos delitos ou (3) trabalhar em oficinas ou atividades oferecidas pela instituição. Na escolha pela última alternativa, o indivíduo não só aguarda o tempo passar, como pode sentir-se útil, aprender uma nova profissão, realizar uma atividade que pode ser remunerada ou até mesmo a diminuição da pena estipulada judicialmente. Essa escolha pode ser definida, portanto, como comportamento de autocontrole (Hanna & Ribeiro, 2005).

7 Punição como forma controle

O fato de haver dificuldade de generalização dos comportamentos aprendidos dentro dos centros socioeducativos no ambiente social, não descarta a possibilidade de o adolescente cometer novos delitos. Isso levanta uma reflexão quanto ao caráter educativo de

ressocialização nas medidas de internação. A medida socioeducativa ainda é vista como uma alternativa paliativa, sobretudo, punitiva. O poder de coerção estabelecido nesse sistema fica longe do que realmente é proposto. Entretanto, pouco se produz em outra direção.

A punição, tema amplamente discutido por alguns analistas do comportamento (Catania, 1999; Moreira & Medeiros, 2007; Sidman, 2003; Skinner, 1953/2000), tem desenvolvido uma série de questões concernentes ao conflito entre os direitos individuais e o dever do Estado (Skinner, 1978). A temática permeia desde a educação familiar até o poder coercitivo que o Estado conserva em prol de um bem maior (segurança, direitos e deveres dos cidadãos etc.).

Skinner (1974/2006) alega que agentes de controle acabam recompensados por manter o controle. Tal afirmação pode, inclusive, ser analisada nos centros socioeducativos, onde os educadores sociais podem utilizar-se de técnicas coercitivas como forma de controlar a conduta agressiva de alguns adolescentes e como forma de manter o seguimento das regras internas da instituição. Entretanto, como Skinner mesmo aponta, os que são controlados passam a agir de forma a evitar esse controle, tentam de várias formas fazer com que o poder se equilibre, atacam a fim de enfraquecer ou destruir o poder controlador, ou seja, eles se opõem ao controle com o contracontrole (Skinner, 1974/2006). Adicionalmente o uso indiscriminado do método punitivo pode causar efeitos colaterais como o surgimento de emoções de raiva, a ressurgência do comportamento punido, além do desenvolvimento de outros repertórios comportamentais indesejáveis (Fadiman & Frager, 2002).

Patterson (1986) e Webster-Stratton (1998) afirmam que a ausência de reforçamento positivo para comportamentos socialmente desejáveis somado ao uso da punição propiciaria o desenvolvimento de comportamentos antissociais nas crianças. Além disso, no momento que cometem um ato infracional e vão para ambientes ainda mais coercitivos que o seu ambiente social, os jovens podem reproduzir com maior frequência comportamentos de agressividade, tornando-se dessa forma mais difícil o trabalho de reintegração social com essa população (Neri, 2012).

Considerações finais

O déficit escolar, os transtornos associados, a exclusão social, a exposição à violência familiar, o envolvimento com drogas e a prática de delitos revelam a ineficiência do Estado aos cuidados dispensados aos adolescentes. Esses dados apontam para as falhas na rede de proteção à infância, cuja principal consequência está no aumento do número de adolescentes

que praticam atos infracionais. No entanto, o objetivo desse trabalho não teve a intenção de avaliar as Políticas Públicas vigentes, mas sim de descrever os fatores relacionados ao envolvimento dos adolescentes em atos infracionais e de apresentar o conhecimento produzido na análise do comportamento sobre o repertório de autocontrole como forma de aprimorar as intervenções realizadas nos centros de medidas socioeducativas. Presume-se que a realização de trabalhos envolvendo novas metodologias seja importante na tentativa de reabilitar os adolescentes em conflito com a lei após sua integração à família e à sociedade.

Deste modo, entende-se que a ciência do comportamento pode ser de grande relevância num processo de intervenção, uma vez que possibilita o desenvolvimento de repertórios comportamentais fundamentais para a reinserção desses jovens no meio social e propostas inseridas nessa perspectiva podem contribuir para o fortalecimento dos comportamentos dos adolescentes e promover uma mudança em sua trajetória futura.

Referências

- Amorim, C., Andery, M. A. (2002). Quando esperar (ou não) pela correspondência entre comportamento e comportamento não-verbal. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 10. Contribuições para construção da teoria do comportamento* (pp.37-48). Santo André: ESEtec.
- Ang, R. P., & Huan, V. S. (2008). *Predictors of recidivism for adolescent offenders in a Singapore sample*. *Criminal Justice and Behavior*, 35(7), 895-905.
- Barkley, R. A. (1997). Behavioral inhibition, sustained attention, and executive functions: Constructing a unifying theory of ADHD. *Psychological Bulletin*, 121, 65-94.
- Barkley, R. A. (2000). *ADHA and the nature of self-control*. New York: Guilford Press.
- Barkley, R. A. (2002). *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo e autorizado para pais, professores e profissionais da saúde*. Porto Alegre: Artmed.
- Baum, W. M. (1974). On two types of deviation from the matching law: Bias and undermatching. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 22, 231-242.
- Berri, G. (2004). *Programa de Intervenção em Práticas Parentais para Mães de Adolescentes em Conflito com a Lei*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Psicologia da Infância e da Adolescência da UFPR.
- Brasil (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília – DF.

- Brasil (2006). Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Sistema Nacional De Atendimento Socioeducativo – SINASE. Brasília-DF: CONANDA.
- Catania, A.C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Carvalho, M. C. N., & Gomide, P. I. C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, 22(3), 263-275.
- Chang, J. J., Chen, J. J., & Brownson, R. C. (2003). The role of repeat victimization in adolescent delinquent behaviors and recidivism. *Journal of Adolescent Health*, 32(4), 272-280.
- Conte, F. C. S. (1996). *Pesquisa e Intervenção Clínica em Comportamento Delinqüente numa Comunidade Pobre*. Tese de Doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Davoglio, T. R., Gauer, G. J. C. (2011). Adolescentes em conflito com a lei: aspectos sociodemográficos de uma amostra em medida socioeducativa com privação de liberdade. *Contextos Clínicos*, 4 (1) 42-52 .
- Deater-Deckard, K. (2001). Annotation:recent research examining the role of peer relationships in the development of psychopathology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 42(5), 565-579.
- Dixon, M. R., Cummings, A. (2001). Self-control in children with autism: Response allocation during delays to reinforcement. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 34, 491-495.
- Fadiman, J. & Frager, R. (2002). *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Harbra.
- Feijó, M. C., & Assis, S. G. (2004). O contexto de exclusão social e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia*, 9(1), 157-166.
- Foley, R. M. (2001). Academic characteristics of incarcerated youth and correctional educational programs: a literature review. *Journal of emotional and behavioral disorders*, 9(4), 248-259.
- Gallo, A. E. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia teoria e prática*, 7, 81-95.
- Gallo, A. E. (2006). *Adolescentes em conflito com a lei: perfil e intervenção*. Tese de Doutorado Publicada. Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Gallo, A. E. (2008). Atuação do psicólogo com adolescentes em conflito com a lei: a experiência do Canadá. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 327-334.

- Gallo, A. E., & Williams, L. C. A. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de pesquisa*, 38(133), 41-59.
- Gomide, P. I. C. (2003). *Estilos parentais e comportamento anti-social*. Em A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidade Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem*. 21-60. Campinas: Alínea.
- Gomide, P. I. C. (1998). *Menor Infrator: a Caminho de um Novo Tempo*. Curitiba: Juruá.
- Graeff, R. L. & Vaz, C.E. (2008). Avaliação e diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). *Psicologia USP*, 19. 341-361
- Hanna, E. S. & Ribeiro, M. R. (2005). Autocontrole: um caso especial de comportamento de escolha. In: *Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação*. São Paulo: Artmed, 10, 175-87.
- Herrnstein, R.J. (1970). On the law of effect. *Journal of the Experimental Analysis of behavior*, 13, 243-66.
- Maxwell, C. D., & Maxwell, S. R. (2003). Experiencing and witnessing familial aggression and their relationship to physically aggressive behaviors among Filipino adolescents. *Journal of interpersonal violence*, 18(12), 1432-1451.
- Mazur, J. E. (1986). Fixed and variable ratios and delays: Further tests of an equivalence rule. *Journal of Experimental Psychology*, 12, 116-124.
- Meier, M. H., Slutske, W. S., Arndt, S., & Cadoret, R. J. (2008). Impulsive and callous traits are more strongly associated with delinquent behavior in higher risk neighborhoods among boys and girls. *Journal of Abnormal Psychology*, 117(2), 377- 385.
- Moreira, M. B. & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Neef, N. A., Marckel, J., Summer, J. F., Bicard, D. F., Endo, S., Aman, M. G., Miller, K. M., Jung, S., Nist, L., & Armstrong, N. (2005). Behavioral assessment of impulsivity: a comparison of children with and without attention deficit hyperactivity disorder. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 38, 23- 37.
- Pacheco, J. T. B. (2004). *A construção do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais: Uma análise a partir das práticas educativas e dos estilos parentais*. Unpublished doctoral dissertation. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Padovani, R. C. (2003). *Resolução de problemas com adolescentes em conflito com a lei: uma proposta de intervenção*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de São Carlos.
- Patterson, G. R. (1986). Performance Models for Antisocial Boys. *American Psychologist*, 41(4), 432-444.

- Rachlin, H. & Green, L. (1972). Commitment, choice and self-control. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 17,15-22.
- Rachlin, H. (1970). *Modern behaviorism*. San Francisco: Freeman.
- Rachlin, H. (1974). *Self-control*. *Behaviorism*, 2, 94-107.
- Rachlin, H. (1976). *Behavior and learning*. San Francisco: Freeman.
- Rachlin, H. (1989). *Judgment, decision, and choice: a cognitive/behavioral synthesis*. New York: Freeman.
- Rachlin, H. (1991). Self-Control. Em H. Rachlin (Ed.), *Introduction to modern behaviorism* (3ª. ed.) (pp. 264-286). New York: Freeman.
- Rocha, G. V. M. (2008). *Psicoterapia analítico-comportamental com adolescentes infratores de alto-risco: modificação de padrões anti-sociais e diminuição da reincidência criminal*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rohde, L. A., Biederman, J., Busnello, E. A., Zimmermann, H., Schmitz, M., Martins, S. & Tramontina, S. (1999). ADHD in a school sample of Brazilian adolescents: a study of prevalence, comorbid conditions, and impairments. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 38, 716-722.
- Rohde, L. A., Barbosa, G., Tramontina, S., & Polanczyk, G. (2000). Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22, 7-11.
- Rohde, L. A., Constantino, E., Filho, M., Benetti, L., Gallois, C., & Kieling, C. (2004). Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade na infância e na adolescência: considerações clínicas e terapêuticas. *Revista Psiquiatria Clínica*, 31, 124-131.
- Schlinger, Jr. H. D. (1995). *A behavior analytic view of child development*. New York: Plenum Press.
- Sidman, M. (2003). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Editora Livro Pleno.
- Simonassi, L.E., Borges, F.S. & Loja, B.O.B. (2000). Efeito do reforçamento diferencial de uma classe de resposta e generalização para outra classe sob controle instrucional de um mando. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 2(1): 21-29.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Prentice Hall.
- Skinner, B. F. (1991). *O eu iniciador*. Em B.F. Skinner (org.) Tradução de Anita Liberalesso Néri. Campinas: Ed. Papyrus. (Trabalho original publicado em 1989). Questões Recentes na Análise Comportamental.
- Skinner, B. F. (2000). *Ciência e comportamento Humano*. . Tradução de J. C. Todorov e R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).

- Skinner, B. F. (2006). *Sobre o Behaviorismo*. Tradução de M. da P. Villalobos. São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1974).
- Smith, C. A. & Stern, S. B. (1997). Delinquency and Antisocial Behavior: A Review of Family Processes and Intervention Research. *Social Service Review*, 71(3), 382-420.
- Stouthamer-Loeber, M., Loeber, R., Wei, E., Farrington, D. P., & Wikström, P. O. H. (2002). Risk and promotive effects in the explanation of persistent serious delinquency in boys. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70(1), 111-123.
- Todorov, J. C. (1971). Análise experimental do comportamento de escolha: algumas considerações sobre método em psicologia. *Ciência e Cultura*, 23, 585-594.
- Vacca, J. S. (2008). *Crime can be prevented if schools teach juvenile offenders to read*. *Children and Youth Services Review*, 30(9), 1055-1062.
- Webster-Stratton, C. (1998). Early intervention for families of preschool children with conduct problems. Em M. J. Gura Inick (Org.). *The effectiveness of early intervention* (429-455). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing.
- Webster-Stratton, C. (1998). Preventing conduct problems in head start children: strengthening parenting competencies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 66(5), 715-730.

ARTIGO 2

PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAL COM ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

SUGGESTION OF A BEHAVIOR ANALITIC INTERVENTION PROGRAM FOR
YOUNG OFFENDERS

Fernanda Mendes Caleiro

Universidade Estadual de Londrina

Alex Eduardo Gallo

Universidade Estadual de Londrina

ARTIGO 2

PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAL COM ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

SUGGESTION OF A BEHAVIOR ANALITIC INTERVENTION PROGRAM FOR
YOUNG OFFENDERS

Caleiro, F. M. (2014). *Proposta de um programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar uma proposta de um programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei, desenvolvido como forma de colaborar com as medidas socioeducativas existentes em nosso país. Ele foi elaborado a partir da compreensão de que habilidades sociais, comportamento moral, resolução de problemas, autoconhecimento e autocontrole são repertórios comportamentais passíveis de serem desenvolvidos em um contexto terapêutico, a partir dos princípios de aprendizagem. Entende-se também que são inúmeros os benefícios que as intervenções, sobretudo, a de abordagem comportamental, podem oferecer aos indivíduos que não se adaptam às normas sociais e que vivem à margem da sociedade. O programa de intervenção foi desenvolvido para a realização de dez encontros (aproximadamente três meses) com uma sessão semanal de uma hora de duração para cada participante. As técnicas foram desenvolvidas para trabalhar uma série de classes de comportamentos que estão diretamente ligados ao comportamento de autocontrole. Conclui-se que a aplicação dos métodos elaborados nos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas pode proporcionar o aumento da emissão de respostas controladoras (autocontrole) e a redução da emissão das respostas controladas (comportamentos de impulsividade) contribuindo para o desenvolvimento de tecnologias de intervenção com base em análise do comportamento com essa população.

Palavras-chave: adolescentes em conflito com a lei; autocontrole; intervenção.

Caleiro, F. M. (2014). *Suggestion of a behavior analytic intervention program for young offenders*. Master's degree thesis, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brazil.

ABSTRACT

The present study aimed at presenting a behavior analytic intervention program of self-control with young offenders, developed as a contribution to alternative measures. It was prepared based on the comprehension that social abilities, moral behavior, problem solving, self-knowledge and self-control are behavioral repertoires possible to be developed in a therapeutic context starting from learning principles. We also understand that are countless benefits intervention, mainly behavioral approaches, could offer to individuals who are not adapted to social rules and live on border of society. The intervention program was developed to ten meetings (three months about) with one session per week lasting one hour for each participant. Techniques were developed to work with behavioral classes that are directly linked to self-control behavior. We concluded that the procedure applied to adolescents serving alternative measures could increase controlling self-control response and reducing controlled responses (impulsive behavior) contributing to behavior analysis technology for this population.

Key words: Young offenders; self-control; intervention.

1 Introdução

De acordo com a atual legislação brasileira, pode-se afirmar que a medida socioeducativa é a única forma de punição para o adolescente em conflito com a lei. No entanto, por se tratar de uma pessoa em desenvolvimento, o cumprimento da pena é diferenciado que a dos adultos (Shecaira, 2008).

O objetivo dos centros socioeducativos, previstos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei n. 8.069/1990) e da recente lei que disciplina o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) (Lei n. 12.594/ 2012) é de caráter educativo para um projeto nacional de desenvolvimento da cidadania, para a redução dos diferentes tipos de violência e para a promoção dos direitos humanos (Brasil, 1990; 2006). As medidas socioeducativas aplicadas tem como principal finalidade a reinstituição de direitos, interrupção da prática de atos infracionais, reinserção social, educacional e profissional (Brasil, 2006). Cabe ressaltar, porém, que a falta de investimento para capacitar o corpo técnico encarregado de orientar os adolescentes e as condições de trabalho em que se encontram muitos educadores sociais contribuem para ineficácia do sistema socioeducativo (Conselho Federal de Psicologia & Ordem dos Advogados do Brasil, 2006).

Surgem também diversos debates a respeito de privação de liberdade que ocorre com os adolescentes em conflito com a lei e a forma com a qual são tratados, pois, para muitos deles, os centros socioeducativos tornam-se verdadeiras escolas do crime (Neri, 2012). Essa afirmação pode ser constatada através da última pesquisa que divulgou o panorama nacional das medidas socioeducativas de internação realizada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) (2012). O estudo apresentou dados referentes às unidades de internação de adolescentes e das varas de infância e revelou que quatro em cada dez jovens infratores (43,3%) que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade no país são reincidentes.

O processo de internação, deste modo, além de privar o adolescente infrator de sua liberdade, o priva do direito ao respeito, à dignidade, à integridade física, psicológica e moral (Oliveira, 2003). Ademais, são claros os problemas relacionados à estrutura física e operacional para a execução das medidas. Os centros, muitas vezes, não oferecem o aparato necessário para uma ressocialização pretendida, ou seja, carecem de serviços psicossociais que possuem formas mais modernas de terapias, sejam elas com fins exclusivamente terapêuticos ou de ocupação e recreação (Oliveira, 2003). Por esta razão, um dos maiores desafios a se enfrentar para a melhoria das condições de execução das medidas

socioeducativas é desenvolver programas de intervenção eficazes que possam ser utilizados nos centros socioeducativos (Assis & Constantino, 2005).

O presente trabalho apresenta um programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei, desenvolvido como forma de colaborar com as medidas socioeducativas existentes em nosso país. Ele foi elaborado a partir da compreensão de que habilidades sociais (Bolsoni-Silva & Marturano, 2004), comportamento moral (Rocha, 2008), resolução de problemas (Padovani, 2003), autoconhecimento (Conte & Regra, 2000) e autocontrole (Nico, 2011) são repertórios comportamentais passíveis de serem desenvolvidos em um contexto terapêutico, a partir dos princípios de aprendizagem. Além disso, são inquestionáveis os benefícios que a intervenções, sobretudo, a de abordagem comportamental, podem oferecer aos indivíduos que não se adaptam às normas sociais e que vivem à margem da sociedade (Padovani, 2003; Rocha, 2008). Por meio dessas intervenções, os adolescentes em conflito com a lei tem a oportunidade de aprender novos repertórios comportamentais que os possibilitem o retorno ao convívio social. Presume-se, também, que se a intervenção for aplicada enquanto o adolescente estiver cumprindo medida socioeducativa, os efeitos podem ser melhores, pois os resultados mais efetivos geralmente são os obtidos quanto mais próximos de iniciar a apresentação dos comportamentos-alvo (Patterson, Reid & Dishion, 1992, Bolsoni-Silva, Silveira & Marturano, 2008). Contudo, infelizmente, muitos dos comportamentos infracionais ocorrem muito cedo e o adolescente só é responsabilizado por seus atos após a prática constante de delitos, havendo maior tempo de manutenção do repertório.

Entende-se que o desenvolvimento do comportamento de autocontrole seria fundamental para evitar o envolvimento com atividades ilícitas, já que se pode compreendê-lo como a manipulação do ambiente por uma pessoa de modo a alterar seu comportamento em função da consequência (Skinner, 1953/2000). O trabalho, deste modo, foi desenvolvido com o objetivo de aplicar o programa elaborado para os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, proporcionando o aumento da emissão de respostas controladoras (autocontrole) e a redução da emissão das respostas controladas (comportamentos de impulsividade). Pretende-se também, avaliar os efeitos da intervenção contribuindo para o desenvolvimento de tecnologias de intervenção com base em análise do comportamento com essa população.

2 Método

O programa de intervenção contempla técnicas analítico-comportamentais desenvolvidas a partir de uma combinação de procedimentos verbais e não-verbais. O programa foi desenvolvido a partir de intervenções baseadas em modificação do antecedente, modificações da resposta, modificações da consequência e de intervenções predominantemente sobre o comportamento respondente (Del Prette & Almeida, 2012).

A proposta de trabalho possui semelhança com os procedimentos da terapia cognitiva comportamental uma vez que a maioria das terapias cognitivas comportamentais tem limite de tempo de tratamento, com muitos manuais de tratamentos recomendando 12-16 sessões e com um conjunto de técnicas específicas para cada transtorno. Entretanto, a separação das intervenções de terapia comportamental e a de técnicas cognitivas e comportamentais é apenas para fim didático, já que as técnicas afetam tanto os processos de autorregras (pensamentos) quanto os padrões de comportamento do cliente.

O programa de intervenção foi desenvolvido para a realização de dez encontros (aproximadamente três meses) com uma sessão semanal de uma hora de duração para cada participante.

Tabela 1. Síntese do programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole

Sessão	Objetivo	Tempo	Atividade
1	Estabelecer vínculo com o adolescente expor as metas do programa de intervenção.	1hr	Apresentação do programa.
2	Realizar a análise funcional dos comportamentos de impulsividade.	1hr	O adolescente escolhe as classes de comportamento de impulsividade para a realização da análise funcional. A análise funcional será descrita em uma folha onde constam balões com as seguintes perguntas: “ <i>O que aconteceu antes?</i> ”, “ <i>O que você fez?</i> ”, “ <i>O que aconteceu depois?</i> ”, “ <i>O que você pensou?</i> ”, “ <i>O que você sentiu?</i> ”.

3	Desenvolver uma análise funcional do comportamento desejável (autocontrole).	1hr	O adolescente escolhe classes de comportamento de autocontrole para a realização da análise funcional, substituindo os comportamentos trabalhados na sessão anterior. A atividade será realizada em uma folha que constam balões com as seguintes perguntas: “ <i>O que aconteceu antes?</i> ”, “ <i>O que você fez?</i> ”, “ <i>O que aconteceu depois?</i> ”, “ <i>O que você pensou?</i> ”, “ <i>O que você sentiu?</i> ”.
4	Substituição de algumas autoregras por outras socialmente desejáveis.	1hr	O adolescente identifica e verbaliza publicamente pensamentos que sejam considerados indesejáveis por ele e quais os pensamentos que ele considera desejáveis para a sua substituição. Será registrado em uma folha.
5	Desenvolver o padrão de comportamento de assertividade, trabalhando os comportamentos de passividade e agressividade, os quais são funcionalmente semelhantes ao comportamento de impulsividade, sendo este último concorrente ao comportamento de autocontrole.	1hr	Orientação explicando, através de exemplos, o comportamento de assertividade. Após com procedimentos de <i>role-play</i> e modelação serão modelados comportamentos públicos do adolescente. O adolescente exemplificará situações que servem como ocasião para a emissão de respostas consideradas agressivas, respostas consideradas passivas e por fim, respostas que possam ser definidas como assertivas.
6	Ensinar o adolescente a diminuir o nível de ansiedade através de técnica de relaxamento e do condicionamento encoberto. Controlar a própria respiração desenvolvendo habilidades para enfrentar situações cotidianas que produzam tensão e ansiedade.	1hr	Instruções sobre posição corporal para a atividade e forma de respiração. Depois de um tempo considerado suficiente para o relaxamento serão realizadas novas instruções referente a comportamentos verbais encobertos. Depois de treinar alguns pensamentos solicita-se que o jovem abra os olhos calmamente. Após a atividade, serão discutidos os pensamentos trabalhados na sessão.

7	<p>Ensinar ao adolescente a tomada de decisão em situações conflitantes. As situações de conflito geralmente estão entre a escolha de um reforço de maior magnitude, porém com atraso, em detrimento a um reforço imediato e de menor magnitude.</p>	1hr	<p>O adolescente preenche uma folha com as seguintes alternativas: “<i>O que eu desejo para o meu futuro?</i>”, “<i>Quais são as recompensas?</i>”, “<i>Quais são os desafios?</i>”, “<i>O que eu devo fazer pra conseguir?</i>”.</p>
8	<p>Identificar os sentimentos, avaliar uma situação problema, analisar as possíveis consequências, prevenir-se de respostas automáticas, avaliar e tomar decisão, aprender a lidar com situações de provocação.</p>	1hr	<p>O adolescente descreve um problema específico. As respostas devem ser anotadas pelo pesquisador. Ao final serão discutidas as vantagens de se utilizar de estratégias de autocontrole e de realizar a análise das consequências.</p>
9	<p>Ensinar o adolescente a emitir autoinstruções durante a realização de tarefas ou de situações que ele precise pensar antes da tomada de decisão.</p>	1hr	<p>Atividade realizada por meio de um jogo de quebra-cabeça, onde o participante deve ser instruído a verbalizar publicamente durante o tempo de execução: 1- “<i>O que tenho que fazer?</i>”, “<i>Como tenho de fazê-lo?</i>”, “<i>Estou fazendo muito bem!</i>”, “<i>Tudo bem, posso ter errado nisso, mas posso continuar, com calma.</i>”</p>
10	<p>Orientar sobre os benefícios do repertório de autocontrole.</p>		<p>Discutir sobre todas as atividades anteriores para o esclarecimento de possíveis dúvidas do adolescente.</p>

3 Programa de Intervenção

3.1 Sessão 1 – Estabelecendo metas para a intervenção

O primeiro encontro tem como principal objetivo expor para o adolescente quais são as metas do programa de intervenção e estabelecer o vínculo com o adolescente. Banaco (1993) adverte que o sucesso da intervenção está ligado à qualidade da relação terapêutica, que deve ser considerada pela interação entre terapeuta e cliente baseada em uma influência

mútua. Sendo assim, a relação terapêutica tem caráter preditor de bons resultados na intervenção.

Nesse encontro emprega-se a técnica de entrevista clínica como forma de investigar os motivos pelos quais os adolescentes são submetidos às medidas socioeducativas, a fim de selecionar os comportamentos a serem trabalhados nas demais sessões. A sessão começa com o esclarecimento dos objetivos da intervenção onde a pesquisadora estipula algumas regras que devem ser retomadas, caso não ocorra o seu cumprimento. As regras incluem o envolvimento com as atividades desenvolvidas para a intervenção e o impedimento de comportamentos de desobediência e hostilidade durante os encontros. Será realizada orientação sobre o benefício que as técnicas de modificação do comportamento podem trazer para a reinserção social. Como aponta Silveira (2003), a orientação é uma ferramenta fundamental para o esclarecimento dos comportamentos-alvo que serão trabalhados durante o processo de intervenção.

3.2 Sessão 2 – Como estou me comportando?

O segundo encontro tem como objetivo realizar a análise funcional de comportamentos. A análise funcional será realizada a partir de uma atividade elaborada exclusivamente para a pesquisa (Apêndice A). Neste constam gravuras em formato de “balões” para serem preenchidas com os comportamentos considerados de impulsividade que ocorrem ou ocorreram com o adolescente. Esses comportamentos serão selecionados pelo adolescente com a ajuda da pesquisadora.

Os “balões” possuem as seguintes perguntas: *“O que aconteceu antes?”*, *“O que você fez?”*, *“O que aconteceu depois?”*, *“O que você pensou?”*, *“O que você sentiu?”*.

Será apresentada ao adolescente, uma folha para cada classe de respostas considerada de impulsividade. Deste modo, será possível identificar os estímulos discriminativos presentes no ambiente, as respostas emitidas pelos jovens, as consequências, os respondentes e as autoregras envolvidas na contingência. Durante a atividade é realizado o reforçamento diferencial como forma de modelar os comportamentos desejáveis e a fim de desenvolver o repertório de autoconhecimento no adolescente. O autoconhecimento tem um valor especial para o indivíduo. Skinner (1989/1995) avalia que com a auto-observação e o autoconhecimento o cliente fica mais consciente de si mesmo, ou seja, é capaz de prever e controlar o seu próprio comportamento mais adequadamente.

3.3 Sessão 3 – Como devo me comportar?

O terceiro encontro é uma continuidade do segundo, porém o objetivo deste é desenvolver uma análise funcional do comportamento desejável (autocontrole). Nessa atividade (Apêndice B) são utilizados os mesmos comportamentos considerados de impulsividade, identificados pelo adolescente na sessão anterior. Entretanto, o preenchimento dos “balões” é realizado com comportamentos que poderiam ter sido emitidos e que sejam considerados de autocontrole. Esses comportamentos são selecionados pelo adolescente com a ajuda da pesquisadora. O formulário possui “balões” com as mesmas perguntas da sessão anterior: “*O que aconteceu antes?*”, “*O que você fez?*”, “*O que aconteceu depois?*”, “*O que você pensou?*”, “*O que você sentiu?*”.

Durante a atividade é realizada orientação como meio de esclarecimento e discussão sobre os comportamentos selecionados a fim de desenvolver o repertório de autoconhecimento no adolescente a partir do conhecimentos variáveis das quais seu comportamento é função. Como tarefa para a semana, são deixados com o adolescente cinco folhas a fim de registrar cinco ocasiões diferentes nas quais ele possa identificar os estímulos discriminativos no ambiente e a emissão de respostas de autocontrole. O adolescente tem a possibilidade também de identificar as consequências, as emoções e os pensamentos envolvidos. Assim, quando ele passa a analisar funcionalmente seus comportamentos, emitindo respostas mais eficientes em longo prazo e ficando menos sob controle de reforçadores imediatos, ele desenvolve autoregras que sinalizam novas ocasiões para que respostas autocontroladoras sejam emitidas (Rachlin, 1974).

3.4 Sessão 4 – Mudando alguns pensamentos

Aqui o termo “pensamento” foi utilizado para haver melhor compreensão por parte do adolescente que participar da atividade.

Esse encontro tem por finalidade a mudança de autoregras, sendo essas definidas como a descrição de contingências enunciadas pelo próprio indivíduo, exercendo assim controle sobre a resposta subsequente (Reis, Teixeira & Paracampo, 2005). Por haver a possibilidade de o adolescente estar sob controle de regras estabelecidas pelo seu ambiente, e estas regras serem incompatíveis com as dos demais contextos será importante desenvolver nos adolescentes o repertório de auto-observação, autodescrição e descrição do comportamento de outros indivíduos como forma de treiná-los a tatearem os eventos que ocorrem em sua vida.

Nesta sessão o adolescente aprende substituir autoregras consideradas dicotômicas (tudo ou nada) por autoregras mais aceitas socialmente. Primeiramente será realizada uma orientação de modo a esclarecer os aspectos que envolvem os pensamentos mais ou menos aceitos socialmente, exemplificando quais os possíveis comportamentos verbais encobertos que podem ser emitidos, substituindo os que se encontram em vigor. Será solicitado que o adolescente identifique e verbalize publicamente pensamentos que sejam considerados indesejáveis por ele e quais os pensamentos que ele considere desejáveis para a sua substituição. Para isso será utilizado uma folha (Apêndice C) com as opções a serem preenchidas: “*O que eu penso?*” e “*Como poderia ser?*”.

3.5 Sessão 5 – Desenvolvendo comportamentos assertivos

A quinta sessão visa desenvolver o padrão de comportamento de assertividade no adolescente. A assertividade é um comportamento alternativo aos comportamentos de passividade e agressividade, os quais são funcionalmente semelhantes ao comportamento de impulsividade, sendo este último concorrente ao comportamento de autocontrole (Marchezini-Cunha & Tourinho, 2010). Sendo assim, entende-se que trabalhar com o desenvolvimento da assertividade poderá contribuir diretamente com o desenvolvimento do comportamento de autocontrole.

Neste encontro é realizada uma orientação explicando, através de exemplos, o comportamento de assertividade. São utilizados procedimentos de *role-playing* e modelação para treinar comportamentos públicos do adolescente. Na folha (Apêndice D) constam explicações referentes às diferenças do comportamento assertivo e do comportamento não assertivo (agressivo e passivo). Logo após é solicitado ao adolescente que exemplifique situações que sirvam como ocasião para a emissão de respostas consideradas agressivas, respostas consideradas passivas e por fim, respostas que possam ser definidas como assertivas. Posteriormente deve ocorrer discussão da atividade.

3.6 Sessão 6 – Aprendendo a relaxar

A sexta sessão foi desenvolvida com o objetivo de ensinar o adolescente a diminuir o nível de ansiedade através de técnica de relaxamento e do condicionamento encoberto fundamentada no trabalho de Guimarães (2001). As intervenções realizadas com processos respondentes dependem de uma cuidadosa análise sobre a relação operante-respondente.

Sendo assim, não só o operante pode alterar o respondente como vice-versa (Del Prette & Almeida, 2012). Neste encontro, portanto, deve-se auxiliar o adolescente a controlar a própria respiração desenvolvendo habilidades para enfrentar situações cotidianas que produzam tensão e ansiedade. Junto à atividade de controle de respiração haverá a possibilidade de o adolescente emitir autoinstruções que sirvam de estímulo discriminativo para relaxar imediatamente em momentos de estresse.

As instruções serão realizadas da seguinte forma:

- 1) *“Sente-se numa posição confortável”*.
- 2) *“Agora feche os olhos”*.
- 3) *“Relaxe todo o corpo”*.
- 4) *“Inspire pelo nariz”*.
- 5) *“Sinta a respiração, o pulmão enchendo”*.
- 6) *“Segure um pouco”*.
- 7) *“Agora expire pelo nariz”*.
- 8) *“Perceba como está relaxado”*.

Depois de um tempo considerado suficiente para o relaxamento serão realizadas novas instruções:

- 1) *“Agora imagine um momento que você agiu impulsivamente”*.
- 2) *“Pense em como ficou tenso”*.
- 3) *“Continue respirando”*.
- 4) *“Pense em como agiu impulsivamente”*.
- 5) *“Continue respirando”*.
- 6) *“Agora ao invés de agir com impulso, você agirá com autocontrole”*.
- 7) *“Diga para você mesmo: Não farei isso (pense no comportamento). Vou fazer outra coisa (pense no comportamento)”*.
- 8) *“Continue relaxando”*.
- 9) *“Farei isso porque me trará uma consequência boa”*.
- 10) *“Pense na consequência”*.

Depois de treinar alguns pensamentos solicita-se que o jovem abra os olhos calmamente. Após a atividade, serão discutidos os pensamentos trabalhados na sessão.

3.7 Sessão 7 - Encorajamento sobre o futuro

Essa atividade tem o objetivo de ensinar ao adolescente a tomada de decisão em situações conflitantes. As situações de conflito geralmente estão entre a escolha de um reforço de maior magnitude, porém com atraso, em detrimento a um reforço imediato e de menor magnitude (Rachlin, 1974). Sendo assim, após a explicação sobre tomada de decisão, realiza-se uma atividade através de uma folha (Apêndice E) em que constam as seguintes alternativas: “*O que eu desejo para o meu futuro?*”, “*Quais são as recompensas?*”, “*Quais são os desafios?*”, “*O que eu devo fazer pra conseguir?*”. Nessa tarefa o adolescente verbalizará seus objetivos para o futuro e terá a possibilidade de refletir sobre as consequências positivas mesmo que haja um custo de resposta.

3.8 Sessão 8 – Resolução de problemas

O oitavo encontro é parte da intervenção para o desenvolvimento de habilidade de resolução de problemas realizada pelo pesquisador Padovani (2003) com adolescentes em conflito com a lei. Na folha (Anexo 1) consta uma orientação sobre resolução de problemas e atividades que se dividem em: “*Análise Descritiva da Situação Problema*” e “*Preparando-se para a Provocação*”. A primeira parte da atividade contém itens referentes à descrição de um problema específico, identificação de sentimentos, avaliação da situação problema, análise de possíveis consequências, prevenção de respostas automáticas, tomada de decisão e avaliação da decisão. As respostas devem ser anotadas pelo pesquisador. Ao final deve ser realizada uma discussão sobre as vantagens de se utilizar estratégias de autocontrole, bem como análise das consequências.

A segunda parte é uma atividade na qual o adolescente aprende a lidar com situações de provocação. É solicitado ao participante que feche os olhos e imagine que alguém o está provocando, e o deixando com muita raiva. Ele deve ser orientado para abrir os olhos e perguntar para si “*Isto realmente é importante para mim?*”, “*O que estou sentindo e pensando vai me ajudar?*”, “*Se eu agir da maneira que estou pensando?*”, “*Isto vai me trazer mais problemas?*” e “*Se eu conseguir me controlar, isto vai me trazer vantagens?*”, oferecendo duas alternativas (*Sim* e *Não*) para cada pergunta. Posteriormente o adolescente deve indicar três atitudes que devem ser tomadas ao perceber que vai perder o controle. No item subsequente, o participante avalia as consequências para si e para o outro, caso adote qualquer uma das três atitudes indicadas anteriormente. Na finalização da atividade, deve ser

realizada uma orientação sobre os riscos que os comportamentos envolvem para si ou para o outro.

3.9 Sessão 9 – Como faço isso?

A nona sessão tem a finalidade de ensinar o adolescente a emitir autoinstruções durante a realização de tarefas ou de situações que ele precise pensar antes da tomada de decisão. Nesse caso, o treino de correspondência verbal utilizando a sequência dizer-fazer pode ser útil na regulação do comportamento verbal sendo importante para a aquisição do repertório de autocontrole (Beckert, 2005). Fundamentado na técnica de autoinstrução descrita por Santacreu (1999) a atividade é realizada por meio de um jogo de quebra-cabeça, onde o participante deve ser instruído a verbalizar publicamente durante o tempo de execução:

- 1- *“O que tenho que fazer?”* (definição do problema)
- 2- *“Como tenho de fazê-lo?”* (guia de resposta)
- 3- *“Estou fazendo muito bem!”* (auto- reforço)
- 4- *“ Tudo bem, posso ter errado nisso, mas posso continuar, com calma.”* (Autocorreção)

Deve haver auxílio do pesquisador com os mesmos comportamentos, de modo a facilitar o processo de modelação. Após sugere-se discussão da atividade.

3.10 Sessão 10 – Fechamento

A última sessão é destinada à realização de uma discussão sobre todas as atividades anteriores, para o esclarecimento de possíveis dúvidas do adolescente e para a orientação sobre os benefícios do repertório de autocontrole. Nesse encontro deve ser aplicado o questionário de satisfação da intervenção (Apêndice F) por se entender que o grau de satisfação do adolescente em participar do programa é importante uma vez que o possibilita sugerir métodos para aprimorar novas intervenções.

Considerações finais

O objetivo principal da intervenção analítico comportamental é auxiliar o indivíduo a compreender e controlar o próprio comportamento, possibilitar a ele a reflexão sobre suas

dificuldades encontrando a melhor maneira de resolvê-las mesmo após o término do acompanhamento. Deste modo pode-se afirmar que o trabalho terapêutico tem, sobretudo, a função de promover autoconhecimento. Muitas vezes, adicionalmente, algumas ações específicas são executadas, como solicitação de atividades de automonitoramento, autoregistro etc., cuja finalidade é proporcionar ao cliente a continuidade do que é proposto no *setting* terapêutico. Outra proposta é analisar funcionalmente o comportamento do indivíduo fazendo com que ele consiga descrever as variáveis responsáveis pela emissão de respostas adequadas como também de respostas inadequadas (Leonardi, Borges & Cassas, 2012). Uma pessoa capaz de compreender-se e de manipular o próprio comportamento tem, entre outros aspectos, maior facilidade de conviver socialmente e resolver problemas que invariavelmente ocorrem no seu cotidiano. A partir dessa reflexão, o presente trabalho, apresentou uma proposta de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei como forma de contribuir com as medidas socioeducativas existentes em nosso país.

O programa foi elaborado a partir da compreensão de que repertórios comportamentais são passíveis de serem desenvolvidos em um contexto terapêutico, a partir dos princípios de aprendizagem. Além disso, são inquestionáveis os benefícios que as intervenções, sobretudo, a de abordagem comportamental, podem oferecer aos indivíduos que não se adaptam às normas sociais e que vivem à margem da sociedade.

Referências

- Assis, S. G. de & Constantino, P. (2005). Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1.
- Banaco, R. A. (1993). O impacto do atendimento sobre a pessoa do terapeuta. *Temas em Psicologia*, 2, 71-79.
- Beckert, M. E. (2005). Correspondência verbal/ não-verbal: pesquisa básica e aplicações na clínica. Em: J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (org.). *Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação*, p. 229-244. Porto Alegre: Artmed.
- Bolsoni-Silva, A.T. & Marturano, E.M. (2004). Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: algumas relações. Em M.Z.S.Brandão (org.) pp. 251-260. Santo André: ARBytes.
- Bolsoni-Silva, A. T.; Silveira, F. F. & Marturano, E. M. (2008). Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10 (2), 125-142.

- Brasil (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília – DF.
- Brasil (2006). Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Sistema Nacional De Atendimento Socioeducativo – SINASE. Brasília-DF: CONANDA.
- Conselho Federal de Psicologia; Conselho Federal da OAB, 2006. Direitos Humanos: um retrato das unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei. 2. ed. Relatório das visitas realizadas simultaneamente em 21 estados brasileiros e no Distrito Federal, no dia 15 de março de 2006. Brasília: Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/relatorio_oab.pdf>
- Conte, F.C.S. & Regra, J.A.G. (2000). A psicoterapia comportamental infantil: novos aspectos. Em E.F.M.Silvares (org.). pp. 79-136. Campinas: Papirus
- Del Prette, G. & Almeida, T. A. C. (2012). *O uso de Técnicas na clínica Analítico Comportamental*. In Borges, N. B. & Cassas, F. A. (Orgs). *Clínica Analítico Comportamental: aspectos Teóricos e Práticos*. Porto Alegre: Ed. Artmed.
- Guimarães, S. S. (2001). *Técnicas cognitivas e comportamentais*. Em: B. Range (Org.), *Psicoterapias cognitivo-comportamentais*. Porto Alegre: Artmed. p.113-130.
- http://www.cnj.jus.br/images/programas/justica-ao-vem/panorama_nacional_justica_ao_jovem.pdf (2012).
- Leonardi, J.L.; Borges, N. B. & Cassas, F. A. (2012). Avaliação Funcional como ferramenta norteadora da prática clínica. Em Borges, N. B. e Cassas, F. A. (Orgs). *Clínica Analítico Comportamental: aspectos teóricos e práticos*. (pp. 105-109). Porto Alegre: Artmed.
- Marchezini-Cunha, V. & Tourinho, E. Z. (2010). Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. *Psic.: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 26(2).
- Neri, A. P. A. (2012). Eficácia das medidas socioeducativas aplicadas ao jovem infrator. Barbacena, Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Direito da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC.
- Nico, Y. (2011). A contribuição de B. F. Skinner para o ensino de autocontrole como objetivo da educação. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Psicologia Experimental – Análise do Comportamento.
- Oliveira, E. R. (2003). Ensinando a não sonhar: a anti-pedagogia oficial destinada a adolescentes infratores no estado do Rio de Janeiro. *Katalysis. Revista do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina*, 6(1), 85-95.
- Padovani, R. C. (2003). *Resolução de problemas com adolescentes em conflito com a lei: uma proposta de intervenção*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de São Carlos.

- Patterson, G. R.; Reid, J. B. & Dishion, T. J. (1992). *Antisocial Boys*. Eugene, OR: Castalia.
- Rachlin, H. (1974). *Self-control. Behaviorism*, 2, 94-107.
- Reis, A. A., Teixeira, E. R. & Paracampo, C. C. P. (2005). Auto-regras como variáveis facilitadoras na emissão de comportamentos autocontrolados: o exemplo do comportamento alimentar. *Interação em Psicologia*, 9(1), p. 57-64.
- Rocha, G. V. M. (2008). *Psicoterapia analítico-comportamental com adolescentes infratores de alto-risco: modificação de padrões anti-sociais e diminuição da reincidência criminal*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Santacreu, J. (1999). O treinamento em auto-instruções. In: CABALLO, V. E. *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. São Paulo: Santos.
- Shecaira, S. S. (2008). *Sistema de Garantias Individuais e Direito Penal Juvenil*. 2 ed.. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Silveira, J. M. (2003). Pesquisa da Relação Terapêutica em Psicologia Clínica Comportamental. Em C. E. Costa, J. C. Luzia, & H. H. N. Sant'Anna (Orgs.), *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição* (pp. 139-148). Santo André: ESETec.
- Skinner, B. F. (2000). *Ciência e comportamento Humano*. . Tradução de J. C. Todorov e R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B.F. (1995). *Questões Recentes na Análise do Comportamento* - Ed Papyrus - Título original: *Recent Issues in The Analysis of Behavior*, 1989.

ARTIGO 3

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO
COMPORTAMENTAL DE AUTOCONTROLE COM ADOLESCENTES EM CONFLITO
COM A LEI

EFFECTS OF A BEHAVIOR ANALICT INTERVENTION PROGRAM ON
SELFCONTROL WITH YOUNG OFFENDERS

Fernanda Mendes Caleiro

Universidade Estadual de Londrina

Alex Eduardo Gallo

Universidade Estadual de Londrina

ARTIGO 3

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO
COMPORTAMENTAL DE AUTOCONTROLE COM ADOLESCENTES EM CONFLITO
COM A LEI

EFFECTS OF A BEHAVIOR ANALICT INTERVENTION PROGRAM ON
SELFCONTROL WITH YOUNG OFFENDERS

Caleiro, F. M. (2014). *Efeitos de um programa de intervenção analítico comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil.

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados de um programa de intervenção analítico-comportamental em respostas de impulsividade aumentando o repertório de autocontrole em adolescentes em conflito com a lei na tentativa de proporcionar uma tecnologia eficaz na reabilitação dessa população. O estudo foi realizado com quatro adolescentes, de 12 a 18 anos de idade e que cumprem medidas socioeducativas em um Centro de Socioeducação no município de Londrina, estado do Paraná. Os jovens encontram-se em regime de internação por terem cometido atos infracionais. A coleta de dados foi dividida em três etapas: (1) Fase de pré-teste, com a aplicação do Inventário de Estilos Parentais (IEP) com a família dos adolescentes no intuito de verificar as práticas educativas as quais foram expostos; análise das medidas disciplinares durante o período de seis meses; entrevista com os participantes para informações sobre escolaridade, moradia, relacionamento interpessoal, informações sobre infância e histórico familiar; realização de uma sessão de observação para avaliar a ocorrência de comportamentos de impulsividade em ambiente institucionalizado e entrevista com a família e com os educadores sociais com a finalidade de identificar os comportamentos apresentados pelos adolescentes antes da intervenção, (2) Fase de Intervenção, com atividades estruturadas e realizadas em salas disponibilizadas pela diretoria da instituição. O programa de intervenção foi realizado durante dez encontros com a duração de sessenta minutos, (3) Fase pós-teste, com a realização de entrevista com os educadores sociais e análise das medidas disciplinares. O tempo de *follow up* nessa pesquisa foi de 50 dias. Os resultados apresentam diminuição dos comportamentos considerados de impulsividade sugerindo, assim, que é possível intervir com essa população. Entretanto, tornam-se importantes novas pesquisas com maior tempo de intervenção e de avaliação para verificar se há a manutenção e generalização do comportamento de autocontrole após a finalização dos atendimentos.

Palavras-chave: adolescentes em conflito com a lei, autocontrole, intervenção.

Caleiro, F. M. (2014). *Effects of a behavior analytic intervention program on self-control with young offenders*. Master's degree thesis, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brazil.

ABSTRACT

The present work presents results of a behavioral analytic intervention program on impulsive responses increasing the repertoire of self-control in young offenders in an attempt to provide effective technology for rehabilitation of this population. The study took place with four 12 to 18 years old adolescents serving alternative measure in a facility in Londrina city, Paraná state. The young were in secure custody for their crimes. The data collect was divided into three steps: (1) pre-test with paring style inventory with family to verify parenting practices adolescents were under; disciplinary measure analysis for six months period; interview with participants about schooling, house living, interpersonal relationships, childhood and family history; one observation session to evaluate the occurrence of impulsive behaviors into facility and interview with family and staff to identify target behaviors prior to intervention, (2) intervention with structured activities done in available rooms. The intervention program had ten sessions with one hour each, (3) post-test with interview with custody staff and disciplinary measure analysis. The follow-up period was 50 days. Results showed significant decreasing of behaviors considered impulsive, what suggests that is possible to intervene with this population. However, new researches are important, with longer intervention and more evaluation to verify the maintenance and generalization of self-control behaviors after meetings.

Key words: young offenders; self-control; intervention.

1 Introdução

A concepção mentalista tenta explicar o comportamento de autocontrole por meio de um agente interno, o definindo como força de vontade. As atribuições geralmente são de cunho valorativo, como por exemplo: bom caráter, responsável, capacidade de enfrentar situações difíceis, conseguir resistir a tentações, possuir uma personalidade forte, entre outros (Skinner, 1989/1991). Entretanto, Skinner entende que a necessidade de um agente interno para explicar quaisquer comportamentos, incluindo o comportamento de autocontrole, não é útil para uma análise científica do comportamento por desviar a atenção de variáveis ambientais das quais o comportamento é função. De acordo com o pesquisador, o autocontrole se caracteriza pela possibilidade do próprio indivíduo manipular as variáveis das quais o comportamento é função, ou seja, controlar o seu próprio comportamento. Tais contingências modulam os conflitos entre as consequências imediatas e as atrasadas para o indivíduo e entre as consequências para o indivíduo e aquelas para o grupo (Skinner, 1974/2006).

A ciência do comportamento sugere que o desenvolvimento de comportamentos prossociais ou mesmo a diminuição de práticas infracionais encontra-se na realização de programas educativos com o envolvimento das crianças, adolescentes, pais, professores e até mesmo dos funcionários das instituições (Conte, 1996; Gomide, 1998; Gomide, 2003; Berri, 2004; Gallo, 2006). Com isso, é importante salientar que as contingências que fornecem condições ao comportamento de obedecer às normas sociais e ao comportamento de autocontrole são essenciais no estabelecimento do comportamento moral. (Schlinger, 1995).

Ao revisar-se a literatura, constata-se que, infelizmente, no Brasil ainda é reduzido o número de pesquisas aplicadas direcionadas a intervenção com adolescentes em conflito com a lei. Todavia, é imprescindível atenção aos estudos que dão origem a novas práticas, uma vez que a intervenção é uma das principais alternativas de trabalho com os jovens que se envolveram com a prática de atos infracionais e talvez a única possibilidade de reinserção dos que cumprem medida no meio social.

Gallo (2008) realizou um trabalho comparando o Estatuto da Criança e do Adolescente a leis semelhantes do Canadá, intituladas *Youth Criminal Justice Act*. O pesquisador obteve resultados que apontam para semelhança entre as leis nos dois países, no que se refere à execução das medidas alternativas. Entretanto, os índices de violência no Canadá são significativamente menores do que no Brasil, o que aponta que não são as medidas judiciais que diminuem a violência, mas uma série de fatores sociopolíticos, educacionais e culturais.

Gallo (2008) afirma ainda, que se houver um trabalho conjunto entre o sistema judiciário e as universidades, como observado no Canadá, poderá haver promoção de conhecimento cientificamente fundamentado para aprimoramento das medidas socioeducativas.

Outro pesquisador que dedicou-se a estudar essa população foi Padovani (2003), que realizou uma intervenção com os adolescentes utilizando estratégias de resolução de problemas. Os quatro adolescentes participantes da pesquisa encontravam-se em regime de internação provisória em uma instituição vinculada à Vara da Infância de uma cidade do interior de São Paulo. O programa de intervenção foi realizado em dez sessões individuais, sendo três sessões na fase de pré-teste e sete sessões na fase de intervenção. O principal objetivo do estudo foi desenvolver o repertório de habilidades de resolução de problemas em adolescentes que estavam em cumprimento de medidas. Durante o estudo observou-se a diminuição dos escores de raiva em dois participantes, elevação da autoestima e diminuição no escore de depressão em todos os participantes. O pesquisador sugeriu a partir dos resultados a possibilidade de intervir com essa população e também a possibilidade do desenvolvimento de comportamentos prossociais.

Rocha (2008) igualmente realizou um estudo envolvendo intervenção com adolescentes em conflito com a lei. A pesquisadora trabalhou com onze adolescentes de uma unidade de Socioeducação do estado do Paraná. O objetivo principal do trabalho foi verificar a correlação entre as intervenções analítico-comportamentais e a diminuição de comportamentos de hostilidade, como mentir e culpar o outro e também, com o aumento de comportamentos de auto revelação, como a expressão de sentimentos positivos e expressão de arrependimento. Os resultados apontam para um aumento dos comportamentos desejáveis e a diminuição dos comportamentos indesejáveis em nove, dos onze participantes envolvidos no estudo, reiterando, a partir dos resultados, a possibilidade de desenvolvimento de comportamentos prossociais.

Apesar dos resultados positivos em relação às intervenções realizadas com adolescentes em conflito com a lei, não foi identificada no Brasil uma intervenção focando o desenvolvimento do repertório de autocontrole com essa população. O autocontrole seria de grande relevância num processo de intervenção na medida em que tem, dentre outras, a função de ensinar o indivíduo a descrever seu próprio comportamento e analisá-lo funcionalmente, aumentando as chances de exercer controle sobre seu próprio responder, possibilitando assim, a tomada de decisão. Refletindo mais sobre esse tema, entende-se que muitas práticas infracionais poderiam ser evitadas se o indivíduo já possuísse em seu repertório o comportamento de autocontrole. Pois, em qualquer contexto, sempre haverá, pelo

menos, uma alternativa que apresentará um reforço maior, porém com atraso em detrimento a uma alternativa imediata e com menor reforço (Hanna & Ribeiro, 2005).

O trabalho, deste modo, foi desenvolvido com o objetivo de avaliar um programa analítico-comportamental de autocontrole elaborado para os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, proporcionando o aumento da emissão de respostas controladoras (autocontrole) e a redução da emissão das respostas controladas (comportamentos de impulsividade). O programa de intervenção contemplou técnicas desenvolvidas a partir de uma combinação de procedimentos verbais e não-verbais. O programa foi desenvolvido a partir de intervenções baseadas em modificação do antecedente, modificações da resposta, modificações da consequência e de intervenções predominantemente sobre o comportamento respondente (Del Prette & Almeida, 2012).

A proposta de trabalho possui semelhança com os procedimentos da terapia cognitiva comportamental uma vez que a maioria das terapias cognitivas comportamentais tem limite de tempo de tratamento, com muitos manuais de tratamentos recomendando 12-16 sessões e com um conjunto de técnicas específicas para cada transtorno. Entretanto, a separação das intervenções de terapia comportamental e a de técnicas cognitivas e comportamentais é apenas para fim didático, já que as técnicas afetam tanto os processos de autorregulação (pensamentos) quanto os padrões de comportamento do cliente.

2 Método

2.1 Ambiente e materiais

O programa de intervenção foi realizado no Centro de Socioeducação, CENSE II, do município de Londrina – PR. Esse CENSE tem caráter de internação sentenciada, no qual os adolescentes podem cumprir de 6 meses a 3 anos de medida, conforme decisão judicial. Os atendimentos ocorreram nas salas onde os técnicos da instituição realizam os atendimentos dos adolescentes. As salas comportam apenas duas pessoas, possuem uma mesa com duas cadeiras. O ambiente possui sistema de segurança com câmera e grades nas portas e nas janelas. Durante as atividades as portas foram trancadas com cadeados pelos educadores e reabertas após o término do atendimento, para impossibilitar a fuga do adolescente. Há também a obrigatoriedade do uso de jaleco como forma de identificação. Foi utilizado material impresso para as atividades e apenas uma caneta para o registro dos dados, uma vez que deve haver restrição com os materiais pontiagudos na presença dos internos.

2.2 Participantes

Participaram do estudo 4 adolescentes, do sexo masculino, com idade entre 15 e 18 anos que encontram-se em regime de internação no CENSE II – Londrina - PR.

2.3 Instrumentos

Inventário de Estilos Parentais (IEP) para família (Gomide, 2006): Esse instrumento tem por finalidade avaliar o estilo parental, isto é, as estratégias e técnicas utilizadas pelos pais para educar os seus filhos. Ele avalia sete práticas educativas, sendo cinco vinculadas ao desenvolvimento do comportamento antissocial: negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico, e duas relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos prossociais: comportamento moral e monitoria positiva.

Roteiro de entrevista inicial com os adolescentes (Anexo 2): Esse instrumento foi adaptado a partir do roteiro de entrevista desenvolvido por Padovani (2003). O objetivo foi levantar informações sobre escolaridade, moradia, relacionamento interpessoal, infância e histórico familiar.

Roteiro de entrevista para os familiares e os educadores (Apêndice G): Instrumento desenvolvido para avaliar o relato verbal dos educadores e dos familiares em relação ao comportamento dos adolescentes participantes da pesquisa. As perguntas referiram-se aos comportamentos apresentados antes e após o programa de intervenção. Os comportamentos que constam no questionário são relacionados aos comportamentos de impulsividade e de autocontrole.

Questionário de satisfação com a intervenção para os adolescentes (Apêndice F): Instrumento desenvolvido para avaliar o grau de satisfação do adolescente com a intervenção e a sua opinião a respeito das atividades desenvolvidas.

Comunicado de medida disciplinar: Esse material foi utilizado para registro das medidas internas aplicadas em casos de indisciplina nos três meses que antecederam a pesquisa, durante a pesquisa e dois meses após a pesquisa. A medida disciplinar é aplicada ao adolescente que transgredir alguma norma da unidade, como bater nas grades, desrespeitar o educador ou técnico, envolver-se ou promover conflitos com outro adolescente e tentar ou incitar fuga.

Protocolo de observação (Apêndice H): Utilizado para o registro da emissão de comportamentos considerados de autocontrole e impulsividade durante o período de observação, pré e pós-teste.

3 Aspectos Éticos

O projeto foi enviado primeiramente ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (CEP-UEL), que decidiu através do seu colegiado enviar para a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Foi igualmente enviado a Secretaria de Estado de Defesa Social de Curitiba - PR (SEDS) a fim de se obter autorização do Estado para a realização da pesquisa. Após a aprovação do projeto pelos referidos órgãos foi dado início a pesquisa (Anexo 3).

O Termo de Sigilo e Confidencialidade (Anexo 4) foi apresentado ao Diretor da unidade, por este ser o representante legal do Estado e responsável pelos adolescentes custodiados. Por tratar-se de menores de idade, o TCLE (Apêndice I) foi apresentado ao familiar responsável pelo adolescente para autorização da participação na pesquisa. Neste constou igualmente a assinatura do adolescente. O segundo TCLE (Apêndice J) foi apresentado ao Educador Social por entender a voluntariedade de sua participação na pesquisa.

4 Procedimentos

Os adolescentes foram indicados pela equipe técnica, composta por Psicólogos e Assistentes Sociais, e convidados a participar da pesquisa por haver grande incidência de aplicação de medidas disciplinares à esses jovens. O processo de triagem ocorreu com os adolescentes que deram o seu consentimento e cujas famílias aceitaram participar voluntariamente do programa de intervenção.

4.1 Etapa 1: Pré-teste

Nessa fase foi realizada a aplicação do IEP com a família dos adolescentes e com os adolescentes no intuito de verificar as práticas educativas a que estiveram expostos; análise do comunicado de medida disciplinar e aplicação do roteiro de entrevista inicial com os participantes para levantamento de informações consideradas relevantes para o estudo. A

medida disciplinar é aplicada ao adolescente caso este descumpra com alguma das regras estabelecidas pela Instituição.

A pesquisadora realizou uma entrevista com os educadores sociais e com os familiares dos adolescentes para o levantamento de informações sobre a emissão de comportamentos de autocontrole e de impulsividade emitidos antes do programa de intervenção. A entrevista com os educadores sociais foi realizada na instituição e a entrevista com os pais realizada em suas residências por haver dificuldade de acesso à instituição em dias diferentes que os das visitas aos adolescentes e por dificuldades financeiras das famílias para ir até o local da pesquisa.

Foi realizada uma sessão de observação com duração de uma hora, para avaliar o comportamento dos adolescentes em ambiente institucionalizado. Para uma maior fidedignidade do registro dos dados, foi recrutado um segundo observador para comparação dos dados coletados nas observações. A observação foi conduzida no momento em que os jovens estavam no solário. O período de solário é de uma hora e realizado com todos os adolescentes da mesma ala. Entretanto, essa atividade estava ocorrendo individualmente devido ao cumprimento recorrente das medidas disciplinares.

4.2 Etapa 2: Intervenção

Essa etapa foi realizada durante dez sessões, aproximadamente dois meses, com duas sessões semanais de uma hora, para cada participante. Ela foi realizada seguindo a tabela:

Sessão	Objetivo	Tempo	Atividade
1	Estabelecer vínculo com o adolescente e expor as metas do programa de intervenção.	1hr	Apresentação do programa.
2	Realizar a análise funcional dos comportamentos de impulsividade.	1hr	O adolescente escolhe as classes de comportamento de impulsividade para a realização da análise funcional. A análise funcional será descrita em uma folha onde constam balões com as seguintes perguntas: “O que aconteceu antes?”, “O que você fez?”, “O que aconteceu depois?”, “O que você pensou?”, “O que você sentiu?”.

3	Desenvolver uma análise funcional do comportamento desejável (autocontrole).	1hr	O adolescente escolhe classes de comportamento de autocontrole para a realização da análise funcional, substituindo os comportamentos trabalhados na sessão anterior. A atividade será realizada em uma folha que constam balões com as seguintes perguntas: “ <i>O que aconteceu antes?</i> ”, “ <i>O que você fez?</i> ”, “ <i>O que aconteceu depois?</i> ”, “ <i>O que você pensou?</i> ”, “ <i>O que você sentiu?</i> ”.
4	Substituição de algumas autoregras por outras socialmente desejáveis.	1hr	O adolescente identifica e verbaliza publicamente pensamentos que sejam considerados indesejáveis por ele e quais os pensamentos que ele considera desejáveis para a sua substituição. Será registrado em uma folha.
5	Desenvolver o padrão de comportamento de assertividade, trabalhando os comportamentos de passividade e agressividade, os quais são funcionalmente semelhantes ao comportamento de impulsividade, sendo este último concorrente ao comportamento de autocontrole.	1hr	Orientação explicando, através de exemplos, o comportamento de assertividade. Após com procedimentos de <i>role-play</i> e modelação serão modelados comportamentos públicos do adolescente. O adolescente exemplificará situações que servem como ocasião para a emissão de respostas consideradas agressivas, respostas consideradas passivas e por fim, respostas que possam ser definidas como assertivas.
6	Ensinar o adolescente a diminuir o nível de ansiedade através de técnica de relaxamento e do condicionamento encoberto. Controlar a própria respiração desenvolvendo habilidades para enfrentar situações cotidianas que produzam tensão e ansiedade.	1hr	Instruções sobre posição corporal para a atividade e forma de respiração. Depois de um tempo considerado suficiente para o relaxamento serão realizadas novas instruções referente a comportamentos verbais encobertos. Depois de treinar alguns pensamentos solicita-se que o jovem abra os olhos calmamente. Após a atividade, serão discutidos os pensamentos trabalhados na sessão.

7	<p>Ensinar ao adolescente a tomada de decisão em situações conflitantes. As situações de conflito geralmente estão entre a escolha de um reforço de maior magnitude, porém com atraso, em detrimento a um reforço imediato e de menor magnitude.</p>	1hr	<p>O adolescente preenche uma folha com as seguintes alternativas: “<i>O que eu desejo para o meu futuro?</i>”, “<i>Quais são as recompensas?</i>”, “<i>Quais são os desafios?</i>”, “<i>O que eu devo fazer pra conseguir?</i>”.</p>
8	<p>Identificar os sentimentos, avaliar uma situação problema, analisar as possíveis consequências, prevenir-se de respostas automáticas, avaliar e tomar decisão, aprender a lidar com situações de provocação.</p>	1hr	<p>O adolescente descreve um problema específico. As respostas devem ser anotadas pelo pesquisador. Ao final serão discutidas as vantagens de se utilizar de estratégias de autocontrole e de realizar a análise das consequências.</p>
9	<p>Ensinar o adolescente a emitir autoinstruções durante a realização de tarefas ou de situações que ele precise pensar antes da tomada de decisão.</p>	1hr	<p>Atividade realizada por meio de um jogo de quebra-cabeça, onde o participante deve ser instruído a verbalizar publicamente durante o tempo de execução: 1- “<i>O que tenho que fazer?</i>”, “<i>Como tenho de fazê-lo?</i>”, “<i>Estou fazendo muito bem!</i>”, “<i>Tudo bem, posso ter errado nisso, mas posso continuar, com calma.</i>”</p>
10	<p>Orientar sobre os benefícios do repertório de autocontrole.</p>		<p>Discutir sobre todas as atividades anteriores para o esclarecimento de possíveis dúvidas do adolescente.</p>

4.3 Etapa 3: Pós-teste

O acompanhamento após a intervenção foi realizado com o mesmo roteiro de entrevista (Apêndice G) e com os mesmos educadores sociais que participaram da etapa de pré-teste, para avaliar o relato verbal da emissão de comportamentos considerados de autocontrole e de impulsividade pelos adolescentes. Foi realizado também o levantamento das medidas disciplinares registradas diariamente nos relatórios dos adolescentes durante o período da intervenção e 2 meses que procederam a intervenção.

5 Resultados

A entrevista inicial com os adolescentes ocorreu após o consentimento dos familiares. Os participantes estavam à espera do programa e alegaram estar contentes com a possibilidade de diminuição dos comportamentos de impulsividade, uma vez que consideram esse comportamento a causa do envolvimento com a prática dos atos infracionais. O relato dos familiares corroborou com a percepção que os adolescentes possuem em relação a dificuldade em manter o autocontrole em situações de decisão e conflito.

A entrevista foi semiestruturada dando a possibilidade de o adolescente falar livremente sobre a sua história de vida. O acolhimento inicial e a audiência não punitiva possibilitou o relato de questões envolvendo atos infracionais que não serão descritas no presente trabalho por não haver permissão por parte do Estado.

O estabelecimento do vínculo entre a pesquisadora e os adolescentes ocorreu de maneira rápida o que facilitou para o engajamento com demais atividades do programa. Após a entrevista inicial foi aplicado o IEP como forma de investigar os estilos parentais os quais estiveram expostos antes da internação. A tabela 2 apresenta o perfil do adolescente e a escolaridade, conforme os dados obtidos durante a entrevista inicial.

Tabela 2. Perfil dos participantes da pesquisa em relação aos dados pessoais, escolaridade, escolaridade dos pais e uso de substância química.

	P1	P2	P3	P4
Idade	18	15	18	17
Mora com quem	Outros	Pai/ mãe	Mãe/padrasto	Mãe
Quantos moram na casa	+ 05	04	03	+ 05
Etnia	Negro	Caucasiano	Caucasiano	Pardo
Escolaridade pais	Fundamental incompleto	Fundamental incompleto	Analfabeto	Fundamental incompleto
Escolaridade	6° série	5° série	5° série	5° série
Repetiu o ano	2 vezes	1 vez	2 vezes	+ 3 vezes
Parou de estudar	Sim	Sim	Sim	Sim
Fugiu de casa	Não	1 vez	Não	+ 3 vezes
Fuma cigarro	Sim	Sim	Não	Não
Medo de desen. doença	Sim	Não	Não	Não
Usa drogas	Maconha	Maconha	Maconha	Maconha
Usa álcool	Não	Sim	Sim	Não
Idade que começou usar	14 anos	13 anos	Até os doze	Até os doze
Brigas pela droga	Não	Não	Não	Não

Os dados apontam para a baixa escolaridade se comparados a escolaridade de jovens com a mesma faixa etária, embora eles estejam envolvidos com atividades escolares durante o período de permanência na instituição. Da mesma forma é possível verificar que os pais também possuem baixo ou nenhum grau de escolaridade. Outro dado obtido é a frequência de reprovações que ocorreu durante o tempo em que frequentaram a escola. Todos os participantes pararam de estudar e retomaram os estudos somente após o processo de internação.

Apenas o P1 e o P3 não fugiram de casa, embora tenham relatado que tiveram vontade inúmeras vezes. O principal motivo da fuga revelado pelos adolescentes foi não concordarem com as regras estipuladas por seus familiares. Quanto ao uso de substância, apenas o P1 e o P2 fumam cigarros e P2 e P3 consomem álcool, entretanto, todos os participantes afirmaram uso frequente de maconha. Além de tratar-se de adolescentes, um dado preocupante é a idade com que dois dos participantes (P3 e P4) começaram com o uso de maconha. Ambos relataram na entrevista terem o primeiro contato com a substância aos 8 anos de idade. Apesar do envolvimento com as drogas, todos os participantes relataram não ter havido envolvimento com brigas estando sob efeito de drogas.

A tabela 3 apresenta o relato verbal obtido através da entrevista com o adolescente. O relato versa sobre a infância e a relação com os pais e irmãos.

Tabela 3. Relato verbal dos participantes sobre a relação familiar e aspectos da infância

Participantes	Infância	Relação com o pai	Relação com a mãe	Relação com os irmãos
P1	<i>Minha mãe perdeu a guarda pro meu avô e minha avó. Brincava e jogava bola.</i>	<i>Com meu avô é bom.</i>	<i>Bom com minha avó.</i>	<i>Bom.</i>
P2	<i>Boa. Estudava, jogava futebol, brincava bastante.</i>	<i>Bom, com conversa.</i>	<i>Bom, com conversa também.</i>	<i>---</i>
P3	<i>Vi muitas brigas do pai com a mãe. Pai batia na mãe. Quando eu tinha 15 anos coloquei a arma na cara do meu pai.</i>	<i>Gostava do meu pai, mas ele não ligava e batia na mãe. Meu padrasto foi igual. Ameacei meu padrasto de morte.</i>	<i>Sempre foi tranquilo e bom.</i>	<i>Boa.</i>
P4	<i>Meio corrida, com oito anos me envolvi com o tráfico.</i>	<i>Tenho muita raiva do meu pai. Nunca convivi com ele. Meu padrasto tava preso.</i>	<i>Boa. Dificuldade porque ela tava presa.</i>	<i>Relação boa com minha irmã.</i>

De acordo com os dados da entrevista inicial foi possível analisar que 50% dos participantes (P1 e P2) relataram ter tido uma infância sem envolvimento com violência ao passo que a outra metade (P3 e P4) esteve exposta a algum tipo de violência. Apenas o P2 manteve contato com o progenitor, embora o P1 tenha o avô como figura paterna. Quanto a relação com a mãe, apenas o P4 apresentou maior dificuldade de relacionamento com a mãe, pelo fato do envolvimento de sua mãe com a justiça.

A tabela 4 apresenta o relato verbal obtido através da entrevista com o adolescente. O relato versa sobre a infância e a relação com os amigos.

Tabela 4. Relato verbal dos participantes sobre a relação com os amigos.

Participantes	Relação com amigos	Envolvimentos dos amigos com a justiça	Consumo de álcool e drogas pelos amigos
P1	<i>Bom. Tem dois amigos bons.</i>	<i>Uma passagem por tráfico.</i>	<i>O meu amigo fuma maconha.</i>
P2	<i>Boa, sem brigas.</i>	<i>Muitas foram presos por causa do tráfico”</i>	<i>“Eles usam maconha, cocaína, álcool”</i>
P3	<i>Relação chata. Os moleque me isolavam. Não queriam brincar nem emprestar as coisas porque eu era levado. Comecei a traficar pra comprar coisas.</i>	<i>Uns seis se envolveram com a polícia.</i>	<i>Eles não usavam.</i>
P4	<i>Considero mais ou menos. Tive mau influência e boa influência.</i>	<i>Muitos se envolveram com o crime.</i>	<i>Todos usam maconha e bebida. Alguns usam cocaína.</i>

Em relação aos amigos, apenas o P1 e P2 consideram um bom relacionamento com os amigos. O P3 alegou isolamento em virtude do seu comportamento na infância, esse participante possui diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e em virtude dos sintomas do transtorno, o adolescente alega muitas crianças o evitava fazendo com que ele recompensasse a “solidão” com a compra de objetos considerados caros.

Todos os participantes alegaram que seus amigos possuíam envolvimento com práticas infracionais e uso de drogas. Apenas o P3 alegou que os amigos não fizeram consumo de drogas.

A tabela 5 apresenta a percepção que o adolescente tem de si mesmo no que se refere às qualidades, defeitos e o que gostaria de mudar.

Tabela 5. Relato verbal dos participantes sobre o que consideram seus defeitos, qualidades e comportamentos que gostariam de mudar.

Participantes	Qualidades	Defeitos	Comportamento que gostaria de mudar
P1	<i>Eu canto rap, humildade, sei conversar.</i>	<i>Não ter meu pai e minha mãe no meu lado. Ser muito nervoso, estressado.</i>	<i>Me estresso muito fácil.</i>
P2	<i>Respeito e trato bem as pessoas.</i>	<i>Impulsivo, xingar, me irritado com facilidade.</i>	<i>Ficar menos nervoso.</i>
P3	<i>Determinação, caráter, fiel.</i>	<i>Se alguém me faz mal quero fazer igual. Sou impulsivo, falo alto, ansioso, inquieto. Tenho TDAH. Tomo remédio.</i>	<i>Nervosismo é o principal.</i>
P4	<i>Tenho educação pra tratar com as pessoas.</i>	<i>Não escuto conselhos. Não suporto ouvir críticas. Sou impulsivo.</i>	<i>Pensar mais antes de agir e mudar as amizades.</i>

Em relação à autopercepção, identifica-se através do relato verbal dos quatro participantes o quanto eles consideram importante a relação estabelecida entre as pessoas no que se refere à valores como caráter, respeito e humildade. Entretanto, todos os participantes justificaram suas práticas infracionais como sendo consequência da “falta de humildade” de outras pessoas, podendo nestes casos, haver prejuízo ao outrem. O termo “falta de humildade” aparece no discurso dos adolescentes que se refere ao comportamento da sociedade que possui maior aquisição econômica e trata as pessoas com menos poder aquisitivo de forma diferenciada. A segregação social, portanto, aparece como forte motivo de práticas infracionais de acordo com o relato dos adolescentes.

Já em relação ao que eles consideram defeitos e ao que gostariam de mudar, os quatro participantes foram categóricos, todos eles consideram-se impulsivos e gostariam de diminuir a irritabilidade, o que reitera a necessidade de desenvolvimento do repertório de autocontrole nesses jovens.

A tabela 6 apresenta o relato verbal dos adolescentes quanto ao dia mais feliz e mais triste que vivenciou e a respeito dos objetivos que possui para sua vida.

Tabela 6. Relato verbal dos participantes sobre o dia que considera mais triste, o dia que considera mais feliz e objetivos para o futuro.

Participantes	Dia mais feliz	Dia mais triste	Três desejos
P1	<i>Quando assisti as paraolimpíadas e vi que era sadio.</i>	<i>Quando caí. A decepção para os meus avós. Quando terminei o namoro.</i>	<i>Ser jogador de futebol, cantar rap e funk, ajudar meus avós com boa vida.</i>
P2	<i>Quando treinava futebol.</i>	<i>Quando vim pra cá.</i>	<i>Ir embora desse lugar, trabalhar pra mudar a vida e dar orgulho pra minha mãe.</i>
P3	<i>Quando soube que eu ia ser pai.</i>	<i>Quando minha mãe soube que eu tava no crime.</i>	<i>Ficar com a família, trabalhar honestamente e dar orgulho pra minha mãe.</i>
P4	<i>No dia das mães que pedi a Deus pra que minha mãe viesse. Ela saiu da cadeia e veio.</i>	<i>Na última visita da minha mãe. Falei um monte de verdade depois me arrependi.</i>	<i>Visita da minha namorada, um emprego, oportunidade numa escolinha de futebol.</i>

Por fim, a entrevista mostrou o quanto os adolescentes possuem aspirações, como qualquer outro jovem da mesma idade. Entretanto, seus objetivos concentram-se principalmente na mudança de vida, por perceberem prejuízo nas atuais condições. P1, P2 e P3 apontaram o envolvimento com a prática de atos infracionais como estando relacionado ao dia mais triste que vivenciaram.

As Figuras 1 e 2 apresentam um panorama dos comunicados de medidas disciplinares aplicados nos participantes no período de março a agosto, abrangendo as três fases do programa de intervenção. A fase de pré teste compreende os meses de março, abril e maio. Junho foi o mês de intervenção e final de julho e agosto foi o período de pré teste.

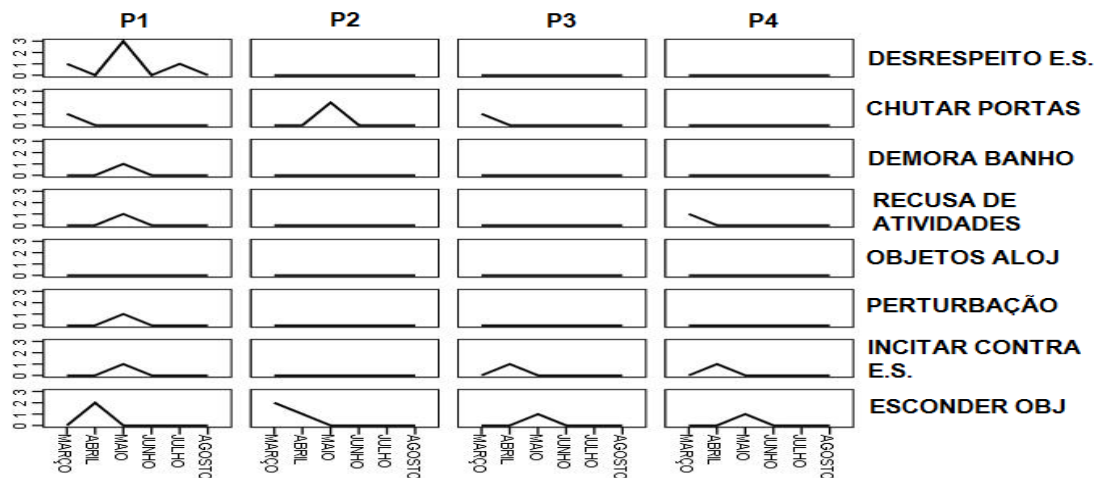


Figura 1. Medidas disciplinares aplicadas nos quatro participantes e que ocorreram entre os meses de março e agosto por realizarem os referidos comportamentos.

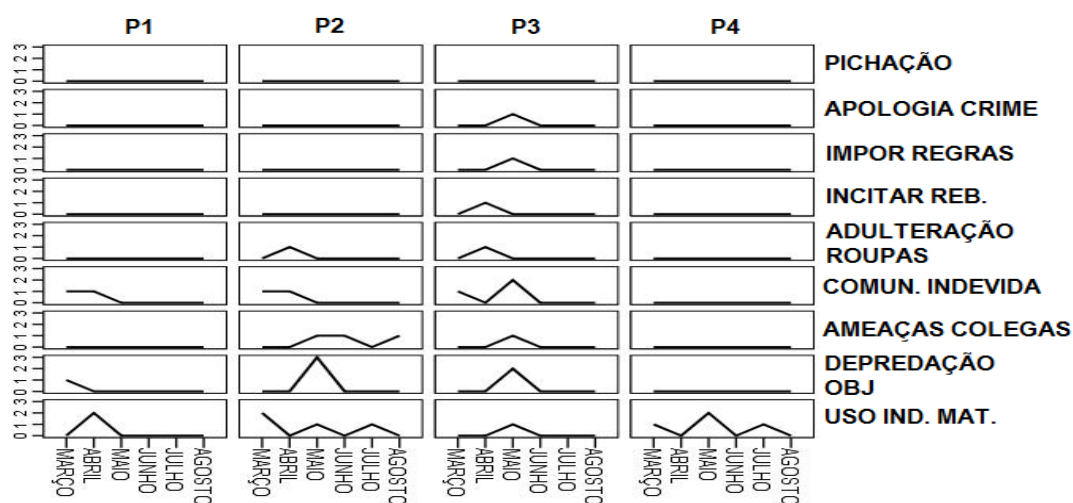


Figura 2. Medidas disciplinares aplicadas nos quatro participantes e que ocorreram entre os meses de março e agosto por realizarem os referidos comportamentos.

Os dados apontam para maior emissão de comportamentos de impulsividade por parte do P1 nos meses de março, abril e maio, fase que antecedeu ao programa de intervenção. No mês de maio houve a maior concentração de comportamentos considerados indisciplinados tais como: desrespeito com o educador social, demora no banho, recusa em participar de atividades, perturbação das atividades e o comportamento de esconder objetos no alojamento. No mês de julho houve a emissão de um comportamento de desrespeito ao educador social e no mês de agosto, considerado período de *follow up* não foi registrado nenhum comunicado de comportamento indisciplinar com esse adolescente.

O P2 apresenta maior emissão de comportamentos de impulsividade nos meses de março, abril e maio, com emissão de comportamentos de depredação dos objetos, conversa indevida, ameaças aos colegas, chutes nas grades e uso indevido de materiais. No mês de julho e agosto houve a emissão apenas de um comportamento de uso indevido de material e ameaças ao colega. Podendo deduzir uma diminuição dos comportamentos de impulsividade durante o período da intervenção e de *follow up*.

O P3 apresentou durante os seis meses de avaliação maior emissão de comportamentos de impulsividade no mês de maio. Emitiu comportamentos de chutar portas, incitar rebelião e colegas contra o educador social nos meses de março e abril. Houve apenas uma única emissão de comportamento de uso indevido de material no mês de julho e nenhum comportamento de impulsividade no mês de agosto, após o programa de intervenção.

O P4 emitiu comportamentos considerados indisciplinados no mês de março, abril, maio e julho. Conclui-se que durante a intervenção não houve comunicado de medida disciplinar e após a intervenção houve um comunicado de uso indevido de material. A Figura 3 apresenta o resultado da entrevista realizada com as mães dos adolescentes antes da intervenção e que relataram os comportamentos emitidos pelos adolescentes meses antes do processo de internação no CENSE.

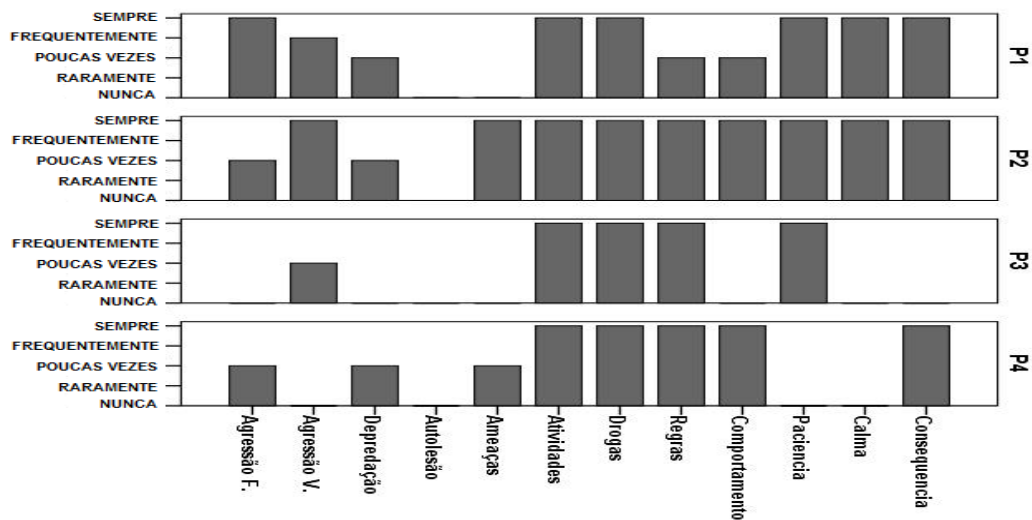


Figura 3. Comportamentos emitidos nos últimos meses antes da internação obtidos por meio da entrevista com a família.

Os resultados apontam para uma frequência alta de emissão de comportamentos considerados de impulsividade. Os familiares de todos os adolescentes participantes da pesquisa relataram envolvimento constante com atividades ilícitas e com o consumo de drogas. Os familiares do P1 alegaram nunca ter ocorrido comportamento de autolesão e ameaças contra a família. Eles o consideram desde criança um criança agitada e com dificuldade de manter-se calmo.

Comportamento de autolesão também não foi emitido pelo P2, embora tenha sido relatado pela família frequência alta na emissão de todos os outros comportamentos. A genitora do P2 alega que ele possui características de TDAH, mantendo dificuldade de aprendizagem e de concentração em qualquer atividade. O P3 possui o diagnóstico de TDAH, entretanto, a sua mãe alega nunca ter proporcionado acompanhamento psicológico ao filho. A família do P3 apontou dificuldade de o adolescente manter-se calmo em atividades que requeriam paciência e poucas vezes ameaças verbais contra familiares ou outras pessoas, alegando sintomas de hiperatividade e déficit de atenção. Na instituição, tanto o P2 como o P3 fazem uso de medicação para a ansiedade. Já o P4 emitiu frequentemente comportamentos

rápidos sem pensar nas consequências, ainda algumas vezes emitiu comportamentos de agressão física, depredação de objetos e ameaças contra famílias ou outras pessoas.

A Figura 4 e a Figura 5 apresentam os resultados dos questionários aplicados nos Educadores Sociais sobre os comportamentos dos adolescentes antes e após a intervenção.

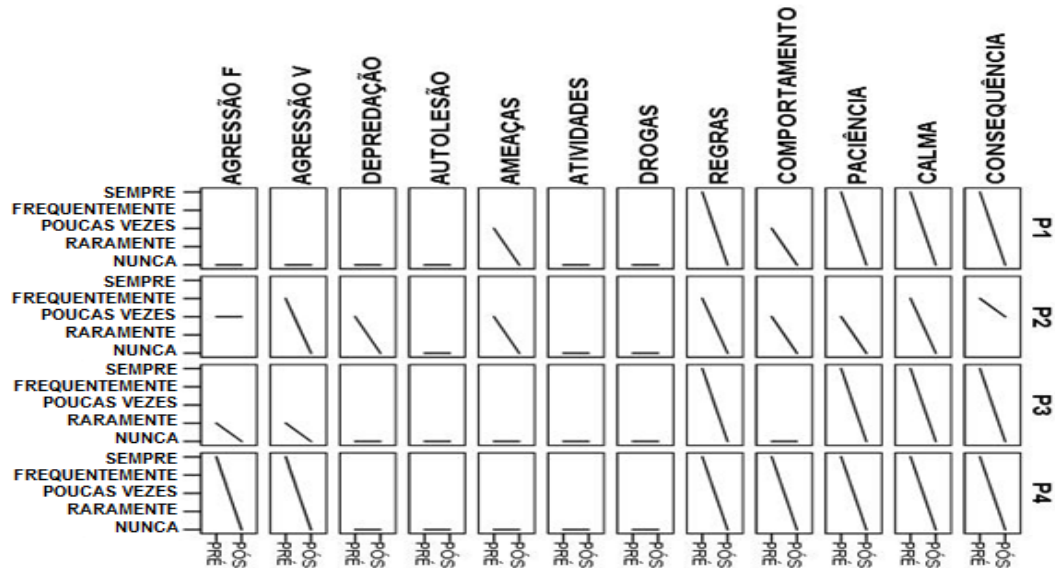


Figura 4. Relato dos educadores sociais de um dos turnos de plantão em relação aos comportamentos dos adolescentes emitidos antes e após programa de intervenção.

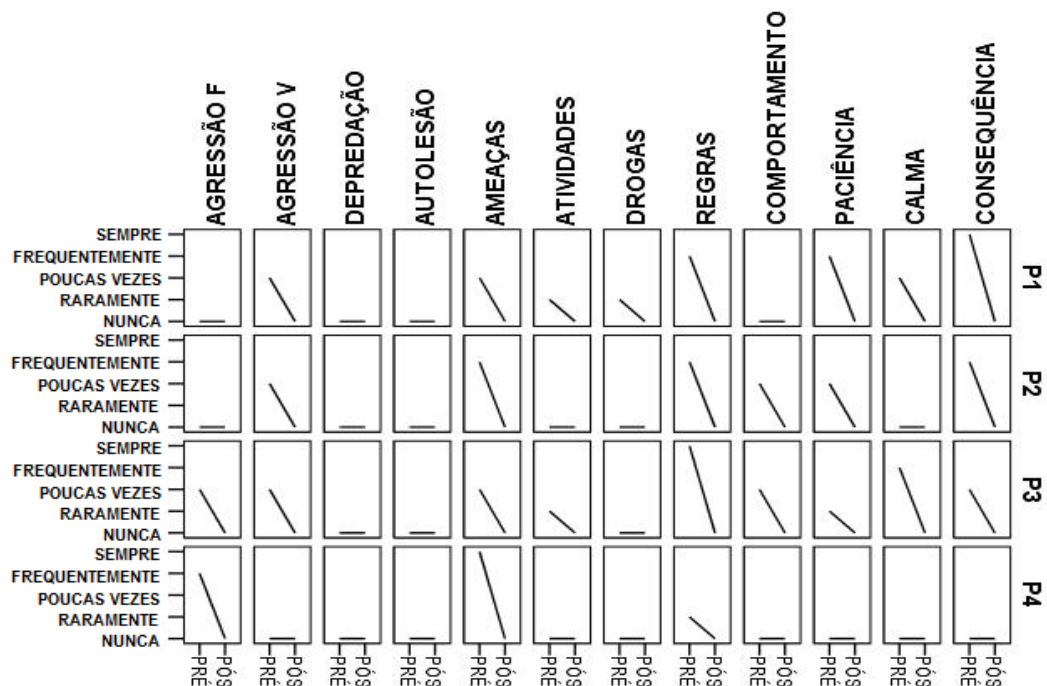


Figura 5. Relato dos educadores sociais de um dos turnos de plantão em relação aos comportamentos dos adolescentes emitidos antes e após o programa de intervenção.

Quanto ao P1, os grupos 1 e 2 de educadores apontaram na fase de pré-teste para a alta frequência de emissão de comportamentos rápidos sem pensar nas consequências, dificuldade em manter-se calmo em situações de conflito e dificuldade em realizar atividades que requeriam paciência. Comportamentos de agressão verbal contra o educador ou outra pessoa e ameaças foram emitidos poucas vezes segundo os dois grupos de educadores. Durante a fase de pós-teste do P1, todos os educadores alegaram não haver mais emissão dos comportamentos descritos no questionário.

Os grupos 1 e 2 de educadores alegaram que houve durante a fase de pré-teste do P2 frequência alta na emissão de comportamentos de agressão verbal, não seguimentos de regras, dificuldade de manter a calma e poucas vezes a emissão de comportamentos de ameaças, comportamentos perigosos e depredação. Todos esses comportamentos cessaram na fase de pós-teste. Entretanto, o grupo 2 de educadores relatou que houve a emissão de agressão física e de comportamentos sem medir as consequências na fase de pós-teste após uma discussão entre os internos.

De acordo com o grupo 1 e o grupo 2 de educadores, o P3 apresentou frequentemente a dificuldade de manter-se calmo, seguir regras da instituição, dificuldade em realizar tarefas que necessitavam de calma e a emissão de comportamentos rápidos sem medir as consequências. Os dois grupos relataram menor frequência de emissão de comportamentos de agressão verbal, física e ameaças contra o educador ou outra pessoa. No entanto, segundo os educadores, na fase de pós-teste os comportamentos relatados não foram mais emitidos.

O grupo 1 de educadores alegou que o P4 emitiu durante os meses que antecederam a intervenção alta frequência nos comportamentos de agressão verbal, agressão física, dificuldade em seguir regras, dificuldade em manter-se calmo, comportamentos rápidos sem medir as consequências e envolvimento em comportamentos perigosos. Já o grupo 2 alegou frequência nos comportamentos de agressão física e ameaças contra o educador ou outra pessoa e dificuldade em seguir regras da instituição. Ambos os grupos descreveram que os comportamentos cessaram após a intervenção.

Como forma de avaliar as práticas parentais nas quais os adolescentes estiveram expostos foi aplicado o IEP com as mães e/ou cuidadores dos participantes. A tabela 7 demonstra os resultados obtidos através do instrumento.

Tabela 7. Resultado do inventário aplicado nas mães dos adolescentes durante a fase de pré-teste (Gomide, 2006).

Participantes	Percentuais do IEP	Interpretação do resultado
P1	(IEP = -9)	Estilo Parental de Risco. Aconselha-se a participação em programas de intervenção terapêutica, em grupo, de casal ou individualmente, especialmente desenvolvido para pais com dificuldade em práticas educativas nas quais possam enfocadas as consequências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas
P2	(IEP = 1)	
P3	(IEP = 4)	
P4	(IEP = -13)	

Entende-se através dos resultados que os quatro participantes estiveram expostos a práticas educativas semelhantes e que proporcionaram situações de risco. Gomide (2003) adverte que as práticas educativas negativas podem desenvolver comportamentos considerados antissociais e são advindas da ausência de afeto e atenção, disciplina por meio de ameaças, descuido das regras estabelecidas, consequências emitidas condicionais ao humor dos pais etc. Deste modo, presume-se que os comportamentos considerados de impulsividade possuem correlação com a história de vida dos adolescentes.

A seguir serão apresentados os resultados obtidos durante as sessões de atendimento do período de intervenção. A primeira sessão foi dedicada ao estabelecimento das metas para a intervenção. Por ter havido encontros anteriores para entrevista inicial, não houve dificuldade para os participantes sentirem-se a vontade e falarem livremente sobre o que esperavam do programa de intervenção. Todos os adolescentes relataram estar otimistas com a possibilidade de mudança de comportamentos, alegando que os comportamentos de impulsividade atrapalhavam no cotidiano da instituição e no ambiente social. Para isso, comprometeram-se a participar de todas as atividades e realizar, caso fosse solicitado, as atividades estipuladas pela pesquisadora durante o tempo de intervenção.

As Tabelas 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15 apresentam os resultados da segunda e terceira sessão, onde trabalhou-se por meio da análise funcional os comportamentos de impulsividade relatados pelos adolescentes e os comportamentos de autocontrole que poderiam substituí-los.

Tabela 8. Análise funcional realizada por P1 dos comportamentos emitidos nos últimos meses

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA	RESPONDENTE	AUTOREGRA
<i>Eu estava conversando com um educador sobre minha família o outro educador veio e me chamou de chorão</i>	<i>Xinguei ele com palavrões</i>	<i>Fui para a contenção e cumpri medida de 15 dias</i>	<i>Senti raiva e fiquei deprimido</i>	<i>Esse educador quer ser mais que eu. Isso é abuso de autoridade</i>
<i>Estava discutindo com a namorada porque ela queria proibir eu de cantar. Um menino xingou meus avós e falou que a gente não tinha nem onde cair morto</i>	<i>Empurrei ela no sofá, bati nela e chutei a perna dela. Peguei e desci na casa dele com 10 moleques e mandamos ele para o hospital</i>	<i>O irmão dela saiu atrás de mim, mas o “patrão” pegou ele e bateu. A mãe dele veio mais tarde conversar comigo sobre isso</i>	<i>Prazer e raiva. Muita raiva</i>	<i>Ela está duvidando de mim, tem que parar de duvidar. Não parava de pensar em bater nele</i>
<i>No início do namoro estava com minha namorada e minha sogra e veio um menino drogado pedir para eu vender mais para ele</i>	<i>Comecei a bater muito nele</i>	<i>A sogra a namorada se envolveram e pediram para eu parar de bater. A namorada falou muito depois</i>	<i>Muita raiva</i>	<i>Ele está me “tirando”. Desobedeceu minhas ordens. A minha namorada vai falar muito depois.</i>

Tabela 9. Levantamento realizado por P1 de comportamentos para substituição dos comportamentos da análise funcional da Tabela 7

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA	RESPONDENTE	AUTOREGRA
<i>Eu estava conversando com um educador sobre minha família o outro educador veio e me chamou de chorão</i>	<i>Ficado de boa, quieto e sem falar nada</i>	<i>Teria ido para a escola sem problema e não teria pegado medida</i>	<i>Surpreso por me controlar. Feliz</i>	<i>Não estou pensando mal da situação. Estou me sentindo tranquilo</i>
<i>Estava discutindo com a namorada porque ela queria proibir eu de cantar.</i>	<i>Conversar com ela numa boa e virado as costas e ido embora</i>	<i>O irmão dela não teria apanhado e eu não teria discutido tanto com ela</i>	<i>Felicidade</i>	<i>Estou tranquilo e ele é humilde</i>
<i>Um menino xingou meus avós e falou que a gente não tinha nem onde cair morto</i>	<i>Ficado onde eu estava sem ter ido na casa dele</i>	<i>Permaneceria na amizade e sem envolvimento com a violência</i>	<i>Ficado de boa e suave</i>	<i>Ele está sendo homem de ter se redimido</i>
<i>No início do namoro estava com minha namorada e minha sogra e veio um menino drogado</i>	<i>Ter ignorado. Ter conversado</i>	<i>Ele ia embora e eu tinha ido para a casa da namorada sem brigar</i>	<i>Continuar com bom humor</i>	<i>Que cara louco, pedir droga na frente da minha casa</i>

*pedir para eu
vender mais para
ele*

Tabela 10. Análise funcional realizada por P2 dos comportamentos emitidos nos últimos meses.

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA	RESPONDENTE	AUTOREGRA
<i>O cara tinha roubado a droga e o “patrão” achou que era eu. Eles vieram atrás de mim e a prima do cara disse que ele ia me matar</i>	<i>Peguei o revólver para matar e o tiro acertou a mão da namorada dele</i>	<i>Fui comer um lanche e fui preso na cadeia da minha cidade 5 dias e depois fui pego de novo e vim pra cá</i>	<i>Medo de perder a vida. Ódio e adrenalina</i>	<i>Ou é ele ou sou eu</i>
<i>O adolescente me provocou dentro da sala de aula. Disse que eu não aguentava nem um soco</i>	<i>Briguei de soco com ele</i>	<i>Fiquei de medida 8 dias</i>	<i>Muita raiva e ódio</i>	<i>Vou bater nele até ele morrer</i>
<i>O educador deu uma medida por ter escrito na parede e disse que não prejudica muito</i>	<i>Comecei a “bater grade” chutando</i>	<i>Fiquei de medida 5 dias</i>	<i>Raiva</i>	<i>Não precisava dar medida por escrever na parede</i>
<i>Acabei o dever na sala de aula e fiquei ansioso, sem ter o que fazer</i>	<i>Escrevi na parede</i>	<i>Peguei medida</i>	<i>Raiva pela medida. E medo na hora que estava escrevendo</i>	<i>Se alguém da minha cidade vir aqui na sala vai ver o meu nome</i>

Tabela 11. Levantamento realizado por P2 de comportamentos para substituição dos comportamentos da análise funcional da Tabela 9.

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA	RESPONDENTE	AUTOREGRA
<i>O cara tinha roubado a droga e o patrão achou que era eu. Eles vieram atrás de mim e a prima do cara disse que ele ia me matar</i>	<i>Era só eu ligar do celular e dizer que já foi resolvido e ia falar que não precisava ameaçar que era pra ficar de boa</i>	<i>Estaria em liberdade com minha namorada e minha família</i>	<i>Tranquilo e sem medo</i>	<i>Posso resolver as coisas sem violência. Vou ficar de boa, cada um no seu canto</i>
<i>O adolescente me provocou dentro da sala de aula. Disse que eu não aguentava nem um soco</i>	<i>Falado assim pra ele: Ok. Tudo bem, eu sei que tu bate. Não estou a fim de confusão</i>	<i>Não teria brigado e nem ficado de medida</i>	<i>Um pouco de ódio, mas ia passar porque eu ia pensar que ia passar porque eu ia ficar de boa, me empenhar</i>	<i>Vou conversar numa boa. Eu vou ficar de boa. Eu sei que bato também e aguento. Não preciso provar nada pra ninguém</i>

<i>O educador deu uma medida por ter escrito na parede e disse que não prejudica muito</i>	<i>Ficado calmo e aguardar passar 3 dias. Não ia prejudicar tanto</i>	<i>Não ia perder o alimento na visita e já voltava as atividades</i>	<i>Tranquilo, calmo e alegre</i>	<i>Ninguém precisa ver o que eu escrevi. Vou aguardar os 3 dias tranquilo</i>
<i>Acabei o dever na sala de aula e fiquei ansioso, sem ter o que fazer</i>	<i>Ficado quieto na carteira e esperado a aula passar</i>	<i>Não ia pegar medida por bobagem</i>	<i>Tranquilo e calmo para fazer as atividades</i>	<i>Daqui a pouco acaba a aula e eu vou para a outra atividade e não vou pegar medida</i>

Tabela 12. Análise funcional realizada por P3 dos comportamentos emitidos nos últimos meses.

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA	RESPONDENTE	AUTOREGRA
<i>Estava na esquina com a namorada e uma menina passou me olhando</i>	<i>Respondi furioso: to de boa e fui pra casa</i>	<i>Ela foi embora e disse pra não ir na casa dela</i>	<i>Desrespeito e raiva</i>	<i>Essa mina tá me tirando, fazendo pirraça no meio da rua</i>
<i>Troquei de chip com um amigo e a namorada dele me ligou. Ela ficou uma fera e disse que eu tinha que provar que era do amigo</i>	<i>Chutei o ventilador, soquei a porta de vidro e briguei com a minha mãe, saí de casa e fui dormir no meu amigo</i>	<i>Briguei com a minha namorada</i>	<i>Raiva, euforia</i>	<i>Não tenho mais poder, mais respeito. Ela é outra pessoa</i>
<i>Estava escondido com medo de ser preso</i>	<i>Fui atrás dele e atirei oito vezes</i>	<i>Fiquei longe de casa escondido 2 meses</i>	<i>Sangue frio, adrenalina, frio na barriga</i>	<i>Ou é ele ou sou ele</i>
<i>Estava no alojamento ansioso por não ter recebido carta da minha namorada</i>	<i>Bati grade com os pés</i>	<i>Educador me deu medida de 10 dias</i>	<i>Solidão, desespero, tristeza</i>	<i>Ela não vai me mandar carta por castigo</i>

Tabela 13. Levantamento realizado por P3 de comportamentos para substituição dos comportamentos da análise funcional da Tabela 11.

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA	RESPONDENTE	AUTOREGRA
<i>Estava na esquina com a namorada e uma menina passou me olhando</i>	<i>Vamos pra casa conversar com mais calma</i>	<i>Agente tinha resolvido numa boa e tinha uma conversa relaxante</i>	<i>Tranquilo e feliz</i>	<i>Estou me controlando. Controlado na situação</i>
<i>Troquei de chip com um amigo e a namorada dele me ligou. Ela ficou uma</i>	<i>Conversar na boa, tirar as conclusões e ver o que ia</i>	<i>Teria ficado em casa, não teria brigado com ela e com a minha mãe</i>	<i>Amor, tranquilidade e calma</i>	<i>Que eu tinha mente pra controlar as emoções</i>

<i>fera e disse que eu tinha que provar que era do amigo</i>	<i>dar</i>			
<i>Estava escondido com medo de ser preso</i>	<i>Esperar a poeira baixar e ver onde ia terminar</i>	<i>Ficar tranquilo, mas ligado na resposta dele</i>	<i>Adrenalina, frio na barriga, pouco de medo</i>	<i>Se ele tentar alguma coisa eu revido, ficar de boa</i>
<i>Estava no alojamento ansioso por não ter recebido carta da minha namorada</i>	<i>Pensar com mais calma e controlar as emoções</i>	<i>Eu ia saber porque não chegou a carta e não ia pegar medida e ia melhorar meu relatório</i>	<i>Ficar um pouco triste pela carta, mas ia poder ver minha mãe no domingo com boas notícias</i>	<i>Não foi dessa vez e procurar pensar suave e ver no que ia dar</i>

Tabela 14. Análise funcional realizada por P4 dos comportamentos emitidos nos últimos meses.

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA	RESPONDENTE	AUTOREGRA
<i>Estava jogando droga na cadeia eles falaram que iam multar a minha moto</i>	<i>Xinguei eles e disse que 1º multa é apenas 500,00, que não dava nada</i>	<i>Perdi a minha Moto durante 5 dias e fiquei preso 1 dia</i>	<i>Muita raiva e ódio</i>	<i>Vou matar esse policial</i>
<i>Estava deitado, mas o educador me deu medida porque disse que eu estava me comunicando com outro adolescente</i>	<i>Xinguei ele com um monte de palavrões</i>	<i>Continuei cumprindo medida</i>	<i>Muita raiva e ódio</i>	<i>Vou acabar “batendo grade”</i>
<i>Da outra vez que que saí do CENSE, encontrei o cara no Igapó</i>	<i>Bati muito nele, entrei no carro, peguei o revólver e ameacei ele e os outros de morte</i>	<i>Ficamos andando atrás dele, mas não encontramos</i>	<i>Muita raiva e ódio</i>	<i>Que ele faltou com humildade comigo e eu vou matar</i>
<i>Briguei com a minha mãe porque ela queria dar uns conselhos</i>	<i>Peguei o revólver, chamei o meu amigo e fomos roubar uma casa</i>	<i>A polícia veio abordar, me deu 17 tiros. Bati o carro, saí correndo mas fui preso</i>	<i>Muita raiva, ódio, adrenalina e dor</i>	<i>A mãe não para de falar bobeira. Ela tá errada</i>

Tabela 15. Levantamento realizado por P4 de comportamentos para substituição dos comportamentos da análise funcional da Tabela 13.

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA	RESPONDENTE	AUTOREGRA
<i>Estava jogando droga na cadeia eles falaram que iam multar a minha moto</i>	<i>Ficado na minha e ido embora</i>	<i>Tinha sido liberado e não tinha perdido a minha moto</i>	<i>Alegria</i>	<i>Os caras estão sendo legais</i>
<i>Estava deitado, mas o educador me deu medida porque disse que eu estava me comunicando com outro adolescente</i>	<i>Ficado quieto em silêncio</i>	<i>Eles iam ver que eu não tinha nada a ver com a medida</i>	<i>Ficaria suave</i>	<i>Melhor eu ficar na minha, não compensa eu ficar debatendo com eles</i>
<i>Da outra vez que que sai do CENSE, encontrei o cara no Igapó</i>	<i>Ter falado com ele de boa e falado quem era a minha pessoa</i>	<i>Nós teria apaziguado</i>	<i>Aliviado</i>	<i>Agora ele vai começar a ter humildade com os outros</i>
<i>Briguei com a minha mãe porque ela queria dar uns conselhos</i>	<i>Podia ter escutado minha mãe, porque palavra de mãe acontece</i>	<i>Eu não correria o risco de ser preso ou morto. Estaria em liberdade. Suave com a namorada</i>	<i>Suave, alegria e calma</i>	<i>Minha mãe fala as coisas certas para mim</i>

Todos os participantes apresentaram facilidade para realização das atividades. Na sessão 2 descreveram com detalhes o momento em que emitiram comportamentos considerados de impulsividade. Com a discussão após a atividade foi possível observar a compreensão deles sobre a relação funcional do comportamento de impulsividade constatado por meio da atividade 3 de substituição de respostas. Todos os participantes avaliaram que a troca de resposta frente a situação geraria outra consequência, pensamento e sentimento.

Na quarta sessão foram trabalhadas as autorregras consideradas indesejáveis pelos adolescentes como forma de desenvolver novas autorregras e assim possibilitar a descrição de contingências enunciadas por eles próprios, exercendo controle sobre a resposta subsequente. Todos os participantes relataram nessa sessão que possuem autorregras que gostariam de modificar, entendendo, inclusive, que elas foram desenvolvidas a partir da história de vida e principalmente com o envolvimento na prática de atos infracionais. As autorregras trabalhadas nessa sessão foram monitoradas em todas as demais sessões. O P4 durante algumas sessões posteriores afirmou estar com dificuldades em modificar a autorregra que descrevia a possibilidade de retorno a prática de atos infracionais. No entanto, após verbalizar mais sobre os receios de voltar a cometer os atos infracionais e de se trabalhar prós e contras, houve relato de diminuição da frequência dos pensamentos ao longo das semanas.

As Tabelas 16, 17, 18 e 19 apresentam o relato verbal dos adolescentes sobre a análise das autorregras.

Tabela 16. Relato das autorregras emitidas por P1 e a possibilidade de substituição por novas autorregras.

O QUE EU PENSO	COMO PODERIA SER
<i>Não era pra eu tá aqui Posso ser morto a qualquer hora</i>	<i>Vou fazer tudo certo para poder cumprir e sair daqui Tudo é conversado é só não se envolver com o crime e com a violência</i>
<i>Posso me dar bem entrando em roubo com outros moleque.</i>	<i>Preciso na casa da namorada eu não vou topa com os moleques</i>
<i>Vou acertar as contas com a minha namorada quando eu sair daqui</i>	<i>Melhor eu tentar seguir a minha vida</i>

Tabela 17. Relato das autorregras emitidas por P2 e a possibilidade de substituição por novas autorregras.

O QUE EU PENSO	COMO PODERIA SER
<i>Talvez eu volte para o crime</i>	<i>Se eu voltar para o crime eu vou ser preso, sofrer de novo, ficar trancado</i>
<i>Posso querer me vingar e matar alguém</i>	<i>Se eu matar alguém, alguém pode vir me cobrar Eu não sou Deus para tirar a vida de alguém</i>
<i>Talvez eu volte a usar drogas</i>	<i>Já estou um bom tempo sem fumar Para que eu vou voltar a estragar a minha vida e minha saúde?</i>
<i>Tenho medo de voltar pra cá por algum motivo</i>	<i>Não vou voltar pra cá se eu não fizer nada de errado. Não vou ficar longe da minha família e no sofrimento</i>

Tabela 18. Relato das autorregras emitidas por P3 e a possibilidade de substituição por novas autorregras.

O QUE EU PENSO	COMO PODERIA SER
<i>Poderei voltar a fazer o que eu fazia antes</i>	<i>Preciso trocar uma ideia com o moleque do alojamento Não quero isso pra mim, já passei o que tinha que passar</i>
<i>A gente discute muito por coisa boba</i>	<i>Agora eu tenho três pessoas para depender de mim Vou começar a agir diferente Não quero reforçar mais os comportamento de conflito</i>
<i>Talvez eu entre em algumas casas pra conseguir grana</i>	<i>Vou estar trabalhando registrado na firma, não preciso mais disso Já foi o tempo disso, tá tudo na minha mão</i>
<i>Tenho medo de sair de casa e ser levado pelo moleques a fumar e voltar para o crime</i>	<i>Não moleque, to de boa Estou com a minha família Primeiro elas depois vocês</i>

Tabela 19. Relato das autorregras emitidas por P4 e a possibilidade de substituição por novas autorregras.

O QUE EU PENSO	COMO PODERIA SER
<i>Minha mãe tá correndo risco presa</i>	<i>Ela até pode ficar, mas ela vai sair daquele lugar ou nem vai ser presa</i>
<i>Não vai dar certo eu sair dessa vida</i>	<i>Vou ficar pensando nas oportunidades boas, arrumar</i>

<i>Eu vou roubar pela adrenalina</i>	<i>um curso, uma profissão, terminar os estudos</i>
<i>Vou fazer as minhas tias pagarem pelo que fizeram</i>	<i>Vou ganhar na honestidade</i>
<i>Vou matar o moleque que desandou a minha irmã no entorpecente</i>	<i>Ganhar dinheiro com meu esforço</i>
<i>Isso aqui é um desastre, uma droga</i>	<i>Deixar elas de boa</i>
	<i>Mais cedo ou mais tarde a mente delas vai pesar sobre isso</i>
	<i>Vou deixar ele quieto porque a mão de Deus pesa</i>
	<i>Vou conseguir passar por essas barreiras, pensar na namorada e sair o quanto antes para ganhar oportunidades de emprego lá fora</i>

Todos os adolescentes relataram emissão constante de pensamentos sobre a possibilidade de retorno às práticas infracionais, sugerindo que eles não possuem controle sobre as contingências após o cumprimento das medidas socioeducativas. Entretanto, com a atividade todos os participantes apresentaram autorregras substitutivas as anteriores. Com a discussão, os adolescentes alegaram que a mudança das autorregras poderia auxiliá-los na emissão de respostas alternativas frente a situações que tivessem relação com a prática infracional.

A quinta sessão foi dedicada para se trabalhar com o comportamento assertivo. Primeiramente explicou-se para os participantes que o desenvolvimento da assertividade poderia contribuir diretamente com o desenvolvimento do comportamento de autocontrole. Utilizou-se do procedimento de *role-playing* para treinar comportamentos públicos dos adolescentes. Eles exemplificaram situações que servem de ocasião para a emissão de respostas consideradas agressivas, respostas consideradas passivas e por fim, respostas que possam ser definidas como assertivas. Além da descrição dos comportamentos os adolescentes encenaram o contexto baseados em situações vivenciadas por eles. Eles mudaram o tom de voz, postura, expressões faciais como forma de auxiliar no treino de assertividade.

As Tabelas 20, 21, 22 e 23 apresentam os resultados da atividade de treino realizada após a orientação sobre comportamentos de assertividade.

Tabela 20. Situação indicada por P1 e descrição de três possibilidades de emissão de comportamento, agressivo, passivo e assertivo.

SITUAÇÃO	AGRESSIVO	PASSIVO	ASSERTIVO
<i>Um amigo vem e me convida para roubar uma casa.</i>	<i>O que é isso rapaz? Vá se danar!</i>	<i>Ahh sei lá, vamos que vamos então</i> ...	<i>To de boa. Mas, se você chamar outra pessoa talvez ela vá.</i>
<i>O educador falta com humildade e me destrata.</i>	<i>O que é isso rapaz? Tá me tirando? Tá de onda com a minha cara?</i>	<i>Ah de boa... tudo bem...</i>	<i>O educador, não estou falando nesse tom com você, não precisa falar nesse tom comigo. Vamos</i>

<i>Colega me convida para fazer algo errado.</i>	<i>O que é isso rapaz? Tá me tirando? Tá de onda com a minha cara?</i>	<i>Ahh... Ok.. tudo bem.</i>	<i>ficar de boa. Ah de boa, vou sair, vou na casa da minha namorada.</i>
<i>A namorada veio falar dizendo que está com outro cara.</i>	<i>O que? Tá louca?? Vou te matar!</i>	<i>Beleza, então tá.</i>	<i>Depois falo com você. Deixa eu acalmar a minha mente, depois trocamos uma ideia.</i>

Tabela 21. Situação indicada por P2 e descrição de três possibilidades de emissão de comportamento, agressivo, passivo e assertivo.

SITUAÇÃO	AGRESSIVO	PASSIVO	ASSERTIVO
<i>Um me convida para fumar maconha.</i>	<i>Tá louco véio! Vou fumar nada!</i>	<i>Ah não sei. Vamos sim.</i>	<i>Não fumar não. Não quero isso pra mim. Tenta sair dessa também, não te levar a nada</i>
<i>Amigo me oferece droga para eu vender.</i>	<i>Que é moleque? Vai vender você!</i>	<i>Ahh não sei. Me da aí. Deixa eu vender.</i>	<i>Não vira vender. Não vira arriscar a sorte. Eu já caí e sei que lá é só sofrimento.</i>
<i>A mãe o pai vem me dá uma bronca.</i>	<i>Vai tomar no... ! Vai começar a me xingar?</i>	<i>Ahh...</i>	<i>Mãe, desculpa. Eu não vou fazer mais. Vou lá fazer o que você quer pai.</i>
<i>Vem um colega briga e debocha aqui dentro.</i>	<i>Saio dando soco. Vai tomar...!!</i>	<i>Ahhh... para...</i>	<i>O colega, não vira brigar, porque nós vamos se empenhar, ficar de castigo por bobagem.</i>
<i>O educador age sem humildade e briga comigo.</i>	<i>Só aqui que vai me pegar no soco! Lá fora é outra coisa...!</i>	<i>Me da uma chance...</i>	<i>Foi mal, eu sei que eu errei, não precisa disso, vou ficar na minha.</i>

Tabela 22. Situação indicada por P3 e descrição de três possibilidades de emissão de comportamento, agressivo, passivo e assertivo.

SITUAÇÃO	AGRESSIVO	PASSIVO	ASSERTIVO
<i>Um amigo vem pra me convidar pra praticar um crime.</i>	<i>Ô loco véio! Que crime é esse? Quem é esse cara? Vamo pegar esse cara!</i>	<i>Ah não to de boa... tá.. vamos...</i>	<i>Vamos trocar uma ideia, vamos ver os dois lados pra não fazer essa coisa desnecessária.</i>
<i>Um educador age sem humildade e com grosseria.</i>	<i>Qual é educador? Vai no tomar no...!</i>	<i>To de boa cara... ahh..</i>	<i>Pra que isso? Se é mais velho tem que dar respeito. Vamos ficar de boa.</i>
<i>A minha namorada deu peti por ciúmes de outra menina.</i>	<i>Tá louco menina? Tá enlouquecendo? Essas besteirinhas vão pegar pro teu lado</i>	<i>Não amor... não é isso..</i>	<i>Vamos conversar. Se não quiser escutar tudo bem.</i>

Tabela 23. Situação indicada por P4 e descrição de três possibilidades de emissão de comportamento, agressivo, passivo e assertivo.

SITUAÇÃO	AGRESSIVO	PASSIVO	ASSERTIVO
<i>Um amigo vem pra me convidar pra cometer um roubo.</i>	<i>Ahh! Sai fora ô! Seu frango!</i>	<i>Ahh... vamo....</i>	<i>Hoje não dá. Desculpa aí, mas hoje eu não vou não.</i>
<i>O educador falta com humildade e age com grosseria.</i>	<i>Vai tomar... Vou te pegar...</i>	<i>Ah...</i>	<i>Faz o favor de ter mais humildade, como eu tenho com você.</i>
<i>Um colega daqui me convida pra uma coisa errada</i>	<i>Ah véio! Faz sozinho meu!</i>	<i>Vamo lá então...</i>	<i>To de boa. Isso é corre forte. Não vou tomar medida atoa.</i>

Nessa atividade, todos os adolescentes conseguiram compreender qual a diferença entre o comportamento agressivo, passivo e assertivo. Por meio da atividade *role play* eles apresentaram comportamentos verbais e não-verbais condizente com a situação e com o comportamento definido. Na situação de passividade apresentaram tom de voz baixo, cabeça abaixada e postura de submissão. Já na situação de agressividade, apresentaram tom de voz alto, comportamentos não-verbais de hostilidade e expressões faciais de indignação. Por fim, no comportamento de assertividades, todos os adolescentes apresentaram postura ereta, contato visual, tom de voz moderado e expressões faciais de tranquilidade. A atividade sugere que os participantes entenderam a atividade. Pela discussão todos alegaram que o comportamento de assertividade geraria consequência benéficas para o convívio social.

A sexta sessão foi realizada com o objetivo de ensinar o adolescente a diminuir o nível de ansiedade através de técnica de relaxamento e do condicionamento encoberto. Neste encontro, a pesquisadora auxiliou o adolescente a controlar a própria respiração desenvolvendo habilidade para enfrentar situações cotidianas que produzam tensão e ansiedade. Junto à atividade de controle de respiração houve a possibilidade de o adolescente emitir autoinstruções que sirvam de estímulo discriminativo para relaxar imediatamente em momentos de estresse.

Na sessão os adolescentes optaram por juntar duas cadeiras para sentir-se mais confortável. A pesquisadora apagou a luz e solicitou que o adolescente ficasse relaxado e fechasse os olhos. Foi dado início ao processo de treino de respiração. Seguindo a voz da pesquisadora que solicitava que eles imaginassem um lugar tranquilo, eles foram lentamente relaxando. Mesmo sendo solicitado que eles imaginassem um contexto em que agiriam com impulsividade, apenas o P3 conseguiu imaginar a situação e o comportamento de autocontrole que poderia ser emitido. Os outros três adolescentes (P1, P2 e P4) disseram não conseguir

imaginar outro contexto que não o que havia imaginado primeiramente, alegando estarem profundamente relaxados. Todos os participantes se imaginaram jogando futebol e soltando pipa em locais tranquilos. O P3 imaginou-se feliz junto com a namorada e a filha que estava para nascer. No término da atividade o P4 emocionou-se ao contar o que havia imaginado. As verbalizações foram positivas por parte dos quatro adolescentes. Foi solicitado que esse exercício fosse repetido no mínimo duas vezes por dia. Todos os adolescentes alegaram realizar constantemente a técnica de respiração no alojamento.

A sétima sessão objetivou ensinar ao adolescente a tomada de decisão em situações conflitantes entre um reforço menor e imediato e um maior e com atraso. Após a orientação foi realizada uma atividade em que o adolescente verbalizou seus objetivos para o futuro e teve a possibilidade de refletir sobre as consequências positivas mesmo que haja um custo de resposta. As Tabelas 24, 25, 26 e 27 apresentam os relatos verbais dos adolescentes após a orientação e discussão.

Tabela 24. Levantamento realizado por P1 sobre os objetivos para o futuro, consequências positivas dos objetivos, desafios encontrados e planejamento das ações.

O QUE EU DESEJO PARA O MEU FUTURO	QUAIS SÃO AS RECOMPENSAS?	QUAIS SÃO OS DESAFIOS?	O QUE EU DEVO FAZER PARA CONSEGUIR?
<i>Ser MC (cantor)</i>	<i>Ganhar dinheiro Ter uma vida boa Não precisar trabalhar tanto</i>	<i>Estudar música Ficar longe das más companhias Ficar longe do crime</i>	<i>Trabalhar Dedicar ao serviço Compor bastante Treinar</i>
<i>Ser jogador de futebol</i>	<i>Ter um futuro promissor Dinheiro Fama Dignidade</i>	<i>Treinar muito Ir para uma escolinha Ficar longe do crime e das más companhias</i>	<i>Batalhar Ir atrás de um clube Treinar bastante</i>

Tabela 25. Levantamento realizado por P2 sobre os objetivos para o futuro, consequências positivas dos objetivos, desafios encontrados e planejamento das ações.

O QUE EU DESEJO PARA O MEU FUTURO	QUAIS SÃO AS RECOMPENSAS?	QUAIS SÃO OS DESAFIOS?	O QUE EU DEVO FAZER PARA CONSEGUIR?
<i>Arranjar um bom serviço (mecânico)</i>	<i>Ganhar bastante Trabalhar pouco</i>	<i>Estudar bastante Dedicar tempo para curso ao invés de diversão</i>	<i>Estudar Fazer cursos Trabalhar em outros lugares primeiro Juntar dinheiro</i>
<i>Ser jogador de futebol</i>	<i>Ganhar muito dinheiro Ganhar fama</i>	<i>Ter responsabilidade Treinar muito Participar de treino Ficar longe da diversão</i>	<i>Treinar Procurar uma escolinha e um clube</i>
<i>Casar e ter uma família</i>	<i>Felicidade Companhia Diversão</i>	<i>Ficar longe da diversão Arrumar uma namorada Pegar confiança Trabalhar</i>	<i>Dar valor para mulher</i>
<i>Comprar casa, carro e moto</i>	<i>Não vou precisar pagar aluguel Não vou andar a pé</i>	<i>Trabalhar muito Ter um bom trabalho ter estudo</i>	<i>Estudar Arrumar um bom trabalho Ficar firme no serviço Juntar dinheiro</i>

Tabela 26. Levantamento realizado por P3 sobre os objetivos para o futuro, consequências positivas dos objetivos, desafios encontrados e planejamento das ações.

O QUE EU DESEJO PARA O MEU FUTURO	QUAIS SÃO AS RECOMPENSAS?	QUAIS SÃO OS DESAFIOS?	O QUE EU DEVO FAZER PARA CONSEGUIR?
<i>Ter minha carteira de motorista</i>	<i>Posso ir a qualquer lugar que a policia não me da multa Viajar</i>	<i>Estudar para prova teórica Ficar mais em casa Juntar dinheiro</i>	<i>Trabalhar registrado Dar entrada nos papéis Torcer e ter fé</i>
<i>Ser muito feliz com a minha namorada, minha mãe e minha filha</i>	<i>Ter dias de lazer com a minha família Companhia Felicidade Amor</i>	<i>Responsabilidade Evitar prazeres imediatos Cortar alguns amigos</i>	<i>Manter um bom relacionamento Manter o controle Ter diálogo Passar mais tempo em casa</i>
<i>Ser Professor de educação física</i>	<i>Ter minha própria academia Ser personal Ganhar bastante dinheiro Dar aula na cadeia</i>	<i>Passar mais tempo estudando Abrir mão das más companhias Abrir mão do prazer imediato Dedicar-se muito aos estudos</i>	<i>Estudar agora muito Tentar a faculdade Ir bem nas provas Planejar como vai ser a academia Informações de como conseguir</i>

Tabela 27. Levantamento realizado por P4 sobre os objetivos para o futuro, consequências positivas dos objetivos, desafios encontrados e planejamento das ações.

O QUE EU DESEJO PARA O MEU FUTURO	QUAIS SÃO AS RECOMPENSAS?	QUAIS SÃO OS DESAFIOS?	O QUE EU DEVO FAZER PARA CONSEGUIR?
<i>Montar um lava rápido</i>	<i>Ter dinheiro Novas habilidades Novas amizades Contatos com cliente Dar condição melhor para a família</i>	<i>Ficar longe da galera Não voltar para o Cense Não fazer coisas erradas Não gastar dinheiro à toa</i>	<i>Planejar Juntar dinheiro Pesquisar maquinário Pesquisar terrenos Pedir ajuda</i>
<i>Casar com a namorada</i>	<i>Uma pessoa para quem confiar Companhia Repartir os problemas Ter objetivos juntos</i>	<i>Ficar longe das amigas ruins Ficar mais dentro de casa Trabalhar e ter um lugar para morar</i>	<i>Planejar a lua de mel no yacht no meio do mar Trabalhar Gastar menos Juntar dinheiro Ver a data do casamento</i>
<i>Ter uma profissão de mecânico</i>	<i>Aprender uma profissão diferente Aprender as peças do carro Ganhar dinheiro Comprar o que quero Ninguém me incriminar Honestidade e humildade</i>	<i>Gastar menos Fazer cursos Acabar os estudos Ficar longe das amigas ruins</i>	<i>Nunca desistir do sonho Procurar trabalho na área Continuar curso na área</i>

Nessa atividade os 4 adolescentes apresentaram objetivos relacionados a profissão. Assim sugere-se que eles possuem objetivos definidos para o momento em que retomem o convívio social. Todos relataram que para chegar ao objetivo necessitam afastar-se dos seus pares que influenciam na prática de atos infracionais além de comportamentos de planejamento e organização financeira.

O oitavo encontro foi parte da intervenção realizada pelo pesquisador Padovani (2003). Nesta sessão trabalhou-se a orientação para resolução de problemas e uma atividade que se dividiu em: “Análise Descritiva da Situação Problema” e “Preparando-se para a Provocação”. A primeira parte da atividade, onde constava uma situação problema proporcionou aos adolescentes a identificação de sentimentos, avaliação da situação problema, análise de possíveis consequências, prevenção de respostas automáticas, tomada de decisão e avaliação da decisão. Na segunda parte, o adolescente foi treinado a lidar com situações de provocação. A pesquisadora solicitou que o adolescente fechasse os olhos e imaginasse que alguém estaria o provocando e o deixando com muita raiva. Após foi orientado que o adolescente abrisse os olhos e verbalizasse o que deveria ser perguntado para si. O participante indicou três atitudes que poderiam ser tomadas em caso de provocação. As Tabelas 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35 apresentam os resultados da atividade.

Tabela 28. Análise descritiva de uma situação problema realizada por P1.

Problema que enfrentei ou estou enfrentando	<i>A prisão</i>
Sentimento	<i>Ansiedade, medo que demore para eu ir embora, sinto que meus avós estão sofrendo</i>
Resolução	<i>Ficar de boa, não pegar medida, ficar tranquilo, respeitar os educadores, auxiliar no relatório</i>
É seguro essa ação?	<i>Sim</i>
Sentimento das demais pessoas	<i>Entenderão o que aconteceu sem nenhum problema</i>
Aspectos positivos da ação	<i>Eu posso ganhar a minha liberdade e ajudar os meus avós que estão precisando</i>
Aspectos negativos da ação	<i>Não tem</i>
Decisão tomada	<i>Vou ficar de boa para conseguir a minha liberdade</i>
Preparação para lidar com a situação	<i>Mais ou menos preparado, pelo tempo que estou aqui tenho a visão do que pode e não pode</i>

Tabela 29. Análise descritiva de uma situação de provocação realizada por P1.

O que fazer quando perceber perda do controle	<i>Jogar futebol, dar uma volta, jogar carta, sair com alguém</i>
O que fazer quando ficar nervoso para não perder o controle	<i>Respirar, ler um livro, raciocinar sobre a situação</i>
Consequências para mim e para os outros	<i>Vai ficar de boa pra mim e para os outros, ninguém vai sair constrangido da história</i>
Sentimento vivenciado	<i>Medo, pensamento acelerado</i>
Sensações corporais	<i>Inquietação, falta de ar</i>
O que fazer para mudar as sensações	<i>Ler um livro, fazer a respiração, conversar um pouco, dormir</i>

Tabela 30. Análise descritiva de uma situação problema realizada por P2.

Problema que enfrentei ou estou enfrentando	<i>Estou preso</i>
Sentimento	<i>Estou me sentindo revoltado</i>
Resolução	<i>Ficando de boa, fazendo minhas atividades para passar o tempo</i>
É seguro essa ação?	<i>Sim</i>
Sentimento das demais pessoas	<i>Entenderão o que aconteceu sem nenhum problema</i>
Aspectos positivos da ação	<i>Posso ir embora mais rápido e posso participar de bastante atividades, posso ser elogiado pelos educadores e pelos técnicos</i>
Aspectos negativos da ação	<i>Não tem</i>
Decisão tomada	<i>Continuar dessa forma, continuar de boa</i>
Preparação para lidar com a situação	<i>Sim estou</i>

Tabela 31. Análise descritiva de uma situação de provocação realizada por P2.

O que fazer quando perceber perda do controle	<i>Respirar, pensar numa coisa boa: eu sei que não sou mais o mesmo, tentar ficar calmo</i>
O que fazer quando ficar nervoso para não perder o controle	<i>Respirar, pensar que não compensa e que pode me prejudicar, sair do local</i>
Consequências para mim e para os outros	<i>Se for aqui dentro não vou me empenhar, não ia ter perigo de voltar pra cá, ia ser bom para eu e os outros ficar aliviados</i>
Sentimento vivenciado	<i>Pensamento acelerado</i>
Sensações corporais	<i>Suor</i>
O que fazer para mudar as sensações	<i>Respirar, pensar numa coisa boa para ficar calmo, relaxado</i>

Tabela 32. Análise descritiva de uma situação problema realizada por P3.

Problema que enfrentei ou estou enfrentando	<i>Estou preso</i>
Sentimento	<i>Tristeza e um pouco de solidão</i>
Resolução	<i>Refletindo para pensar no que errei</i>
É seguro essa ação?	<i>Sim</i>
Sentimento das demais pessoas	<i>Triste</i>
Aspectos positivos da ação	<i>Ir ser melhor para mim e podia tá tranquilo com a minha família, ia poder tá encontrando oportunidade para os meus objetivos, as pessoas podem acreditar em mim numa boa</i>
Aspectos negativos da ação	<i>Se eu perdesse a cabeça ia tudo por água a baixo</i>
Decisão tomada	<i>Continuar numa boa e ve no que vai dar</i>
Preparação para lidar com a situação	<i>Sim, estou sempre pensando</i>

Tabela 33. Análise descritiva de uma situação de provocação realizada por P3.

O que fazer quando perceber perda do controle	<i>Pensar dez vezes, ter calma e ter controle da situação, fechar os olhos e controlar a respiração</i>
O que fazer quando ficar nervoso para não perder o controle	<i>Me acalmar pensando, arrumar alguma alternativa para a situação, saber dialogar</i>
Consequências para mim e para os outros	<i>Bom pra mim e bom para os outros</i>
Sentimento vivenciado	<i>Inquietação</i>
Sensações corporais	<i>Batimento acelerado do coração</i>
O que fazer para mudar as sensações	<i>Relaxar para ficar calmo, manter o controle da situação</i>

Tabela 34. Análise descritiva de uma situação problema realizada por P4.

Problema que enfrentei ou estou enfrentando	<i>Estar preso</i>
Sentimento	<i>Saudade da minha namorada</i>
Resolução	<i>Tendo paciência, fazendo a coisa boa para não voltar, parar de tomar medida, manter o controle</i>
É seguro essa ação?	<i>Não, aqui dentro a paciência pode esgotar e na rua tem várias sementes do mal</i>
Sentimento das demais pessoas	<i>Entenderão o que aconteceu sem nenhum problema</i>
Aspectos positivos da ação	<i>Vou embora mais cedo, ganhar mais oportunidades, ganhar uma externa</i>
Aspectos negativos da ação	<i>Nada</i>
Decisão tomada	<i>Boas decisões, ficar de boa</i>
Preparação para lidar com a situação	<i>Não estou</i>

Tabela 35. Análise descritiva de uma situação de provocação realizada pelo P4.

O que fazer quando perceber perda do controle	<i>Manter o controle, fazer a respiração, procurar a melhor forma de se resolver, sair de perto</i>
O que fazer quando ficar nervoso para não perder o controle	<i>Respiração, procurar um canto onde ninguém me incomode, tentar manter o controle refletindo</i>
Consequências para mim e para os outros	<i>Serão boas, aprender a manter o controle, legais, as pessoas manterão o controle</i>
Sentimento vivenciado	<i>Pensamentos acelerado, inquietação</i>
Sensações corporais	<i>Nenhuma</i>
O que fazer para mudar as sensações	<i>-----</i>

Nessa sessão todos os participantes alegaram que a situação problema que estavam vivenciando era estar “preso”. Os sentimentos surgidos foram de solidão, revolta e ansiedade.

Todos compreenderam que uma alternativa para sair da situação de perda de controle é manter a calma através da respiração e relaxamento. Nenhum adolescente apresentou dificuldade para a realização da atividade. Na discussão no final da sessão, todos relataram que tiveram facilidade em resolver a atividade principalmente por ter aprendido sobre comportamentos, sentimentos e estratégias de controle nas sessões que antecederam a essa.

A nona sessão teve a intenção de ensinar o adolescente a emitir autoinstruções durante a realização de tarefas ou de situações que ele precise pensar antes da tomada de decisão. Embora o quebra-cabeça seja bastante conhecido em nossa cultura e, em alguns casos, relativamente simples de se montar, três dos adolescentes (P1, P2 e P4) alegaram pouco contato com o brinquedo e apresentaram dificuldade no encaixe das peças. Apenas o P3 teve familiaridade com o brinquedo. Durante a atividade todos foram orientados a refletir sobre os procedimentos de montagem em voz alta. Eles deram autoinstruções emitindo o auto reforço (elogio) quando havia êxito na montagem das peças. A atividade foi divertida e proporcionou aos adolescentes a emissão de comportamentos verbais junto com o comportamento não verbal. A discussão no término da sessão teve como objetivo orientá-los para que seja treinado em outras atividades.

Por fim, a última sessão proporcionou a discussão sobre todas as sessões anteriores como: os comportamentos emitidos no decorrer das semanas, dificuldades encontradas, motivação para mudança, objetivos após o término de cumprimento da medida socioeducativa e orientação sobre manutenção do comportamento. Todos os adolescentes relataram mudança nos comportamento e facilidade em lidar com situações de conflito. Todos alegaram que gostariam de continuar com os atendimentos como forma de auxiliar no desenvolvimento de outros repertórios comportamentais.

Nessa sessão foi também aplicado um questionário de satisfação como forma de aprimorar a intervenção e avaliar o grau de satisfação dos participantes envolvidos como apresenta a Tabela 36. Os resultados apontam para satisfação entre os quatro adolescentes. Dentre os aspectos de insatisfação levantados no questionário estão: número de sessões, duração do tempo de atendimento. Os adolescentes afirmaram que se houvessem mais sessões da forma com que foram organizadas as atividades e se durassem mais de uma hora proporcionaria maior probabilidade de manutenção do comportamento aprendido.

Tabela 36. Resultado da satisfação em relação ao programa de intervenção apresentado pelo número de relatos positivos e negativos.

	P1	P2	P3	P4
NEGATIVO (INSATISFEITO)	03	04	06	05
POSITIVO (SATISFEITO)	30	29	27	28

6 Discussão

Apesar dos resultados apresentarem significativa diminuição de comportamentos considerados de impulsividade, se comparadas as fases de pré e pós-teste, deve-se atentar para a presença de outras variáveis responsáveis pela diminuição das medidas disciplinares como é o caso dos adolescentes acreditarem que a pesquisadora possui relação com o Estado, diminuindo assim o tempo de internação deles no Centro. Outro aspecto relevante para o desenvolvimento do comportamento-alvo pode estar na afetividade e acolhimento desses adolescentes, cuja permanência na instituição faz com eles encontrem-se vulneráveis e suscetíveis ao estabelecimento de vínculos.

Por se tratar de uma pesquisa de mestrado, o tempo de acompanhamento desses jovens pode ser considerado breve, uma vez que houve demora na liberação da pesquisa e dificuldade em conciliar os atendimentos com as atividades que os adolescentes realizam na instituição. Seriam necessários mais meses para realização dos atendimentos como havia sido previsto no projeto inicial. Em virtude do cronograma, alguns atendimentos foram realizados duas vezes por semana, o tempo de *follow up* também foi reduzido para um número menor de semanas.

A observação também precisou ser reduzida. Ela foi realizada em uma única sessão, pois durante a fase de pré-teste os adolescentes estavam cumprindo medidas disciplinares, permanecendo solitários durante o tempo de solário. Nesta fase não houve emissão de comportamentos considerados de impulsividade.

Embora todas as atividades tenham sido realizadas e cumpridas como o previsto, algumas técnicas poderiam apresentar resultados mais satisfatórios se realizadas em um ambiente favorável, como é o caso da técnica de relaxamento. As salas, os ruídos e a movimentação de outros internos dificultou a realização da atividade.

Percebeu-se também durante o tempo de intervenção que muitas medidas são aplicadas de maneira inconsistente podendo gerar comportamentos de contracontrole e dificultar nos resultados esperados de desenvolvimento de autocontrole. A possibilidade de diagnóstico de TDAH em dois dos participantes também pode ser um fator relevante para

dificuldade na diminuição dos comportamentos de impulsividade, uma vez que a característica de impulsividade é comum a esse transtorno.

Embora sejam fundamentais pesquisas aplicadas para colaborar para o desenvolvimento de tecnologia, poucas são as formas de se avaliar os resultados de pesquisas aplicadas, sobretudo, por se tratar de relato verbal. Ademais como aponta Kazdin (1982) o procedimento aplicado pode ser precário, ao apontar possíveis variáveis externas que possam interferir na validade interna do estudo. Dentre as ameaças à validade apontadas pelo pesquisador, neste estudo podemos avaliar que possam influenciar nos resultados dos procedimentos a história, maturação e instrumentação. Essas variáveis podem ser destacadas como os repertórios iniciais antes do treino, variabilidades individuais dos participantes, contextos da aplicação dos procedimentos, repertórios individuais de seguimento de regras (ou não), forma de manipulação das contingências pelo experimentador e variáveis específicas dos procedimentos, como o caso da metodologia escolhida.

No entanto, mesmo havendo inúmeras variáveis que podem dificultar a fidedignidade dos resultados, a presente intervenção proporcionou aos adolescentes uma forma de escuta não punitiva, diferente do que ocorre no ambiente natural, além da possibilidade de se trabalhar aspectos que possibilite a reflexão sobre muitos dos comportamentos emitidos durante a fase que antecedeu a internação e a própria fase de internação. Não se deve ignorar igualmente o fato de proporcionar ao adolescente a compreensão de que se ele manipular o próprio comportamento ele terá, entre outros aspectos, maior facilidade de conviver socialmente e resolver problemas que invariavelmente ocorrem no seu cotidiano.

Considerações finais

A partir desse estudo pode-se concluir que houve diminuição de medidas disciplinares cumpridas pelos adolescentes durante o período de internação e durante a fase de *follow up*, do mesmo modo houve alteração no relato dos educadores em relação ao comportamento dos adolescentes quando comparadas as fases de pré e pós-teste, onde eles alegaram pouca ou nenhuma emissão de comportamentos considerados de impulsividade por parte dos quatro participantes da pesquisa corroborando assim com os dados de estudos (Padovani, 2003, Rocha, 2008) que apontam para a possibilidade de intervir com esse grupo.

Sabe-se, no entanto, que somente uma intervenção terapêutica não acabaria com um problema tão delicado como é o caso da violência urbana. Outros problemas como déficit escolar, os transtornos associados, a exclusão social, a exposição à violência familiar, o

envolvimento com drogas e a prática de delitos, que revelam a ineficiência do Estado aos cuidados dispensados aos adolescentes, é a realidade que muitos deles se depararão após cumprirem as medidas socioeducativas. Esses fatores apontam para as falhas na rede de proteção à infância, cuja principal consequência está no aumento do número de adolescentes que praticam atos infracionais. Entretanto, a tentativa de proporcionar a aprendizagem de novos comportamentos aos adolescentes que já possuem o histórico de envolvimento com práticas infracionais deve continuar.

Deste modo, sugere-se que novas pesquisas envolvendo programas de intervenção devam ser desenvolvidas no intuito de proporcionar novos comportamentos em adolescentes em conflito com a lei, uma vez que é possível inferir efetividade no que se refere a diminuição de comportamentos considerados de impulsividade e aumento de comportamentos de autocontrole após a intervenção com os quatro adolescentes desse estudo.

Referências

- Berri, G. (2004). *Programa de Intervenção em Práticas Parentais para Mães de Adolescentes em Conflito com a Lei*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Psicologia da Infância e da Adolescência da UFPR.
- Conte, F. C. S. (1996). *Pesquisa e Intervenção Clínica em Comportamento Delinqüente numa Comunidade Pobre*. Tese de Doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Del Prette, G. & Almeida, T. A. C. (2012). *O uso de Técnicas na clínica Analítico Comportamental*. In Borges, N. B. & Cassas, F. A. (Orgs). *Clínica Analítico Comportamental: aspectos Teóricos e Práticos*. Porto Alegre: Ed. Artmed.
- Gallo, A. E. (2006). *Adolescentes em conflito com a lei: perfil e intervenção*. Tese de Doutorado Publicada. Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Gallo, A. E. (2008). Atuação do psicólogo com adolescentes em conflito com a lei: a experiência do Canadá. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 327-334.
- Gomide, P. I. C.(2003). *Estilos parentais e comportamento anti-social*. Em A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidade Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem*. 21-60. Campinas: Alínea.
- Gomide, P. I. C. (1998). *Menor Infrator: a Caminho de um Novo Tempo*. Curitiba: Juruá.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: Modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.

- Hanna, E. S. & Ribeiro, M. R. (2005). Autocontrole: um caso especial de comportamento de escolha. In: *Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação*. São Paulo: Artmed, 10, 175-87.
- Kazdin A.E. (1982). *Single-case research designs: methods for clinical and applied settings*. New York: Oxford University Press.
- Padovani, R. C. (2003). *Resolução de problemas com adolescentes em conflito com a lei: uma proposta de intervenção*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de São Carlos.
- Rocha, G. V. M. (2008). *Psicoterapia analítico-comportamental com adolescentes infratores de alto-risco: modificação de padrões anti-sociais e diminuição da reincidência criminal*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Schlinger, Jr. H. D. (1995). *A behavior analytic view of child development*. New York: Plenum Press.
- Skinner, B. F. (2006). *Sobre o Behaviorismo*. Tradução de M. da P. Villalobos. São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1974).
- Skinner, B. F. (1991). *O eu iniciador*. Em B.F. Skinner (org.) Tradução de Anita Liberalesso Néri. Campinas: Ed. Papyrus. (Trabalho original publicado em 1989). Questões Recentes na Análise Comportamental.

ANEXO 1
Resolução de problemas

ORIENTAÇÃO PARA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS (Padovani, 2003)

Diante de qualquer problema:

- 1) Identifique ou reconheça a situação problema;
- 2) Aceite que os problemas são normais e inevitáveis e que a solução de problema é um meio eficaz;
- 3) Tenha autocontrole (respire fundo, saia para dar uma volta, tome um banho)
- 4) Pare e pense
- 5) Ponha em ordem seus pensamentos
- 6) Não seja impulsivo
- 7) Avalie as consequências : maximize as consequências positivas e minimize as consequências negativas

Diante de qualquer problema procure verificar:

- 1) Quem está envolvido neste problema?
- 2) Quem é o responsável por este problema?
- 3) O que estou sentindo ao enfrentar este problema?
- 4) Como estou pensando em resolver este problema?
- 5) O que acontecerá se eu não solucionar este problema?
- 6) Como começou este problema?
- 7) Como devo solucionar este problema?

Levantamento dos ganhos:

- 1) A solução foi adequada? Sim Não
- 2) Eu estou me sentindo bem com a decisão tomada? Sim Não
- 3) Eu estou satisfeito com a resolução? Sim Não
- 4) Os resultados desta decisão foram bons ou ruins? Sim Não
- 5) Eu consegui manter o controle? Sim Não

ANÁLISE DESCRITIVA DA SITUAÇÃO PROBLEMA

1. Qual o problema que enfrentei ou estou enfrentando?

2. O que senti ou estou sentindo?

3. Como você poderia resolver esse problema?

Para cada solução pergunte:

4. Essa solução é segura? () sim () não

5. Como as pessoas se sentirão?

() bravas () com medo () com raiva () tristes () assustadas
() entenderão o que aconteceu, sem nenhum problema

6. O que pode acontecer se eu agir dessa maneira?

7. Qual é a melhor coisa que pode acontecer, se eu agir dessa maneira?

8. E a pior?

9. O que tem mais chance de acontecer?

10. Que decisão eu vou tomar?

11. Eu estou preparado para lidar com essa situação?

12. Se eu agir dessa maneira é a melhor forma?

PREPARANDO-SE PARA A PROVOCAÇÃO

Quando alguém lhe provocar pergunte para si mesmo:

1. Isto é realmente importante para mim?

sim não

2. O que estou sentindo e o que estou pensando vai me ajudar?

sim não

3. Se eu agir da maneira como estou pensando, isto vai me trazer mais problemas?

sim não

4. Se eu conseguir me controlar, isto vai me trazer vantagens?

sim não

5. O que eu devo fazer quando eu perceber que vou perder o controle?

6. Se eu ficar nervoso o que fazer para não perder o controle?

7. Quais as consequências para mim e para os outros se eu tomar essa decisão?

9. O que estou sentindo neste momento ?

() raiva

() medo

() pensamento acelerado

() irritação

() vontade de explodir

() inquietação

9. Estas sensações são boas ou ruins?

() Boas () Ruins

10. Quais as sensações corporais que estou experimentando?

() tremor de mãos () suor () batimento acelerado do coração

() inquietação () falta de ar

11. O que eu posso fazer para mudar essas sensações?

ANEXO 2
Roteiro de entrevista para o adolescente

**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O ADOLESCENTE
(Padovani, 2003)**

Identificação

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Telefone: _____

Nascimento: _____

Nome do Pai: _____

Nome da Mãe: _____

Irmãos / idade: _____

Moradia

Você mora com seus pais? () Sim () Não

Se não, responda: Com quem você mora atualmente? _____

Quantas pessoas moram nesta casa? _____

Escola

Série: _____

Repetiu: () sim () não

Qual (ais) série (s)? _____

Parou de estudar? () sim () não

O que o levou a parar de estudar? _____

Você já fugiu de casa? () sim () não

Quantas vezes? _____

O que o levou a fugir?

O que aconteceu? _____

Quantas vezes? _____

Substância química

Você fuma? () sim () não

Quantos maços por dia? _____

Você tem medo de desenvolver algum tipo de doença em função do uso frequente de

Cigarro? () sim () não

Uso de bebidas alcoólica e/ou drogas:

Tipo: _____

Com que idade iniciou o uso? _____

Já se envolveu em brigas ou qualquer tipo de confusão por estar sob o efeito do álcool ou

Drogas? () sim () não

Como foi a situação?

Infância e família de origem

Como foi sua infância?

Relacionamento com o pai:

Relacionamento com a mãe:

Relacionamento com irmãos:

Disciplina usada na educação dos filhos?

Seu pai era violento com a sua mãe?

Seu pai ou sua mãe eram violentos com você (s)?

Relacionamento com amigos

Como é o relacionamento com seus amigos?

Seus amigos já tiveram problemas com a polícia ou com a justiça?

Seus amigos usam bebidas alcoólicas e/ou drogas?

Autoimagem

Quais são suas qualidades:

E defeitos:

Tem algum tipo de atitude / comportamento que você gostaria de mudar?

Você usa algum tipo de medicamento? Quem passou a medicação?

Você já pensou ou tentou se matar? Quantas vezes?

Quem te ajudou nesse momento? De que forma ajudou?

Com quem você conta nos momentos difíceis?

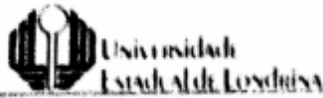
Qual foi o dia mais feliz da sua vida?

Qual foi o dia mais triste?

Se você pudesse realizar três desejos, o que você pediria?

O que você achou de participar desta entrevista?

ANEXO 3
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
 Universidade Estadual de Londrina
 Registro CONEP 5231

Parecer CEP/UFL: 100/2014
CAAE: 20412014.0.000.5231
Data da Relatoria: 07/03/2014
Pesquisador(a): Fernanda Mendes Caleiro
Unidade/Orgão: CCB - Departamento de Biologia

Prezado(a) Senhor(a)

O Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (Registro CONEP 5231) - de acordo com as orientações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e Resoluções Complementares, avaliou o projeto

"EFEITOS DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DE AUTOCONTROLE COM ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI"

Situação do Projeto **Aprovado**

Informamos que deverá ser comunicada, por escrito, qualquer modificação que ocorra no desenvolvimento da pesquisa, bem como deverá apresentar ao CEP/UFL, via Plataforma Brasil, relatório final da pesquisa

Londrina, 10 de março de 2014


Prof. Dra. Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli
 Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
 Universidade Estadual de Londrina



ANEXO 4
Termo de Confidencialidade e Sigilo
(apresentado ao Diretor da Instituição coparticipante)

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO

Eu **Fernanda Mendes Caleiro, brasileira, solteira, Psicóloga, inscrito (a) no CPF/ MF sob o nº 008098800-83**, abaixo firmado, assumo o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre todas as informações técnicas e outras relacionadas ao projeto de pesquisa intitulado "Efeitos de um programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei", a que tiver acesso nas dependências do (Centro de Socioeducação de Londrina) da (Universidade Estadual de Londrina).

Por este termo de confidencialidade e sigilo comprometo-me:

1. A não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gerar benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para o uso de terceiros;
2. A não efetuar nenhuma gravação ou cópia da documentação confidencial a que tiver acesso;
3. A não apropriar-se para si ou para outrem de material confidencial e/ou sigiloso da tecnologia que venha a ser disponível;
4. A não repassar o conhecimento das informações confidenciais, responsabilizando-se por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por seu intermédio, e obrigando-se, assim, a ressarcir a ocorrência de qualquer dano e / ou prejuízo oriundo de uma eventual quebra de sigilo das informações fornecidas.

Neste Termo, as seguintes expressões serão assim definidas:

Informação Confidencial significará toda informação revelada através da apresentação da tecnologia, a respeito de, ou, associada com a Avaliação, sob a forma escrita, verbal ou por quaisquer outros meios.

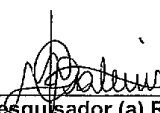
Informação Confidencial inclui, mas não se limita, a informação relativa às operações, processos, planos ou intenções, informações sobre produção, instalações, equipamentos, segredos de negócio, segredo de fábrica, dados, habilidades especializadas, projetos, métodos e metodologia, fluxogramas, especializações, componentes, fórmulas, produtos, amostras, diagramas, desenhos de esquema industrial, patentes, oportunidades de mercado e questões relativas a negócios revelados da tecnologia supra mencionada.

Avaliação significará todas e quaisquer discussões, conversações ou negociações entre, ou com as partes, de alguma forma relacionada ou associada com a apresentação da tecnologia, acima mencionada.

A vigência da obrigação de confidencialidade e sigilo, assumida pela minha pessoa por meio deste termo, terá a validade enquanto a informação não for tornada de conhecimento público por qualquer outra pessoa, ou mediante autorização escrita, concedida à minha pessoa pelas partes interessadas neste termo.

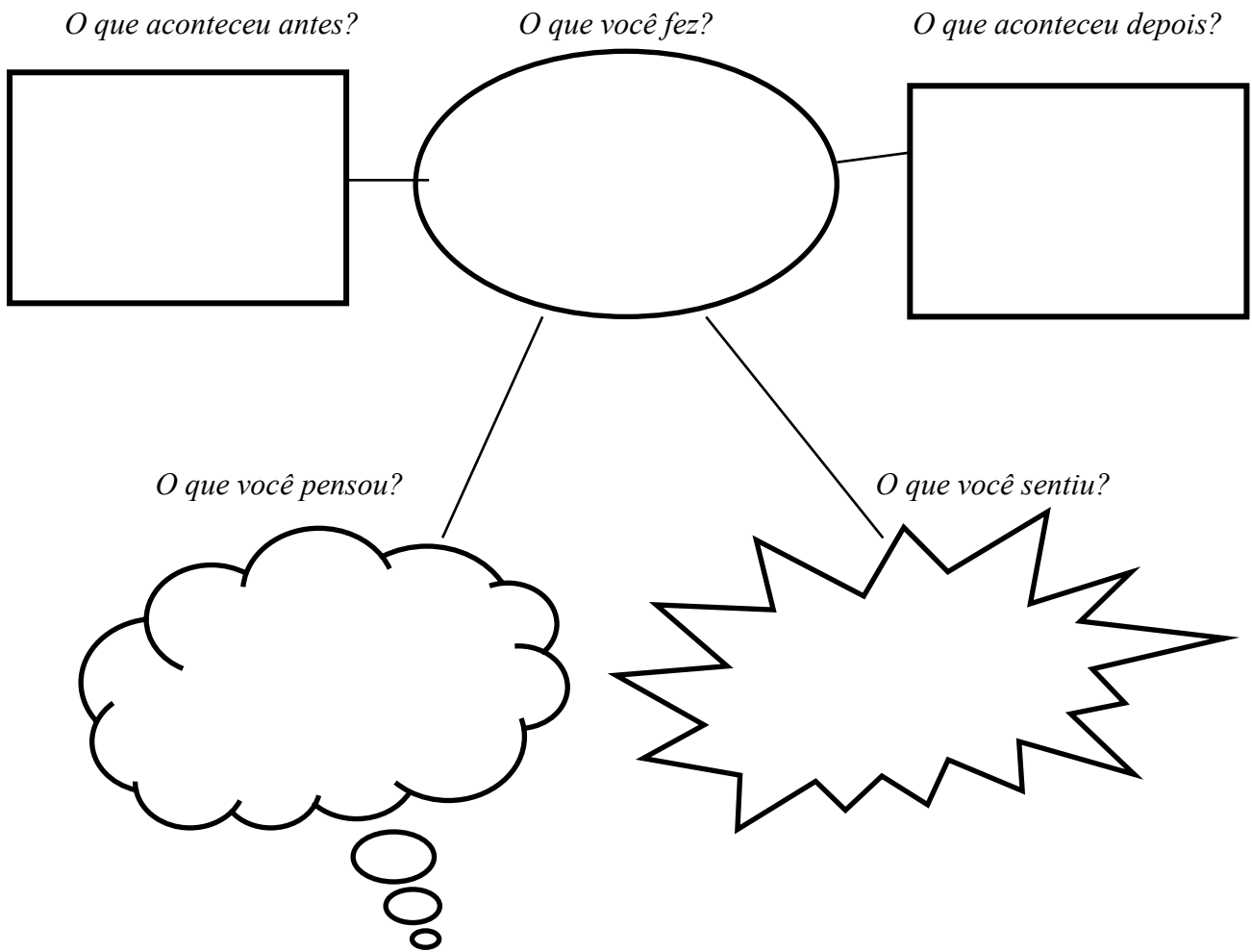
Pelo não cumprimento do presente Termo de Confidencialidade e Sigilo, fica o abaixo assinado ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Londrina, 22/01/2014


Pesquisador (a) Responsável

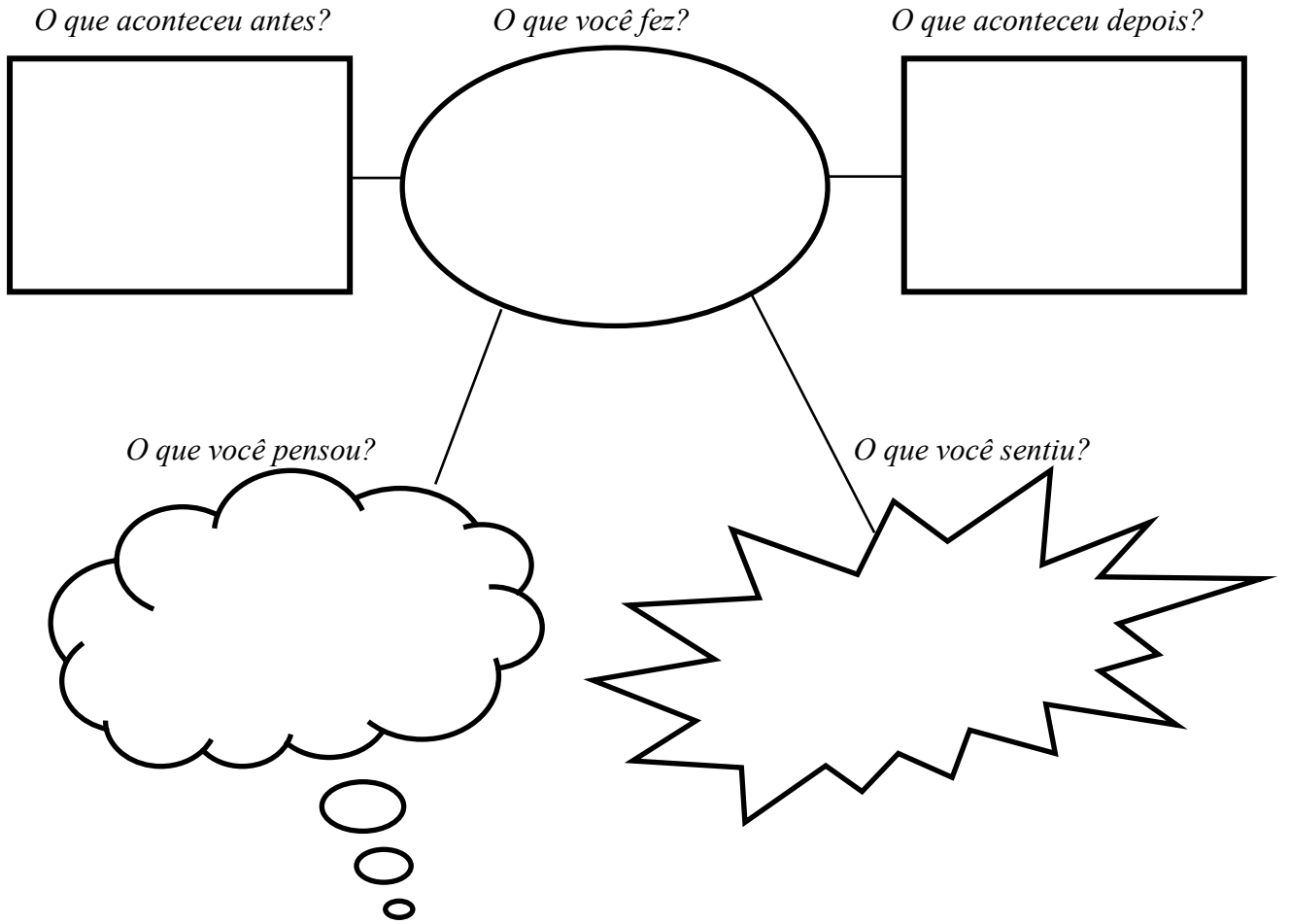
APÊNDICE A
Como estou me comportando?

COMO ESTOU ME COMPORTANDO?



APÊNDICE B
Como devo me comportar?

COMO DEVO ME COMPORTAR?



APÊNDICE C
Mudando alguns pensamentos

APÊNDICE D
Desenvolvendo comportamentos assertivos

DESENVOLVENDO COMPORTAMENTOS ASSERTIVOS

CONCEITO

ASSERTIVO	PASSIVO	AGRESSIVO
<p>Comportamento não verbal Olhar no olho da pessoa Tom de voz natural Mãos soltas Postura ereta</p>	<p>Comportamento não verbal Olhar para baixo Voz baixa Retorce as mãos Postura retraída</p>	<p>Comportamento não verbal Olhar fixo Voz alta Gestos de ameaça Postura intimidativa</p>
<p>Comportamento verbal Penso, sinto, façamos assim, como podemos resolver isso ? O que você pensa ?</p>	<p>Comportamento verbal Está bem, Ehh..., Bem..., ok, Não se incomode, Então tudo bem</p>	<p>Comportamento verbal Deve estar brincando... Fala sério..., Se não fizer... Você não sabe.</p>
<p>Consequências Resolve os problemas Sente-se a vontade Não sente culpa Relaxado Gosta de si e dos demais Faz bem para si e para os demais</p>	<p>Consequências Conflitos pessoais Tristeza Maltrata-se Tensão Medo Não gosta de si mesmo nem dos outros Imagem ruim de si</p>	<p>Consequências Conflitos com os outros Fica sozinho Fica só com pessoas agressivas Prejudica a si e os demais Não consegue amigos Consegue mais problemas</p>

APÊNDICE E
Encorajamento para o futuro

ENCORAJAMENTO PARA O FUTURO



Atrasado



Consequência menor e não tão boa

Imediato

ENCORAJAMENTO SOBRE O FUTURO

APÊNDICE F
Questionário de satisfação com o programa de intervenção

QUESTIONÁRIO DE SATISFAÇÃO COM O PROGRAMA DE INTERVENÇÃO

Por favor, preencha este questionário. Assim, você estará nos ajudando a melhorar a intervenção no futuro. Seja o mais sincero possível, sua resposta é confidencial. Faça um círculo no número que esteja mais próximo de sua opinião.

SESSÕES

Apresentação e informações sobre o programa de intervenção:

Inútil 1 2 3 4 5 6 7 Muito útil

Atividades e orientações sobre comportamentos frente a determinadas situações:

Inútil 1 2 3 4 5 6 7 Muito útil

Desenvolvimento de novos pensamentos:

Inútil 1 2 3 4 5 6 7 Muito útil

Desenvolvimento de novas atitudes:

Inútil 1 2 3 4 5 6 7 Muito útil

Aprendizagem sobre como relaxar:

Inútil 1 2 3 4 5 6 7 Muito útil

Orientação para o futuro:

Inútil 1 2 3 4 5 6 7 Muito útil

Planejamento e solução de problemas:

Inútil 1 2 3 4 5 6 7 Muito útil

Fechamento e avaliação da intervenção:

Inútil 1 2 3 4 5 6 7 Muito útil

Desenvolvimento de comportamentos de autocontrole:

Inútil 1 2 3 4 5 6 7 Muito útil

PROGRAMA EM GERAL**Achou o esquema da intervenção:**

Difícil	1	2	3	4	5	6	7	Fácil
Nada válido	1	2	3	4	5	6	7	Muito válido
Relaxado	1	2	3	4	5	6	7	Tenso
Vazio	1	2	3	4	5	6	7	Completo (assuntos e conteúdos tratados)
Desconfortável	1	2	3	4	5	6	7	Confortável

TÉCNICAS UTILIZADAS**Preenchimento de folhas e questionários:**

Nada interessante	1	2	3	4	5	6	7	Muito Interessante
Inútil	1	2	3	4	5	6	7	Útil
Desagradável	1	2	3	4	5	6	7	Agradável
Pouco	1	2	3	4	5	6	7	Muito

Informações passadas pelo terapeuta:

Nada interessante	1	2	3	4	5	6	7	Muito Interessante
Inútil	1	2	3	4	5	6	7	Útil
Desagradável	1	2	3	4	5	6	7	Agradável
Pouco	1	2	3	4	5	6	7	Muito

Discussões com o terapeuta:

Nada interessante	1	2	3	4	5	6	7	Muito Interessante
Inútil	1	2	3	4	5	6	7	Útil
Desagradável	1	2	3	4	5	6	7	Agradável
Pouco	1	2	3	4	5	6	7	Muito

FORMATO**Duração das sessões:**

Muito curta 1 2 3 4 5 6 7 Muito longa

Número de sessões:

Pouco 1 2 3 4 5 6 7 Muito

SUA OPINIÃO SOBRE O TERAPEUTA**As intervenções e explicações dadas fizeram sentido?**

Nenhum sentido 1 2 3 4 5 6 7 Muito sentido

O quanto se sentiu acolhido, compreendido e respeitado?

Insuficiente 1 2 3 4 5 6 7 Suficientemente

Para você, a forma e os temas abordados na intervenção fazem sentido?

Lógico 1 2 3 4 5 6 7 Sem lógica

Sente que esta intervenção afetou o seu grau de motivação para mudança e desenvolvimento para o futuro?

Não afetou nada 1 2 3 4 5 6 7 Afetou muito

Recomendaria esta intervenção a um amigo?

Nem um pouco 1 2 3 4 5 6 7 Com certeza

Caso ache necessário, escreva a seguir comentários sobre qualquer aspecto da intervenção que queria ou que não tenha sido mencionado anteriormente:

Formato (número e duração de sessões etc.):

Técnicas utilizadas (explicações, exercícios individuais, discussões):

Terapeuta:

Temas abordados:

Outros:

Obrigado, a sua resposta nos foi muito útil!

APÊNDICE G
Roteiro de entrevista para a família e Educadores Sociais

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A FAMÍLIA E EDUCADORES SOCIAIS

Por favor, contribua com suas respostas. Assim, você estará nos ajudando a melhorar a intervenção no futuro. Seja o mais sincero possível, sua resposta é confidencial.

1. O adolescente apresentou comportamentos de agressão física com o Senhor (a) ou qualquer outra pessoa na sua presença?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

2. O adolescente apresentou comportamentos de agressão verbal com o Senhor (a) ou qualquer outra pessoa na sua presença?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

3. O adolescente apresentou comportamentos de depredação de objetos na sua presença?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

4. O adolescente apresentou comportamentos autolesão na sua presença?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

5.

6. O adolescente apresentou comportamentos de ameaças contra o Senhor (a) ou qualquer outra pessoa?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

7. O adolescente envolveu-se com atividades consideradas ilegais nos últimos meses?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

8. O adolescente consumiu drogas nos últimos meses?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

9. O adolescente apresentou dificuldade em seguir determinadas regras nos últimos meses?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

10. O adolescente envolveu-se em comportamento que considerados perigosos nos últimos meses?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

11. O adolescente apresentou dificuldade em envolver-se com tarefas simples, que requeriam paciência?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

12. O adolescente apresentou dificuldade em de conter-se em situações que necessitavam de calma?

raramente poucas vezes frequentemente sempre nunca

Quais? _____

13. O adolescente emitiu comportamentos rápidos e possivelmente sem ter pensado nas consequências antes?

() raramente () poucas vezes () frequentemente () sempre () nunca

Quais? _____

APÊNDICE H
Protocolo de observação

APÊNDICE I
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
(apresentado ao familiar ou responsável pelo adolescente e ao adolescente participante)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: “Efeitos de um programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei”

Prezados:

Gostaríamos de convidá-los a participar da pesquisa “Efeitos de um programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei”, realizada no “Centro de Socioeducação de Londrina - PR”. O objetivo da pesquisa é avaliar os resultados de um programa de intervenção em comportamentos de impulsividade aumentando o repertório de autocontrole em adolescentes em conflito com a lei. A sua autorização como familiar responsável pelo adolescente é muito importante e a entrevista realizada com o Senhor (a) tem o objetivo de verificar a emissão de comportamentos do adolescente antes do programa de intervenção. A pesquisa encontra-se estruturada da seguinte forma: Na primeira etapa serão realizadas entrevistas com o familiar, educadores sociais e adolescentes participantes da pesquisa seguida por observações dos comportamentos dos adolescentes. Na segunda etapa ocorrerão dez sessões de psicoterapia com os adolescentes. Na última etapa serão realizadas entrevistas com os educadores sociais e observações dos comportamentos dos adolescentes, a fim de se avaliar os resultados da intervenção. Gostaríamos de esclarecer que a sua participação e a do adolescente é totalmente voluntária, podendo vocês: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer prejuízo à sua pessoa ou ao participante que está sob sua responsabilidade. Informamos ainda, que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar suas identidades. Os benefícios esperados são desenvolver comportamentos de autocontrole nos adolescentes e contribuir para os programas de reabilitação dos jovens que cumprem medidas socioeducativas. Informamos que o(a) Senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode contatar Fernanda Mendes Caleiro, Psicologia Geral e Análise do Comportamento - Centro de Ciências Biológicas – Universidade Estadual de Londrina, no telefone (43) 33714203, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Avenida Robert Kock, nº 60, no telefone (43) 33712490. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Londrina, 10 de março de 2014.

Fernanda Mendes Caleiro RG: 1077326278

_____ (nome do responsável), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa e autorizo o _____ a também participar da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____ **Data:** _____

_____ (nome do adolescente), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita _____ acima **Assinatura:** _____

Data: _____

APÊNDICE J
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
(Educador Social)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: “Efeitos de um programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa “Efeitos de um programa de intervenção analítico-comportamental de autocontrole com adolescentes em conflito com a lei”, realizada no “Centro de Socioeducação de Londrina - PR”. O objetivo da pesquisa é avaliar os resultados de um programa de intervenção em comportamentos de impulsividade aumentando o repertório de autocontrole em adolescentes em conflito com a lei. A entrevista a ser realizada com o Senhor (a) tem o objetivo de realizar um levantamento da emissão de comportamentos dos adolescentes antes e após o programa de intervenção. A pesquisa encontra-se estruturada da seguinte forma: Na primeira etapa será realizada uma entrevista com a família, com os educadores sociais e com os adolescentes, seguido de observações dos comportamentos dos adolescentes. Na segunda etapa ocorrerão dez sessões de psicoterapia com os adolescentes participantes. Na última etapa serão realizadas entrevistas com os educadores sociais e observações dos comportamentos dos adolescentes, a fim de se avaliar os resultados da intervenção. Gostaríamos de esclarecer que a sua é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar as identidades envolvidas. Os benefícios esperados são desenvolver comportamentos de autocontrole nos adolescentes e contribuir para os programas de reabilitação desses jovens que cumprem medidas socioeducativas. Informamos que o(a) Senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode contatar Fernanda Mendes Caleiro, Psicologia Geral e Análise do Comportamento - Centro de Ciências Biológicas – Universidade Estadual de Londrina, no telefone (43) 84221771, fercaleiro@hotmail.com, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Avenida Robert Kock, nº 60, no telefone (43) 33712490. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Londrina, 10 de março de 2014.

Fernanda Mendes Caleiro

RG: 1077326278

_____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____